



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES/MG
Recredenciamento e-MEC 200901929
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

ANA PAULA CAMPOS

MINHA CANETA É A ENXADA:

**Um Estudo sobre Letramentos na Comunidade Quilombola
do Taquaral em Três Corações – MG**

TRÊS CORAÇÕES
2013

ANA PAULA CAMPOS

MINHA CANETA É A ENXADA:

**Um Estudo sobre Letramentos na Comunidade Quilombola
do Taquaral em Três Corações – MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Linguagem Cultura e Discurso – da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Lílian Teixeira de Sousa.

**Três Corações
2013**

**Ficha Catalográfica preparada pela Divisão de Processamento Técnico da Biblioteca da
Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR**

C198m Campos, Ana Paula

Minha caneta é a enxada: um estudo sobre letramentos na comunidade quilombola do Taquaral em Três Corações / Ana Paula Campos -- Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2013.

114 p. : il.

Orientadora: Lilian Teixeira de Souza

Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – UNINCOR / Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2013.

1. Letramentos. 2. História oral. 3. Comunidade Quilombola. 4. Três Corações. I. Campos, Ana Paula. II. Souza, Lilian Teixeira. III. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. IV. Título.

CDD 410

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e dois dias do mês de março de dois mil e treze, o **Professor Doutor Elias Ribeiro da Silva** e a **Professora Doutora Sueli Maria Ramos Silva**, sob a presidência da **Professora Doutora Lílian Teixeira de Sousa**, membros de banca examinadora, reuniram-se para a sessão de defesa da dissertação intitulada “**Minha caneta é a enxada. Um estudo sobre letramentos e marcas da oralidade na comunidade quilombola do Taquaral em Três Corações - MG**” da mestranda **Ana Paula Campos**, aluna do Curso de Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso. O resultado foi pela aprovação. Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Três Corações, 22 de março de 2013.



Prof.^ª. Dr.^ª. Lílian Teixeira de Sousa
Presidente



Prof. Dr. Elias Ribeiro da Silva
Membro da Banca



Prof.^ª. Dr.^ª. Sueli Maria Ramos Silva
Membro da Banca



Prof. Ms. Carlos Manoel Frade
Pró – Reitor



Adriana da Silva Ferreira
Secretária Geral

Dedico
Ao meu amado pai Monclar Campos (*in memoriam*) e
a minha amada e heroica mãe Dedé, exemplo e Amor eterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus que nas noites mais escuras fez-se acender um imenso farol para dirigir a minha vida e me levar a águas seguras.

Agradeço às minhas amigas Namar Figueiredo e Edézia Cristina de Moraes que por um longo tempo acompanham minha trajetória acadêmica e me fortaleceram nos momentos em que meu coração hesitava e minhas pernas pareciam não ter forças para continuar a caminhada, amigas que sempre me fazem lembrar a mulher forte que existe em mim, porque me espelho nas experiências de vida delas.

Agradeço em especial à professora/amiga Tida Carvalho, que trouxe em seus olhos e em suas palavras a esperança, o conhecimento, a alegria e a emoção que somente as “letras” podem nos proporcionar, e ainda o maior legado deste curso de mestrado, a consciência de que a Literatura humaniza os homens.

Agradeço aos professores Ana Lúcia e Paulo Roberto Almeida pelo acolhimento nesta caminhada, pois o tempo foi curto demais para o aprendizado, mas o suficiente para semear o carinho e a amizade que ultrapassa as relações meramente acadêmicas.

Agradeço ao amigo e parceiro de muitas orientações professor José Geraldo Marques, pelas muitas horas de estudo, muitas leituras recomendadas que fortaleceram as minhas concepções de mundo e ampliaram o meu letramento ideológico, e claro, o exemplo de que na simplicidade é que os grandes ensinamentos são construídos, e que verdadeiramente, como dizia Paulo Freire, os homens aprendem em comunhão.

Agradeço ao professor Gil Negreiros pela autonomia dispensada para que eu pudesse seguir as minhas inspirações de forma a dar a minha própria identidade ao presente trabalho. Que as nossas orações o possam alcançar em Santa Maria – RS, cidade pela qual registramos nessas linhas a nossa solidariedade e o nosso pesar. Quis o destino que fôssemos testemunhas de acontecimentos trágicos que nos traz a reflexão sobre a oportunidade que hoje gozamos ao realizar o encerramento de um ciclo em nossas vidas.

Agradeço de forma singular, a Lilian Teixeira de Sousa, professora e orientadora final desta dissertação, pela serenidade diante dos desafios postos para a conclusão desse trabalho, pela confiança na nossa capacidade de alinhar os conhecimentos e construir uma pesquisa com a cara e a essência dos estudos linguísticos e em especial sociolinguísticos.

Agradeço oportunamente às professoras Sueli Ramos e Assunção Cristóvão que ao analisarem a “protoforma” desta pesquisa nos ajudaram a enxergar para além do que as

palavras transcritas queriam nos dizer, que o valor de um enunciado nem sempre estará nas palavras ditas, mas na forma como elas foram ditas.

Agradeço aos docentes da área de Literatura, especialmente às professoras Cilene Margareth Pereira e Ana Cláudia Romano, pelo conhecimento e pela paixão pela Arte e pelas Letras, por direcionar a nossa compreensão de alta literatura e por gerar em nossas vidas o estranhamento necessário para entender e amar a Literatura.

Agradeço aos moradores da comunidade do Taquaral, irmãos na luta, irmãos na matricialidade africana, mais do que colaboradores para esta pesquisa, uma nova família que muito nos inspirou e nos ensinou nesses dois anos de visitas e pesquisas. Mais do que a existência, a resistência de vocês é a pedra fundamental de nossa dissertação.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de mestrado concedida, que possibilitou a nossa permanência nesta pós-graduação e realização desta pesquisa.

A todos os colegas de curso, especialmente aos amigos e parceiros da Área de Linguística, pela luta com os textos e com as palavras, a cada apresentação, a cada despedida de um docente, a cada etapa vencida fomos fortalecendo a nossa amizade e o desejo de sucesso para cada um e para todos. A vocês, Marcos Flávio, Rosângela, Marcelo, Namar e especialmente a irmã de coração e de lutas Adryana Priscilla.

A todos os amigos e funcionários da Universidade Vale do Rio Verde, parceiros em todos os momentos, dos meninos da portaria aos amigos da Biblioteca Conselheira Dr.^a Nair Fontes Abumehry, onde destaco a presteza e atenção do amigo Waldemar Beccáres Folgueiras.

Aos novos amigos e parceiros externos de nossa pesquisa, Paulo Barros, Andressa Gonçalves e Danielle Terra do Museu da Oralidade de Três Corações, onde iniciamos nosso aprendizado sobre a História Oral e aprendemos a amar a nossa Três Corações, a sua história e a sua gente.

E aos amigos Márcia Fonseca e Pedro Barboza, colaboradores da pesquisa de primeira hora que muito contribuiu para a realização desse trabalho e nos inspirou com suas histórias e lições de vida.

As amigas Valma Heloísa Goulart e Débora Figueiredo pelo empreendimento de seus conhecimentos em momentos cruciais dessa pesquisa. E especialmente, (novamente) à amiga Namar Figueiredo que dividiu tudo o que foi possível e necessário para a nossa trajetória nesse mestrado e nessa pesquisa, da logística para a participação no curso e pesquisa de campo ao compartilhamento de tema e de *corpus*; você foi a doação em pessoa e um exemplo.

EPÍGRAFE

“A vida não me chegava pelos jornais, nem pelos livros.
Vinha da boca do povo na língua errada do povo.
Língua certa do povo.”

Manuel Bandeira

RESUMO

CAMPOS, Ana Paula. **MINHA CANETA É A ENXADA: Um Estudo sobre Letramentos na Comunidade Quilombola do Taquaral em Três Corações – MG.** 2013 p.121 (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UninCor – Três Corações/MG.

A presente dissertação apresenta um estudo sobre a comunidade quilombola do Taquaral situada no município de Três Corações/MG. Uma comunidade rural que devido ao seu isolamento geográfico em relação ao meio urbano, apresenta um quadro de difícil acesso de seus moradores à escolarização formal, sendo esta, insuficiente para apreender a “norma culta” da língua portuguesa, indispensável para o desenvolvimento das práticas sociais que envolvem a escrita. Em muitos casos as práticas de letramento presentes em comunidades rurais são ligadas ao letramento vernacular. No entanto, a pesquisa demonstra que ao contrário do que se supunha, a escola presente na comunidade tem amplo papel na disseminação de práticas de letramento autônomo e, principalmente ideológico, uma vez que no seu espaço físico e cotidiano, que ocorrem as práticas de letramento cultural (religioso, histórico), em que são trabalhados os componentes que determinam a identificação de seus moradores com a história, a cultura negra, a religiosidade e a autoafirmação quilombola. Os pressupostos teóricos em linguística contaram principalmente com os trabalhos de Bakhtin (1992;1995), Kleiman (1995; 1998), Marcuschi (2004), Rojo (1998; 2007; 2009), Soares (2006), Street (1993) e Sito (2010), sendo que na linha teórica de História Oral temos Bosi (1994; 1996), Freitas (2002), Meihy (2000), Thompson (2002) e Vansina (2010). Para realizar a investigação sobre os eventos de letramento ocorridos na comunidade, objetivo principal deste trabalho, foi necessário o trabalho de campo com visitas e entrevistas contínuas para registros de áudio e fotográfico, de forma a construir o *corpus* da pesquisa. Para tanto, fez-se necessária, inicialmente, a metodologia de História Oral, ou seja, a coleta de depoimentos orais gravados e transcritos por meio das convenções e regras do Projeto Nurc/SP e a coleta de documentos e registros históricos para complementar os dados obtidos para análise; a Pesquisa Bibliográfica foi imprescindível para o tratamento do *corpus* e o direcionamento teórico e, principalmente, linguístico da investigação. Os documentos e entrevistas realizadas foram suficientes para garantir a contextualização do campo, o levantamento do *corpus* de pesquisa e assim demonstrar as práticas de letramento presentes na comunidade do Taquaral, explicitando o embricamento do letramento religioso dentro das atividades culturais realizadas na escola para além das práticas de letramentos concernente na igreja, e seus ritos litúrgicos. Outro aspecto levantado esteve relacionado às práticas de letramento emergentes devido à mobilização e instituição da associação de moradores, tendo em vista que os procedimentos burocráticos demandaram dos moradores da comunidade o contato direto com as práticas letradas e contribuíram para estimular a ocorrência de outros eventos de letramentos com a participação da comunidade, sendo um deles, a presente pesquisa de mestrado.

Palavras-chave: Letramentos, história oral, comunidade quilombola, Três Corações.

ABSTRACT

CAMPOS, Ana Paula. **MINHA CANETA É A ENXADA: Um Estudo sobre Letramentos na Comunidade Quilombola do Taquaral em Três Corações – MG.** 2013 p.121 (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UninCor – Três Corações/MG.

This paper presents a study of the Taquaral quilombola's community located in Três Corações/MG's city. A rural community due to its geographic isolation relative to urban areas, presents a difficult access of its residents to formal schooling, which is insufficient to capture the "official norms" of the Portuguese language, which is essential for the development of social practices involving writing. In many cases the literacy practices present in rural communities are linked to vernacular literacy. However, research shows that contrary to what was assumed in this school community has ample role in the spread of literacy practices standalone and mainly ideological, since the physical space and everyday life, occurring literacy practices cultural (religious, historical), in which the components are worked to determine the identity of its residents with the history, black culture, religiosity and self-affirmation maroon. The assumption in theoretical linguistics told mainly through the work of Bakhtin (1992, 1995), Kleiman (1995, 1998), Marcuschi (2004), Rojo (1998, 2007, 2009), Soares (2006), Street (1993) and Set (2010), and the theoretical line of oral history have Bosi (1994, 1996), Freitas (2002), Meihy (2000), Thompson (2002) and Vansina (2010). To conduct research on literacy events occurring in the community, main objective, it was necessary field work with visits and interviews for continuous audio and photographic records, in order to build the corpus of research. Therefore, it was necessary, first, the methodology of oral history, ie, the collection of oral testimonies recorded and transcribed by the rules and conventions of the Project NURC/SP and the collection of documents and historical records to supplement the data obtained for analysis, the Library Research was essential for the treatment of the corpus and the theoretical direction, and especially linguistic research. The documents and interviews were sufficient to ensure the contextualization of the field, lifting the corpus of research and thus demonstrate the literacy practices in the community Taquaral, explaining the imbrication of literacy within religious cultural activities held in school beyond the practical of literacies concerning the church and its liturgical rites. Another issue was related to literacy practices emerging due to mobilization and institution of the neighborhood association, given that bureaucratic procedures demanded of community residents direct contact with the literacy practices and helped stimulate the occurrence of other events literacies with the participation of the community, being one of them, this master's research.

Keywords: Literacies, oral history, quilombola's community, Três Corações.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto: Comunidade Magnificat, entrada para a estrada rural sentido à Comunidade do Taquaral, também conhecida como Portal de Cambuquira	18
Figura 2 – Carta de Liberdade (cópia n.º 1) e Carta com tradução realizada por Márcia Fonseca	19
Figura 3 - Transcrição da Carta n.º 1 (observações da historiadora Márcia Fonseca).	20
Figura 4 – Foto da Comunidade do Taquaral registrada em 23/09/2011.	22
Figura 5 – Edital de Convocação para fundação da Associação de Moradores do Taquaral	24
Figura 6 – 1ª Ata de organização a Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral	25
Figura 7 - Ofício da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral – AMPCT de filiação a União Tricordiana de Associações de Moradores - UTAM	26
Figura 8 – Página 01 e verso do Livro Caixa da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral – AMPCT	27
Figura 9 - Mapa manuscrito do Taquaral elaborado pela historiadora Márcia Fonseca.....	30
Figura 10 – Foto da primeira visita à Comunidade do Taquaral, em conversa com a liderança comunitária em 23/09/2011	26
Figura 11 – Foto da primeira visita á comunidade do Taquaral realizada em 23/09/2011.	32
Figura 12 - Foto da esteira de taquara produzida por moradores da comunidade da Cotta, em 02/11/11.	33
Figura 13 – Levantamento Planimétrico da Comunidade do Taquaral (MAPA)	36
Figura 14 - Imagens da missa na Igreja São Pedro no Taquaral, registradas no dia 29/04/2012 e extraídas do documentário “Taquaral Raízes”	37
Figura 15 – Imagem extraída do documentário “Taquaral Raízes”, no trecho em que é registrada a reunião entre a liderança comunitária e pesquisadoras no dia 29/12/2012.....	38
Figura 16 – Esquema do INCRA definindo os procedimentos de titulação de territórios quilombolas no Brasil.....	43
Figura 17 – Primeira página do Estatuto da Associação de Moradores e Proprietários do Taquaral – AMPCT.....	44

Figura 18 – Apresentação da Congada das crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca.....	47
Figura 19 – Apresentação da Folia de Reis das crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca	48
Figura 20 – Apresentação da Folia de Reis das crianças do Taquaral nas comemorações do aniversário de Três Corações em 2012.....	49
Figura 21 – Apresentação de Fazenda Velha pelas crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca	51
Figura 22 – Capa do CD African DreamLand.....	52
Figura 23 – Letra da música “ <i>Kula Bebe</i> ”, transcrição manual de Márcia Fonseca	52
Figura 24 – Apresentação da canção <i>Kula Bebe</i> pelas crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca	53
Figura 25 – Registro fotográfico do 1º Seminário de Formação do Grupo Negro Nagô... ..	98
Figura 26 – Documentos elaborados pelos moradores através da Associação de Moradores e Proprietários do Taquaral - AMPCT.....	99
Figura 27 – Reunião com Dr. Cláudio Pereira no bar do Luiz Antônio com os moradores da Comunidade do Taquaral em 18 de abril de 2012	99
Figura 28 – Comunidade Evangelizadora Magnificat (Símbolo e foto da entrada).....	101
Figura 29 – Letramento religioso com o uso de material impresso para realização e acompanhamento da celebração.	102
Figura 30 – Cantiga do Pai João ensinada às crianças do Taquaral no Projeto Nossa história, nossa vida	104
Figura 31 – Atividades realizadas na E.M. Nelson Rezende Fonseca no Dia da Criança em 2012.	105
Figura 32 – Imagens do projeto “Nossa história, nossa vida”.....	107
Figura 33 – Capoeira, dança e músicas ensinada às crianças do Taquaral no Projeto Nossa história, nossa vida.	108
Figura 34 – Imagens dos meios tecnológicos presentes na Comunidade do Taquaral.....	109
Figura 35 – Fotos das pesquisadoras em visitas e contato com membros da Comunidade do Taquaral em 2011	111

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DOS EXEMPLOS

<i>OCORRÊNCIAS</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO*</i>
Incompreensão de palavras ou segmento	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como r, s)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo ?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha a moeda... existe uma retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebraram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira A. fizeram [LÁ... [Cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa nenhuma baRREIra entre nós” ...

Fonte: PRETI, 2003, p.15-16).

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? Você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Número: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh::: ... (alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO TAQUARAL	17
1.1 A COMUNIDADE DO TAQUARAL: A PESQUISA DOCUMENTAL	17
1.2 COMUNIDADE DO TAQUARAL: CONHECIMENTO DO CAMPO E LEVANTAMENTO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	29
1.3 COMUNIDADE DO TAQUARAL: A AUTOAFIRMAÇÃO QUILOMBOLA	40
1.4 O RESGATE DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NEGRAS NO TAQUARAL	45
1.4.1 O ENSINO DA CONGADA	46
1.4.2 O ENSINO DA FOLIA DE REIS	48
1.4.3 FAZENDA VELHA: O ENSINO DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL	50
1.4.4 KULA BEBE: A CANTIGA E A LIGAÇÃO COM A DESCENDÊNCIA AFRICANA	51
2. A HISTÓRIA ORAL	55
2.1 - A PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL COMO PANO DE FUNDO PARA RECONSTRUÇÃO DO PASSADO	55
2.2 – AS TRÊS LINHAS DE HISTÓRIA ORAL	63
2.2.1 – TRADIÇÃO ORAL	63
2.2.2 – HISTÓRIA DE VIDAS	66
2.2.3 – HISTÓRIA TEMÁTICA	68
2.3 INQUÉRITOS DO TAQUARAL: EXCERTOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	70
2.3.1 EXCERTO 1	71
2.3.2 EXCERTO 2	72
2.3.3 EXCERTO 3	76
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	80
3 LETRAMENTOS E MARCAS DA ORALIDADE: OBSERVAÇÕES TEÓRICAS	82
3.1 ESTUDOS DE LETRAMENTO	82
3.1.1 – ESTUDOS DO LETRAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A ORALIDADE X ESCRITA	82
3.1.2 LETRAMENTO(S): UM TERMO EM CONSTRUÇÃO	86
3.1.2.1. Letramento Autônomo	91
3.1.2.2. Letramento Ideológico	93
3.1.2.1 Outros Letramentos	94

4. ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CORPUS EM TRÊS DIMENSÕES...	97
4.1 PRÁTICAS DE LETRAMENTO CONSTATADAS NA COMUNIDADE DO TAQUARAL.....	97
4.1.1 AS ENTREVISTAS NO TAQUARAL	97
4.1.2 O SEMINÁRIO	97
4.1.3 A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	98
4.1.4 RELAÇÃO PODER PÚBLICO E COMUNIDADE	99
4.1.5 A RELIGIÃO ENQUANTO PRÁTICA DE LETRAMENTO	101
4.1.6 A ESCOLA NO TAQUARAL	105
4.1.7 MEIOS DE COMUNICAÇÃO	109
4.1.8 RELAÇÃO COMUNIDADE E ACADEMIA	110
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
6. REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação sobre os tipos de letramento presentes na comunidade quilombola do Taquaral, situada na zona rural de Três Corações – MG.

A caminhada nos estudos linguísticos realizados ao longo do Mestrado em Letras propiciou inicialmente que viéssemos a construir a investigação sobre o próprio letramento e essa análise contribuiu para identificar nossa proximidade com o objeto de pesquisa, de forma que, durante as visitas à comunidade do Taquaral e o processo de coleta de dados fosse estruturando o alinhamento teórico e metodológico adotados nesse trabalho.

Devido a conversas informais com moradores, nas quais buscávamos elementos para a presente pesquisa sobre o letramento, tivemos testemunhos, coleta de documentos, registros fotográficos e em recursos audiovisuais.

Na oportunidade, ainda sem recursos de captação de áudio, uma depoente citou a expressão “Minha caneta é a enxada” após ser questionada se a mesma havia estudado na infância. Considerando o analfabetismo implícito na resposta, observamos ao longo da pesquisa que as pessoas idosas da comunidade, poderiam ter outro tipo de letramento por não serem alfabetizadas na escola, e esse aspecto conduziria a práticas sociais de letramento ideológico, em especial do tipo vernacular¹.

As primeiras investigações demonstraram que o acesso ao conhecimento e informações vinha, principalmente, através da televisão e do rádio. Mas não foi a única forma de prática de letramento no Taquaral. A comunidade conta com uma pequena igreja, onde são celebradas missas dominicais e uma unidade de escola rural

Ao procurar conhecer a comunidade, uma das lideranças comunitárias nos informou sobre o processo de organização social da comunidade e o desejo de requerer o reconhecimento da titularidade quilombola, sendo que para isso os moradores tem buscado formas de preservar a história coletiva, alguns idosos foram convidados a contar as histórias de seu passado para o registro formalizado das origens da comunidade.

Esta postura de valorização da história e consulta aos moradores mais idosos, demonstra que as lideranças comunitárias perceberam que, pela idade avançada dos principais moradores (idosos), detentores do conhecimento dos fatos passados, eles estariam correndo grande risco

¹ Segundo Campos Almeida (2010), o letramento vernacular está relacionado aos letramentos menos valorizados que ocorrem fora do âmbito escolar.

de perder as informações guardadas nas memórias e experiências pessoais e familiares destes e seus antepassados.

De acordo com essas informações preliminares, definimos como problemática da pesquisa descobrir se esses procedimentos de contato com história oral, com a mobilização e organização da comunidade e as interferências externas poderiam caracterizar práticas de letramento dentro da comunidade do Taquaral, ainda que a comunidade esteja em meio rural.

Neste sentido, consideramos como hipóteses para o trabalho de pesquisa, em primeiro lugar, que mesmo em comunidades tradicionais (ou rurais) é possível identificar práticas de letramento entre seus membros. Em seguida, consideramos também que a luta pelo reconhecimento e titularidade quilombola seria responsável pela introdução de novas práticas de letramento no Taquaral. Supomos ainda que, ao falar com o público mais idoso conseguiríamos elencar as práticas de letramento presente na comunidade desde o passado e assim relacioná-las com o presente, de forma que poderíamos verificar se esses letramentos incidiriam no desenvolvimento de seus membros. E, finalmente, que o contato com a tradição oral, da prática de contar histórias presentes nas comunidades negras seria um dos principais eventos de letramento na comunidade.

Buscando avaliar a pertinência das hipóteses descritas, traçamos o trabalho da seguinte forma: situamos o campo de pesquisa e descrevemos, no Capítulo 1, os registros levantados durante todo o processo de pesquisa de forma a contextualizar a comunidade e elucidar as demais etapas do trabalho.

No Capítulo 2, tratamos da metodologia de pesquisa em história oral, que instrumentalizou nossa investigação e foi utilizada para identificar possíveis colaboradores para a pesquisa, com o apoio das lideranças do local. Esta escolha baseou-se nos procedimentos utilizados pela pesquisa em História Oral através do exemplar trabalho de Ecléa Bosi com o público idoso, e mais precisamente no campo dos estudos linguísticos, buscamos reforçar a escolha dos idosos como grupo a ser pesquisado, considerando o trabalho realizado por Dino Preti (1991; 2003) junto ao Projeto NURC-SP.

Embora o projeto NURC-SP tenha como principal objetivo os estudos da norma urbana linguística culta de grandes centros, como São Paulo, a metodologia que utilizamos no ao tratamento do acervo de entrevistas gravadas na comunidade do Taquaral, seguiu o modelo do Projeto NURC, pelo qual buscamos nos adaptar para garantir uma padronização das transcrições e assim elaborar um *corpus* exclusivo para a presente pesquisa.

No entanto, não foi estabelecido como informantes da pesquisa, os sujeitos pela sua variedade da língua, mas pelo critério de faixa etária, além da indicação feita pela liderança comunitária

devido ao potencial para relatar os fatos pretéritos da comunidade do Taquaral. Assim foram selecionados os moradores que participariam das entrevistas, que seriam no mínimo de 02 (duas) e no máximo de 05 (cinco) para a formação do *corpus* necessário às análises desse trabalho.

O *corpus* da pesquisa, através da história oral de vida, foi coletado com sujeitos da comunidade do Taquaral e/ou envolvidos com o passado da comunidade. Foram escolhidas para as entrevistas, preferencialmente, pessoas mais idosas que possuem vínculos familiares com os descendentes dos ex-escravos.

Também foi realizada pesquisa documental por meio da coleta de documentos, disponibilizados pelos entrevistados, que trazem informações sobre a comunidade tais como mapas, testamentos, certidões, etc. Esses documentos foram utilizados para a confrontação das informações relatadas em entrevistas e/ou como meio de ilustrar situações em que foram identificados eventos e práticas de letramento no Taquaral.

Na sequência, temos no Capítulo 3, a fundamentação sobre os letramentos. A definição desse segmento do trabalho se deu por buscarmos inicialmente entender os conceitos de Letramentos e estabelecer suas relações com a Oralidade e a Escrita, e ainda sua relação ou não com o analfabetismo, tendo em vista a presente dicotomização implicitamente estabelecida ente Fala (oralidade) e Escrita, o que infere na forma como se credita à Escrita condição *sine qua non* para o Letramento, ou, condição do *sujeito letrado*.

Em seguida, no Capítulo 4, foi realizada a aplicação do aporte teórico desta dissertação à análise das práticas letramento presentes no Taquaral, utilizando o acervo de documentos e figuras que foram coletadas ao longo da pesquisa. Considerando as possibilidades de práticas de letramento detectadas na comunidade do Taquaral, este capítulo foi subdividido em seções com os temas relacionados às entrevistas no Taquaral, ao seminário, à organização da associação de moradores, à relação com o poder público, às práticas religiosas como letramento, à escola como agência de letramento, aos usos dos meios de comunicação e, por fim, a relação entre a comunidade e a academia.

No Capítulo 5, apresentamos nossas considerações finais, buscando fechar nossas impressões acerca da pesquisa, avaliando nossas hipóteses, os objetivos que foram alcançados e, de que forma, a nossa pesquisa inaugura estudos linguísticos tendo como objeto a comunidade do Taquaral.

1. BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO TAQUARAL

Neste capítulo, faremos uma breve contextualização da Comunidade do Taquaral, *locus* de nossa pesquisa, na qual estão inseridos e/ou envolvidos os sujeitos participantes e colaboradores deste trabalho.

1.1 A COMUNIDADE DO TAQUARAL: A PESQUISA DOCUMENTAL

A comunidade do Taquaral fica situada na área rural do município de Três Corações – MG, distando 10 km (dez quilômetros) da área urbana tricordiana e estando mais próxima ao perímetro urbano da cidade de Cambuquira – MG.

Três Corações está localizada ao Sul de Minas Gerais, sendo banhada por vários córregos e ribeirões e, principalmente, pelo Rio Verde, Rio do Peixe, Rio Palmela e Rio Lambari. Em seus limites territoriais constam ao Norte os municípios de Varginha à 30 Km (trinta quilômetros) e Carmo da Cachoeira à 35 Km (trinta e cinco quilômetros); ao Sul constam os municípios de Conceição do Rio Verde à 44 Km (quarenta e quatro quilômetros) e Cambuquira à 18 Km (dezoito quilômetros); ao Leste temos os municípios de São Bento Abade 34 Km (trinta e quatro quilômetros) e São Tomé das Letras à 38 Km (trinta e oito quilômetros) e, finalmente, à Oeste constam os municípios de Campanha à 36 Km (trinta e seis quilômetros) e Monsenhor Paulo à 46 Km (quarenta e seis quilômetros) (PEREIRA, 2011).

O município fica localizado a uma equidistância de três das mais importantes capitais do Brasil, sendo à 287 Km de Belo Horizonte – MG, à 295 Km de São Paulo – SP e 366 Km do Rio de Janeiro – RJ (IBGE, 2012).

Conhecida como a terra natal do Rei Pelé, o município tem uma população total de 72.765 habitantes concentrando 90,5% (noventa e meio por cento) da população em área urbana, ou seja, 65.852 pessoas e, somente 9,5% (nove e meio por cento) da população distribuídas na área rural, totalizando 6.913 pessoas (PEREIRA, 2011).

Ao verificarmos a área total do município, 828 Km², percebemos que o perímetro urbano de 18,43 Km² é pequeno em relação à área rural de Três Corações com 807,57 Km², de forma que se pode verificar a baixa densidade demográfica do segmento populacional rural (IBGE, 2012).

A Comunidade do Taquaral, situada as margens da Rodovia MG-167, em sua entrada tem como referência a Comunidade Evangelizadora Magnificat (CEM), sendo também denominada pelos moradores locais como “Portal de Cambuquira”.

Figura 1 – Foto: Comunidade Magnificat, entrada para a estrada rural sentido à Comunidade do Taquaral, também conhecida como Portal de Cambuquira.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

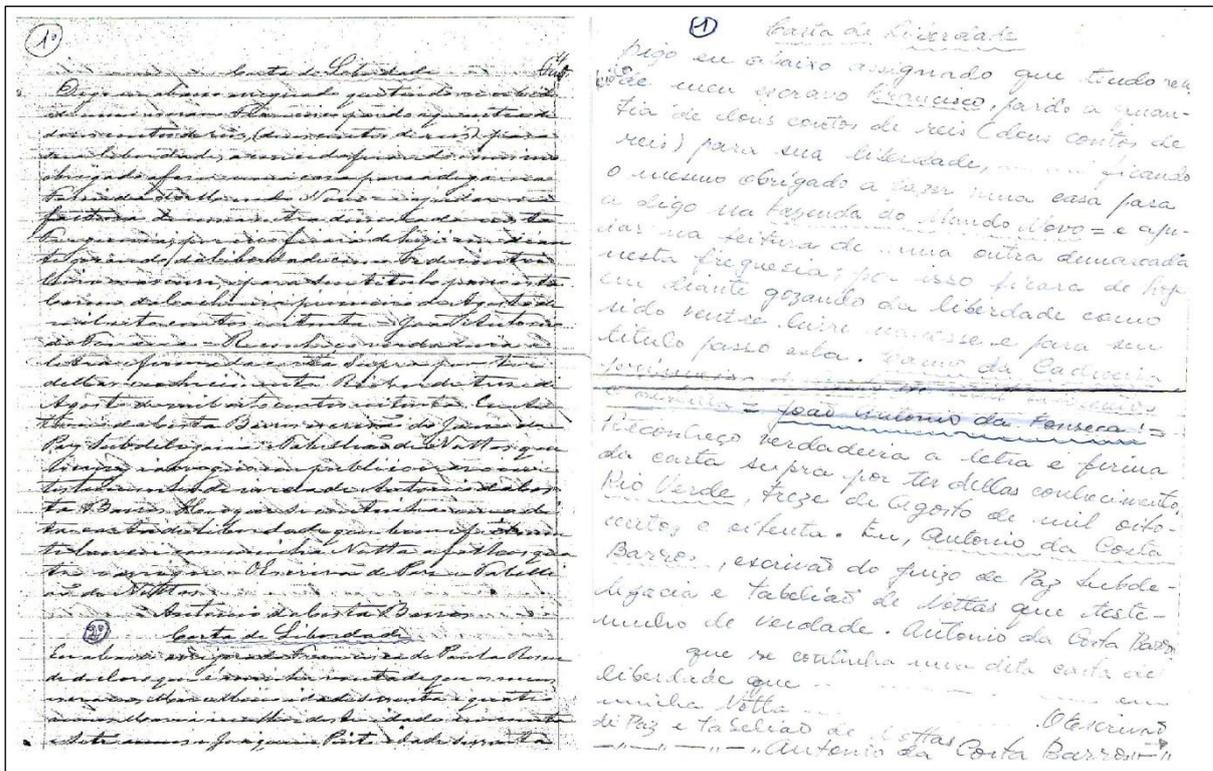
Conforme os relatos colhidos em nossa pesquisa, a origem do Taquaral, enquanto comunidade rural deu-se com a libertação de escravos por meio de alforria (compra e doação espontânea), a autorização para a instalação de trabalhadores das fazendas nas proximidades, e, principalmente, a doação de duas faixas de terra próximas ao Córrego da Besta e ao Córrego da Abadia. As áreas doadas originaram respectivamente a Comunidade da Cotta e a Comunidade do Taquaral sendo limitadas pelos córregos supracitados e a estrada que as divide.

As famílias atualmente residentes nas comunidades, e em especial na Comunidade do Taquaral, descendem de ex-trabalhadores escravizados que durante gerações serviram à família Fonseca² que, devido à repercussão dos movimentos abolicionistas anteriores a 1888,

² A Família Fonseca tem um histórico tradicional na região de Três Corações – MG, sendo proprietária da Fazenda Cotta e de outras extensões de terra que, à época da abolição da escravatura, realizou doações de duas

antecipou a promulgação da Lei Áurea, tendo gradativamente libertado os escravos, em cumprimento às leis da época (Ventre Livre³, Sexagenário⁴), articulando a permanência de seus trabalhadores com a melhoria das condições de vida na localidade.

Figura 2 - Carta de Liberdade (cópia n.º 1) e Carta com tradução realizada por Márcia Fonseca.



Fonte: BARBOSA, 2012.

Carta de Liberdade

Digo eu abaixo assignado que tendo recebido de meu escravo Francisco, pardo a quantia de dous contos de reis (dois contos de reis) para sua liberdade... ficando o mesmo obrigado a fazer uma casa para a digo na Fazenda Mundo Novo = e ajudar na feitura de uma outra demarcada nesta freguesia; por isso ficara de hoje em diante gozando da liberdade como sido ventre livre nascesse, e para seu primeiro título passo esta. Carmo da Cachoeira primeiro de agosto de mil oitocentos e oitenta = João Antônio da Fonseca =

Reconheço verdadeira a letra e fircua a carta supra por dellas conhecimento, Rio Verde, treze de Agosto de mil oitocentos e oitenta. Eu, Antonio da Costa Barros, escrivão do Juizo de Paz Subdelegacia e

extensões de terra próximas ao córrego da Besta e ao Córrego da Abadia aos seus escravos e trabalhadores livres, esses territórios deram origem as comunidades da Cotta e do Taquaral. (FONSECA, 2011)

³ A Lei do Ventre Livre concede liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir da data de publicação dessa norma. Os indivíduos contemplados pela lei ficam sob a tutela dos senhores de escravos até completar a maioridade. (PORTAL BRASIL, 2013).

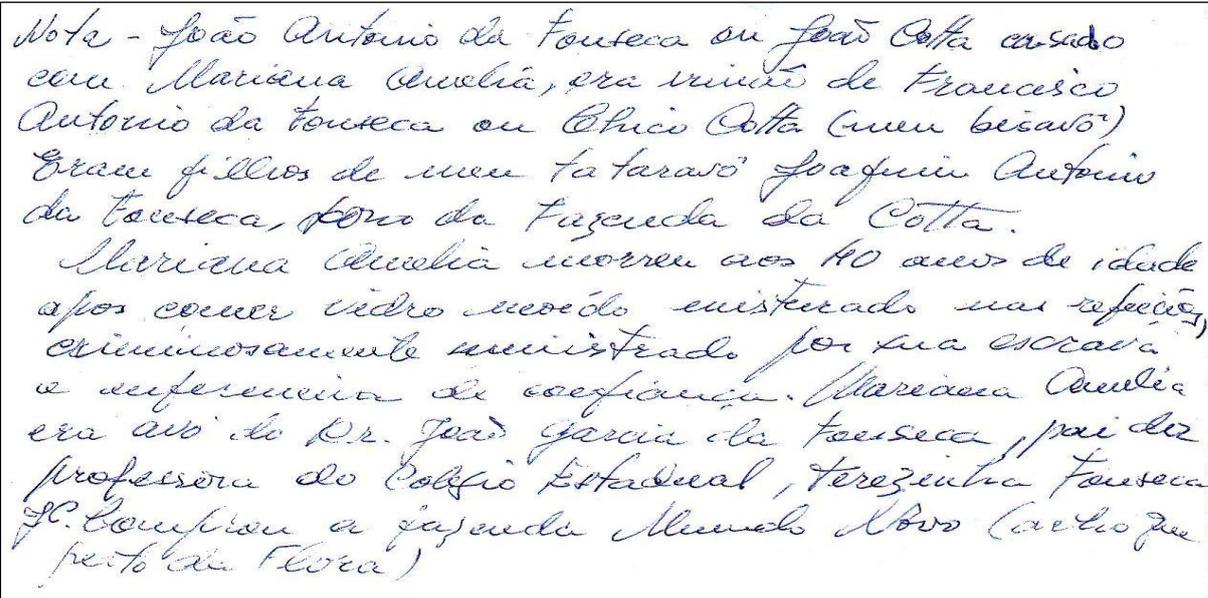
⁴ Lei dos Sexagenários (Lei Saraiva-Cotegipe) de 1885, os escravos com mais de 60 anos de idade são libertados em troca de compensação financeira para seus proprietários. (PORTAL BRASIL, 2013).

Tabelião de Nottas que testemunho da verdade. Antonio da Costa Barros que continha uma dita liberdade que... .. minha Notta... de Paz e Tabelião de Notta. O Escrivão Antonio da Costa Barros. (BARBOSA, 2012).

Conforme documentos da época cedidos pela família Fonseca, por meio da descendente e historiadora Márcia Fonseca, percebe-se que o processo de libertação apesar de gradativo, não foi tranqüilo. Obtivemos o registro da transcrição/tradução de uma das fotocópias de cartas de alforria, um ato de retaliação de uma ex-escrava contra sua senhora. O fato relatado demonstra que, embora houvesse a doação verbal das terras, o clima entre senhores e escravos não era totalmente amistoso e servil. (BARBOSA, 2012)

No ano de 2009, foi realizado na Comunidade do Taquaral o 1º Seminário de Formação do Grupo Tricordiano Cultural Negro Nagô, com o objetivo de exaltar a cultura afro-brasileira além de conscientizar a população local da valorização da influência dos negros e negras para a formação e construção da identidade da sociedade brasileira e tricordiana.

Figura 3 - Transcrição da Carta n.º 1 (observações da historiadora Márcia Fonseca).



Nota - João Antônio da Fonseca ou João Cotta casado com Mariana Amélia, era irmão de Francisco Antônio da Fonseca ou Chico Cotta (meu bisavô) Eram filhos de meu tataravô Joaquim Antônio da Fonseca, dono da Fazenda da Cotta. Mariana Amélia morreu aos 40 anos de idade após comer vidro moído misturado nas refeições, cuidadosamente ministrado por sua escrava e enfermeira de confiança. Mariana Amélia era avó de Dr. João Garcia da Fonseca, pai da professora do Colégio Estadual, Terezinha Fonseca. JC. Comprou a fazenda Mundo Novo (acho que perto da Flora)

Fonte: BARBOSA, 2012.

Nota – João Antônio da Fonseca ou João Cotta casado com Mariana Amélia, era irmão de Francisco Antônio da Fonseca ou Chico Cotta (meu bisavô) Eram filhos de meu tataravô Joaquim Antônio da Fonseca, dono da Fazenda da Cotta. Mariana Amélia morreu aos 40 anos de idade após comer vidro moído misturado nas refeições, cuidadosamente ministrado por sua escrava e enfermeira de confiança. Mariana Amélia era avó de Dr. João Garcia da Fonseca, pai da professora do Colégio Estadual, Terezinha Fonseca. JC. Comprou a fazenda Mundo Novo (acho que perto da Flora) (BARBOSA, 2012)

Nos dias 26 e 27 de setembro daquele ano de 2009, o Taquaral foi o cenário para as discussões que contaram com a presença dos professores⁵ Mohamed Lamine Nabe da Guiné Bissau e Antônio da Somália, ambos da UFMG, além da população da comunidade do Taquaral e da Cotta. Foram apresentadas diversas manifestações culturais de origem africana que contribuíram para a autoestima das comunidades, o que motivou os seus moradores a se mobilizarem em busca de sua história e de sua organização (TERRA, 2011).

Outras duas presenças que cativaram a todos os presentes foram os professores Mohamed, natural da Guiné Bissau, e Antônio, natural da Somália. Eles falaram da origem do negro e sobre a vinda deles para o Brasil. Mohamed hoje é professor de língua estrangeira em Belo Horizonte. Veio para o Brasil em 2004, fugindo de uma guerra civil. Mohamed figura de imenso carisma, falou de sua trajetória e da importância dos negros se valorizarem. “O negro precisa ter orgulho de sua cultura e origem. Precisa ter orgulho de ser negro. Quando um negro diz que é 'moreninho' está insultando a si próprio por não estar se valorizando. Muitas vezes o preconceito está no próprio negro. Enquanto o negro não se reconhecer como negro, o preconceito permanecerá. Precisamos nos valorizar e acreditar na força que temos” (TERRA, 2011, p.§).

Embora a comunidade do Taquaral fosse predominantemente composta de uma população negra, esse aspecto não era suficiente para conferir uma identidade quilombola. Conforme podemos aferir em documentos históricos e principalmente na Constituição Federal de 1988, o termo quilombola estaria associado apenas à remanescentes das comunidades dos quilombos. Fato que não enquadraria o Taquaral como um território quilombola se não houvesse o aspecto referente a “autoafirmação” ou “autodefinição”.

A Constituição de 1988 opera uma inversão de valores em comparação com a legislação colonial, uma vez que a categoria legal por meio da qual se classificava quilombo como um crime passou a ser considerada como categoria de **autodefinição**, voltada para reparar danos e acessar direitos. A partir do artigo 68 da CF e das legislações correlatas [...] a conceituação das comunidades quilombolas supera a identificação desses grupos sociais por meio de características morfológicas. Tais grupos, portanto, não podem ser identificados [apenas] pela permanência no tempo de seus signos culturais ou por resquícios que venham a comprovar sua ligação com formas anteriores de existência (SOUZA, 2011, p.§).

Ao reconhecerem sua ancestralidade negra, a comunidade passou a refletir sobre a possibilidade de buscar a titulação de comunidade quilombola, devido à descendência de escravos e fomentar inicialmente a criação da associação de moradores no Taquaral.

⁵ Segundo a fonte pesquisada, não foram registrados os dados completos referentes aos professores palestrantes participantes do seminário ocorrido no Taquaral em setembro de 2009. O aspecto mais importante que foi registrado na oportunidade foi o fato desses professores serem africanos e estarem no Brasil na condição de refugiados da guerra civil ocorrida em seus respectivos países. (TERRA, 2009).

Cabe resgatar a etimologia para buscarmos a acepção primeira dos termos: “quilombo s.m. ‘vacalhouto de escravos fugidos’ XVI. Do quimb. ki' lomo (povoação)” e “quilombola s.m. derivação comum aos escravos refugiados em quilombos '1855. Parece tratar-se do cruzamento de quilombo com CANHEMBORA”. (CUNHA, 1997, p.655).

Vale destacar que o termo “quilombola”, originário da palavra “quilombo” nem sempre foi utilizado em seu sentido positivo para valorização das comunidades negras. O conhecimento da legislação que determinou o “novo marco jurídico [que, por meio] da Constituição de 1988 é determinante também para o estabelecimento e a organização do movimento quilombola, em nível nacional, que, a partir da construção de sua identidade étnica, reivindica o seu direito à terra. (SOUZA, 2011, p.§).

Figura 4 – Foto da Comunidade do Taquaral registrada em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

Através da discussão realizada no seminário, a comunidade do Taquaral teve acesso às informações sobre

o direito aos territórios das comunidades que, uma vez tituladas, se tornam inalienáveis e coletivas. As terras das comunidades quilombolas cumprem sua função social precípua, dado que sua organização se baseia no uso dos recursos territoriais para a manutenção social, cultural e física do grupo, fora da dimensão comercial. (SOUZA, 2011, p.§).

Para Arruti (2011) conhecer a história é essencial para a preservação da riqueza cultural desse segmento populacional. Deste ponto em diante, o conceito de quilombo/quilombola começou a se fazer presente no cotidiano das lideranças comunitárias do Taquaral.

Esta assimilação sobre a importância da sua história, cultura e principalmente sobre a possibilidade de reconhecimento de sua condição de comunidade negra e quilombola, oportunizou mudanças no cotidiano dos moradores do Taquaral, onde iniciaram-se tanto a organização política por meio da associação de moradores tanto pelos projetos de resgate da cultura de seus antepassados com as crianças da comunidade.

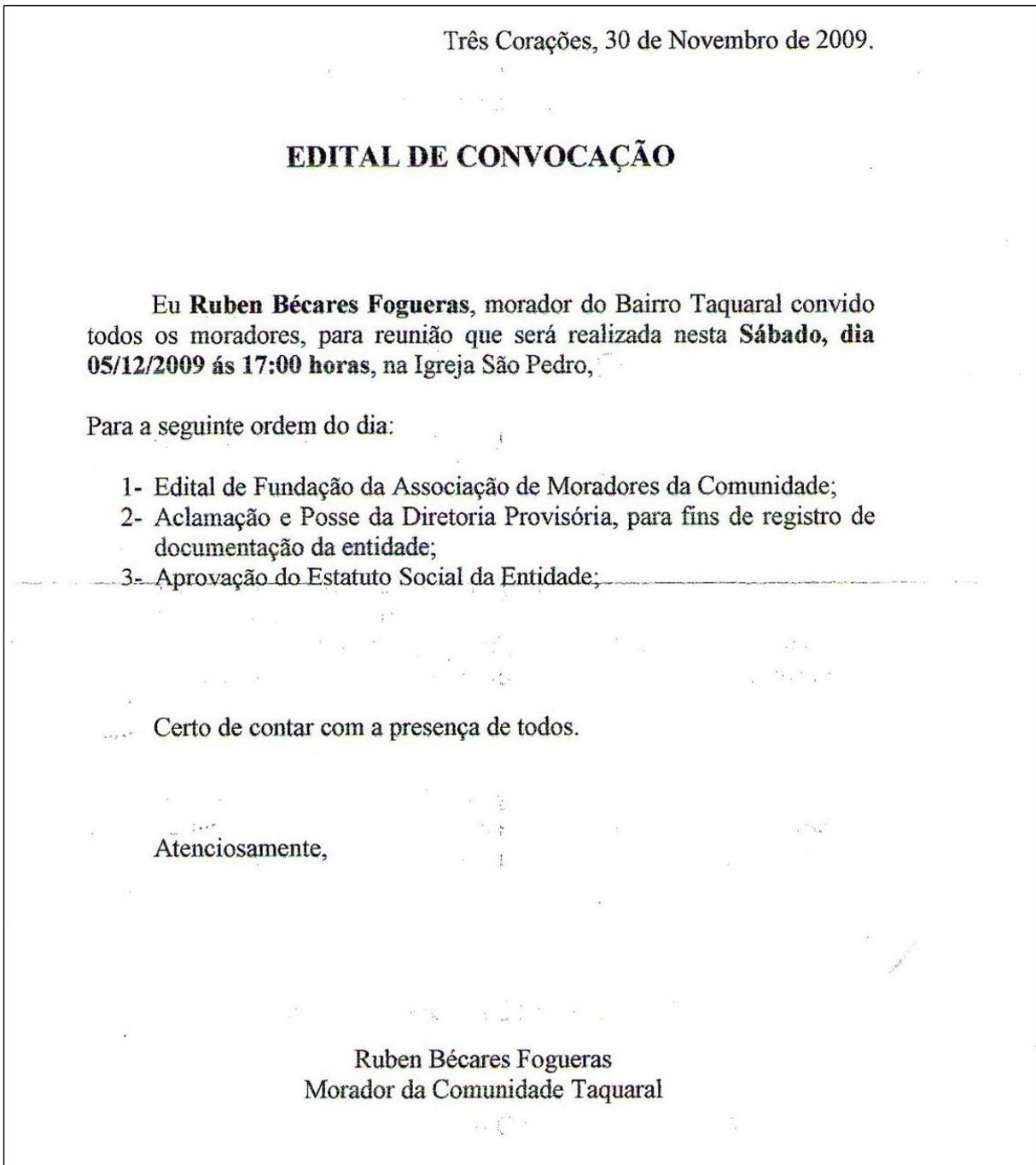
Nesse sentido, podemos ressaltar através das palavras de Borges (2005, p. 26), que “os quilombos são símbolos vivos da luta e da resistência negra contra a escravidão e o racismo”. Portanto, o reconhecimento da condição quilombola não se trata apenas de estudar o que é o quilombo, mas também dos fatores que levaram a sua instituição enquanto coletivos de resistência negra e resposta à escravidão no Brasil.

Para a Comunidade do Taquaral, mais do que reconhecer a condição de quilombolas, o engajamento em associação demonstra que, assim como para os demais grupos quilombolas do país, o conhecimento da sua especificidade cultural irá contribuir para que possam lutar para que tenham “assegurados seus direitos à propriedade coletiva das terras que ocupam e que foram conquistadas pelos seus antepassados” (BORGES, 2005, p.27).

Então, para constituir o território quilombola oficialmente, fez-se necessária a criação da Associação de Moradores do Taquaral. Conforme os documentos pesquisados, no final do ano de 2009, houve uma chamada aos moradores, através do edital de convocação assinado pelo Sr. Rubén Béccares Folgueiras, morador das adjacências do Bairro Taquaral, para reunião de fundação da associação comunitária, eleição da diretoria e aprovação do estatuto social.

Na oportunidade, participaram 55 moradores com direito a voto e, para a eleição da primeira diretoria, foram compostas duas chapas que concorreram entre si. A eleição ficou registrada em ata avulsa guardada com outros documentos que foram providenciados posteriormente, tais como Livro de Ata, Livro Caixa e Estatuto Social. Conforme relatado na ata da primeira reunião, com a abertura dos trabalhos realizada em 28 de novembro de 2009, às 18h30, foi realizada a eleição para a direção da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral AMPCT, fundada oficialmente em 05 de Dezembro de 2009.

Figura 5 - Edital de Convocação para fundação da Associação de Moradores do Taquaral.



Fonte: BARBOSA, 2012.

Logo após a definição da diretoria e outras questões burocráticas de fundação da AMPCT, a diretoria procurou, através do envio de ofício a União Tricordiana de Associações de Moradores – UTAM, solicitar a filiação da associação do Taquaral ao colegiado de associações comunitárias de Três Corações, bem como em seguida, solicitar a doação de materiais para a construção da Igreja de São Pedro, primeira ação definida pelos moradores e realizada com doações dos mesmos e da comunidade tricordiana..

Figura 6 - 1ª Ata de organização da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral – AMPCT.

Ata redigida pela 1ª Tesoureira Lúcia C. S. Becáres
1ª Reunião
Três corações 28 novembro 2009

Às 18:30 horas do dia 28 novembro 2009 foi realizado a Primeira reunião, junto aos moradores da comunidade do Taquaral para realizar a eleição da associação, da comunidade. Apresentando-se 2 chapas para candidatos 1ª chapa Rubén Becáres Folgueiras para Presidente Vice Terezinha de Jesus Marcelino 2ª chapa Luciano Ferreira Presidente Vice Amauri Siqueira compareceram no local 55 eleitores.

depois do encerramento da eleição, foram aberto a urna na presença dos moradores com a presença do missionário presente no local Sr. Sebastião José da Silva, O celebrante da liturgia deste dia. Srª Marcia Fonseca e os dois candidatos a Presidência 1ª e 2ª chapa sendo eleito com 41 votos Sr. Rubén Becáres Folgueira Srª Terezinha de Jesus Marcelino.

na presença dos associados foi decidido que o restante da diretoria seria realizado junto o órgão responsável pela fundação UTAM. com o Edital comunicado pela rádio Tropical.

Fonte: BARBOSA, 2012.

Ata redigida pela 1ª Tesoureira Lúcia C. S. Becáres

1ª Reunião

Três Corações 28 de novembro de 2009

Às 18:30 horas do dia 28 de novembro 2009 foi realizado a Primeira reunião, junto aos moradores da comunidade do Taquaral para realizar a eleição da associação, da comunidade. Apresentando-se 2 chapas para candidatos 1ª chapa Rubén Becáres Folgueiras para Presidente Vice Terezinha de Jesus Marcelino 2ª chapa Luciano Ferreira Presidente Vice Amauri Siqueira. Compareceram no local 55 eleitores.

Depois do encerramento da eleição, foram aberto a urna na presença dos moradores com a presença do missionário presente no local Sr. Sebastião

José da Silva, o celebrante da liturgia deste dia. Sr.^a Márcia Fonseca e os dois candidatos a Presidência 1^a e 2^a chapa. Sendo eleito com 41 votos Sr^o Ruben Becares Folgueras, Sr^a Terezinha de Jesus Marcelino.

Na presença dos associados foi decidido que o restante da diretoria seria realizado junto o órgão responsável pela fundação UTAM. Com o Edital comunicado pela rádio Tropical. (Transcrição da Ata da 1^a reunião, BARBOSA, 2012).

Figura 7 - Ofício da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral - AMPCT de filiação a UTAM.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE TAQUARAL
 FUNDADA EM 05/12/2009 – COMUNIDADE TAQUARAL
 CEP: 37.410-000 TRÊS CORAÇÕES – MG.

Ofício: 02/2009
 VIA UTAM

Assunto: Solicitação (faz)

Três Corações, 10 de Dezembro de 2009.

Prezada Senhora,

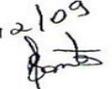
A Associação de Moradores da Comunidade Taquaral, vem por meio de seu presidente o Sr. Ruben Bécars Folgueiras, solicitar de V.Sa. a filiação de uma Associação de Moradores Rural na União Tricordiana das Associações de Moradores – UTAM, pois vimos a importância de estarmos junto a esta Entidade fortalecendo assim nossos laços, buscam um bem comum para todos de nossa Comunidade que é Colombal, junto ao poderes executivo, legislativo e judiciário de nossa Cidade

Sem mais para o momento..

Atenciosamente,


 Ruben Bécars Folgueiras
 Presidente da Associação de Moradores da Comunidade Taquaral

A
 Sra. Idê de Jesus Silva Toledo
 DD Presidente da UTAM
 Nesta

Recebi em 11/12/09


Fonte: BARBOSA, 2012.

Esse empreendimento teve o registro no livro caixa da associação, com a anotação da doação de valores em espécie, de materiais de construção e ainda da mão de obra voluntária na execução da obra da igreja foram registrados. Outro procedimento utilizado pelos moradores foi o arquivamento de outros comprovantes como notas fiscais e cupons de

orçamento e compra de materiais utilizados na construção, para com a prestação de contas e registros das informações da associação desde a fundação da mesma.

Figura 8 – Página 01 e verso do Livro Caixa da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral - AMPCT.

Doações de material construtivo. Acabamentos da Igreja de São Pedro, da comunidade Taquaral		1		
XA	Três corações 11 dezembro 2009	CRÉDITO	DÉBITO	CA
11/12/09	Marta G. H. Araújo (Kardinski) (cimento cda)	18,00	Srta Mencia Fonseca 1 lata tinta	18 litros
11/12/09	Wagner de Castro (Alca) (Argamassa Plomada)	13,00	" " " 1 lata tinta	18 litros
11/12/09	Wagner de Castro (Alca) (6 sacos Argamassa)	39,00	Sr Ruben Bezans Verm. Argamassa	Argamassa 60,70
11/12/09	Marta G. H. Araújo (Kardinski) (4 latas tinta óleo)	152,00	" " " 6 Folhas Lixa	6,50
21/12/09	Renin do (GAB)	60,70	20/01 Roberto Carlos Pedro 2 Biomassa	12,00
21/12/09	Renin do (GAB)	129,85		
31/12/09	Mencia Fonseca	Voluntários		
31/12/09	Francis Marunga Gonçalves (Argamassa 4 sacos)	26,00		
31/12/09	Mão de obra Almoço seguinte	Voluntários		
31/12/09	dufe da copista → Alessandra Alves Paulino	"		
13/12/09	afudante → Jirabel	"		
13/12/09	afudante → Luciana condida Silva Bezans	"		
13/12/09	Roberto Carlos Pedro (Batacha) 10 sacos Argamassa	65,00		
13/12/09	Mão de obra Igreja → Pão, Pintura e ornamentação altar	Voluntários		
"	Presidente → Ruben Bezans	Voluntários		
"	Vz. Presidente → Luciano	"		
"	Gilberto	"		
"	Evaristo	"		
"	Antonio	"		
"	Wagner	"		
"	Edmilson	"		
"	Itamir	"		
"	Benedito	"		
"	Paulinho	"		
"	Tias	"		
"	Flavio Fonseca	"		
"	Alexander Paulino	"		
"	Abelardo Miguel	"		
"	Aquinaldo	"		
"	Antônio	"		
"	Bilmo	"		
"	Nilson Miguel Pedro	"		

Fonte: BARBOSA, 2012

Conforme o próprio nome da associação de moradores designa, vemos que não se trata apenas de moradores da Comunidade do Taquaral, mas também de outras pessoas residentes nos arredores da comunidade, sendo vizinhos e proprietários de outras áreas fora da extensão de terras que contemplam a faixa doada e possível área de certificação de comunidade quilombola.

Dentre os vizinhos participantes da fundação da comunidade está o administrador de empresas, Sr. Rubén Béccares Folgueiras⁶, proprietário de um sítio vizinho ao território do Taquaral. A criação da associação teve o caráter de conselho comunitário de bairro rural. Os vizinhos proprietários de áreas próximas ao Taquaral eram pessoas mais acostumadas com os

⁶ Uma das primeiras lideranças na comunidade e que tinha projetos para beneficiamento de milho com o uso de moinho d'água, além de outras ideias para resgatar atividades tradicionais como o artesanato de taquara.

A cooperação entre os moradores do Taquaral e seus vizinhos fica explícita com a eleição do Sr. Rubén, bem como dos conhecimentos no que tange ao âmbito da formação da comunidade pela historiadora Márcia Fonseca.

Durante anos de convívio com a comunidade, Márcia Fonseca registrou informações históricas (cartas de liberdade, testemunhos de sua infância, dos moradores mais velhos, trabalhadores das terras de sua família, recordações, etc.) e mantém um relacionamento próximo com os moradores do Taquaral e da Cotta, o que contribuiu para que ela confeccionasse dois mapas manuscritos. Um com a distribuição das casas de cada família residente na comunidade do Taquaral e, outro na comunidade da Cotta.

Um aspecto relevante dos mapas está na identificação e distribuição das residências dos grupos familiares. Segundo Barbosa (2012), a ocupação do território onde estão localizadas as comunidades tem características semelhantes, os limites se dão pelo córrego mais próximo e a estrada, e a formação populacional é constituída de parentesco entre a maioria dos moradores. É comum desde a sua fundação das comunidades, os moradores constituírem casamento entre eles, permanecendo na localidade e perpetuando a mesma linhagem familiar e transmissão da posse por hereditariedade.

Vale destacar que para a pesquisa sobre a comunidade do Taquaral, tanto na comunidade quanto fora dela, moradores e outros cidadãos da comunidade tricordiana indicaram a historiadora Márcia Fonseca como fonte principal de informações sobre a comunidade. Essa indicação fez com que além do material que foi escaneado e anexado a esse trabalho, fosse possível coletar depoimentos orais para a compilação desse breve histórico e ainda com a transcrição de depoimentos orais, a seleção de excertos para análises no presente estudo.

1.2 COMUNIDADE DO TAQUARAL: CONHECIMENTO DO CAMPO E LEVANTAMENTO DO *CORPUS* DE PESQUISA

A pesquisa, tendo como objeto a comunidade quilombola em Três Corações - MG iniciou-se com o acompanhamento de visitas a campo na comunidade rural do Taquaral.

A participação em visitas à comunidade se deu inicialmente com o intuito de contribuir com nossos conhecimentos advindos da militância no movimento negro, bem como, pela formação profissional em Serviço Social e a iniciação aos estudos linguísticos, uma vez que a comunidade naquela oportunidade não era objeto de pesquisa.

Com a inscrição na disciplina Seminários de Teorias Críticas da Cultura do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde UninCor no segundo semestre de 2011 e posterior filiação ao grupo de pesquisa na área de Literatura, Minas Gerais: diálogos contribuiu para a aproximação e definição do tema da presente pesquisa.

Considerando a amplitude do campo de pesquisa, a comunidade do Taquaral, e o envolvimento com os estudos linguísticos sobre Interação e Letramento, direcionamos nosso foco para as pesquisas sobre os letramentos, utilizando de entrevistas informais inicialmente para então definir a metodologia adequada aos objetivos traçados para o estudo.

Nosso enfoque inicial foi o de resgatar a *tradição oral* através do trabalho de entrevistas com os idosos da comunidade, detentores das memórias de fatos ocorridos com seus antepassados. O levantamento dessas informações contribuiria para a consolidação de um histórico da comunidade com a inserção de referencial teórico com a temática quilombola.

Neste sentido, a primeira visita a comunidade foi de observação e aproximação com os moradores. Nessas oportunidades apresentamos nossos objetivos acadêmicos de forma que angariamos como colaboradores para realização de nosso estudo, os líderes comunitários e as famílias dos depoentes mais idosos da comunidade.

Figura 10 – Foto da primeira visita à Comunidade do Taquaral, em conversa com Luciano (um dos líderes comunitários), em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

A primeira visita ocorreu em 23 de setembro de 2011. Na oportunidade conhecemos um dos líderes comunitários que nos relatou sobre os esforços dos moradores em regularizar a situação da localidade, instituindo legalmente a associação de moradores, colhendo informações com os moradores mais velhos e registrando os fatos que são lembrados pelos mesmos.

Na sequência, fomos encaminhadas para a residência de uma das moradoras mais antigas do Taquaral que iniciou seus depoimentos sobre o passado ainda com dificuldades de lembrar fatos e situações vivenciadas pela falta de estímulo a esta prática de contar as histórias.

A busca por informantes mais idosos e o uso da prática de história oral foi utilizada considerando a importância da tradição oral para as comunidades tradicionais - principalmente de origem africana (VANSINA, 2010) bem como, a valorização dos idosos como portadores de uma memória coletiva de suas comunidades (BOSI, 1994).

No entanto, esse episódio foi determinante para pesquisa porque, a partir desse relato, começamos a construir um plano de trabalho, definindo pessoas que poderiam contribuir para a pesquisa e que foram procuradas na sequência.

Participaram da primeira visita, Namar Figueiredo, mestranda e pesquisadora, Ana Paula Campos, mestranda e pesquisadora, ambas do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, e Valma Heloísa Goulart, colaboradora externa da pesquisa, Assistente Social, professora do curso de Serviço Social da UninCor e militante de movimentos sociais.

No dia 02 de novembro de 2011, realizamos a segunda visita à comunidade do Taquaral e retornamos à residência da senhora Ana. Na oportunidade, foram gravados depoimentos em vídeo, no entanto, devido falta de qualidade técnica do equipamento, alguns depoimentos foram registrados sem a captação de áudio. Os depoimentos coletados na oportunidade serviram de base para que buscássemos identificar outras pessoas que contribuiriam com a pesquisa. Conforme o relato à época de Dona Ana, soubemos que na outra comunidade da Cotta, ainda permanece uma família de negros que trabalham com bambu na fabricação artesanal de materiais para venda, como balaios, trançados, esteiras de janela, cestos. A depoente relatou que o nome da comunidade do Taquaral provem da presença de grande quantidade de taquara na localidade na época do povoamento das famílias de escravos. A taquara é uma variedade de bambu, que se caracteriza por ser de melhor qualidade para o trabalho manual e por este motivo, diferentemente do bambu comum, produz um melhor acabamento.

Figura 11 – Foto da primeira visita á comunidade do Taquaral realizada em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

No dia 02 de novembro de 2011, realizamos a segunda visita à comunidade do Taquaral e retornamos à residência da senhora Ana, primeira entrevistada. Na oportunidade, foram gravados depoimentos em vídeo, no entanto, devido falta de qualidade técnica do equipamento, alguns depoimentos foram registrados sem a captação de áudio.

Os depoimentos coletados na oportunidade serviram de base para que buscássemos identificar outras pessoas que contribuiriam com a pesquisa. Pois para a realização de uma pesquisa com a metodologia de História Oral é necessário que se conheça o público a ser entrevistado para definir quem tem o perfil ou o potencial para trazer as informações pertinentes à temática da pesquisa.

Conforme o relato à época de Dona Ana, soubemos que na comunidade da Cotta (vizinha ao Taquaral), ainda reside uma família de negros que trabalham com bambu na fabricação artesanal de materiais para venda, como balaios, trançados, esteiras de janela, cestos, etc. A depoente relatou que o nome da comunidade do Taquaral provem da presença de grande quantidade de taquara na localidade na época do povoamento das famílias de ex-escravos.

A taquara⁷ é uma variedade de bambu, que se caracteriza por ser de melhor qualidade para o trabalho manual e, por esse motivo, diferentemente do bambu comum, produz um melhor acabamento.

No mesmo dia, ao deixarmos a comunidade do Taquaral, fomos à entrada da comunidade do Cotta e conversamos com o Sr. Zé Lúcio e sua família, indicados por Dona Ana como artesãos tradicionais da região. Nessa visita soubemos através deles que a taquara por ser de difícil acesso fez com que as atividades dos mesmos ficassem comprometidas pela falta de matéria prima, pois esses tinham que comprar o bambu em longas distâncias inviabilizando a sobrevivência da família apenas dessa atividade artesanal. A família trabalhava nas fazendas de café próximas durante a safra, tendo a produção de material de bambu como complementação de renda. Conforme relatado ainda, toda a produção obtida é vendida para compradores do município de Cambuquira – MG, sendo posteriormente revendida no comércio local.

Figura 12 - Foto da esteira de taquara produzida por moradores da comunidade da Cotta, em 02/11/11.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

⁷ Segundo Cunha (1997, p.755), Taquara s.f. planta da família da gramínea, taboca, bambu. 1927, tacoara c. 1584 etc | . ert. Ave coraciforme da família dps nomotídeos ‘ / tacoára 1817 | Do tupi ta’ kuara || taqur’ Al 1783 [...] (CUNHA, 1997, 755).

Procuramos conhecer a Sr.^a Márcia Fonseca, professora aposentada da educação básica e descendente dos proprietários da Fazenda da Cotta. A historiadora havia sido indicada, tanto por moradores da comunidade como por outras fontes dentro da comunidade acadêmica como possível fonte de informações a respeito da comunidade do Taquaral. Segundo relato da depoente, seus avós e antepassados eram proprietários de terras e de escravos na região que hoje contempla o território da comunidade do Taquaral e, com o advento da Abolição da Escravatura, esses doaram duas extensões de terra nas quais seus ex-escravos e outras famílias que desejavam trabalhar na fazenda puderam constituir suas residências e viver na região.

Doc.1 – Eu preciso (então)... que você me conte oh::: a história mesmo... do Taquaral? Como é que surgiu oh::: (a comunidade) é primeiro você me fala o seu nome inteiro por favor?

L. – Márcia de Lemos Fonseca Barbosa

Doc. – E aí como que começou, eh::: logo que assinaram a Lei Áurea?

L. – Não, a história ela é assim, o meu bisavô Francisco Antônio da Fonseca. Ele morava na Fazenda da Cotta aqui em baixo, tá? E era uma fazenda muito grande... e, ele tinha alguns escravos. Porque os escravos antigamente eram muito caros... e não eram todos os fazendeiros que podiam ter muitos escravos... mas o vovô tinha bastante.

[...]

L. – Era bonito... então eles fabricavam tudo... bom... esse meu bisavô viajava muito prá aquela região de São Paulo... e numa dessas viagens ele percebeu... que o progresso... tava havendo uma revolução... industrial porque... e mesmo nas próprias fazendas... porque o... o café começou produzir muito... ia dar um bom resultado... com essa::: com o advento do café... aí, o que que aconteceu?... o escravo ficou mais caro... e mais difícil... porque já havia:: sido promulgado uma lei ... na... na Inga... não sei se foi na Inglaterra... proibindo a venda...

Doc.2. Do tráfico...

L. – Do tráfico de escravo, mesmo assim continuou... porque lei pega (e não pega...) no Brasil..

[...]

L. - Bom, mas então... ele (bisavô) começou a plantar... ele foi o primeiro a plantar...ah::: o café... aqui... e no final da vida dele... ele tinha o hábito de dar de presente prás pessoas... um pézinho de café... que seria a planta do futuro... ah... a economia do futuro... como realmente foi... mas... e nesse vai e vem... ele percebeu... que... a libertação dos escravos estava muito próxima... a Lei Áurea já havia sido promulgada... tanto que uma tia.. a madrinha do meu pai... ela já era fruto já...da Lei Áure... ela nasceu... a gente achava engraçado... que ela era filha da lei... [...] ela é do...Ventre Livre...

Doc. 1 -

Doc.2. - } Lei do Ventre Livre...

L. – Então com a Lei do Ventre Livre... o escravo já nascia livre... e agente achava que ela tinha um problema qualquer, né... quando papai

falava ...minha madrinha Tina:, madrinha Tina não... madrinha Tina era uma escrava madrinha da mamãe... ah::: madrinha Xanda... ela era... ela.. ela era do Ventre Livre... Então a gente não entendia...

Doc.2 - . - Achava que era um problema de saúde ((risos))

L. – A gente sempre achou isso... não perguntava mas achava...((risos))

L. – E... assim, então o que que ele fez... ele já foi adiantando... ele já foi... os escravos já foram mais ou menos, :::sabe, quando surgiu a libertação mesmo dos escravos... em mil oitocentos e oitenta e oito, né?... eles já estavam mais ou menos acomodados aqui... eh::: de uma forma mais saudável... vamos falar assim...porque o vovô doou prá.. prá eles... pros escravos dois... dois caminhos na beira de dois córregos... o córrego da... do lado de cá::: que eh o córrego da besta... né... uma... um pedaço de terra longo...(assim) e... do lado de lá da rodovia... onde é o Taquaral... outro pedaço... ao longo do ribeirão da abadia... mas muitos... ficaram... eles não saíram aqui da fazenda... continuaram morando mesmo... porque já não era... na época do vovô Chico Antônio... já não era aquela senzala... [...] já eram casas...

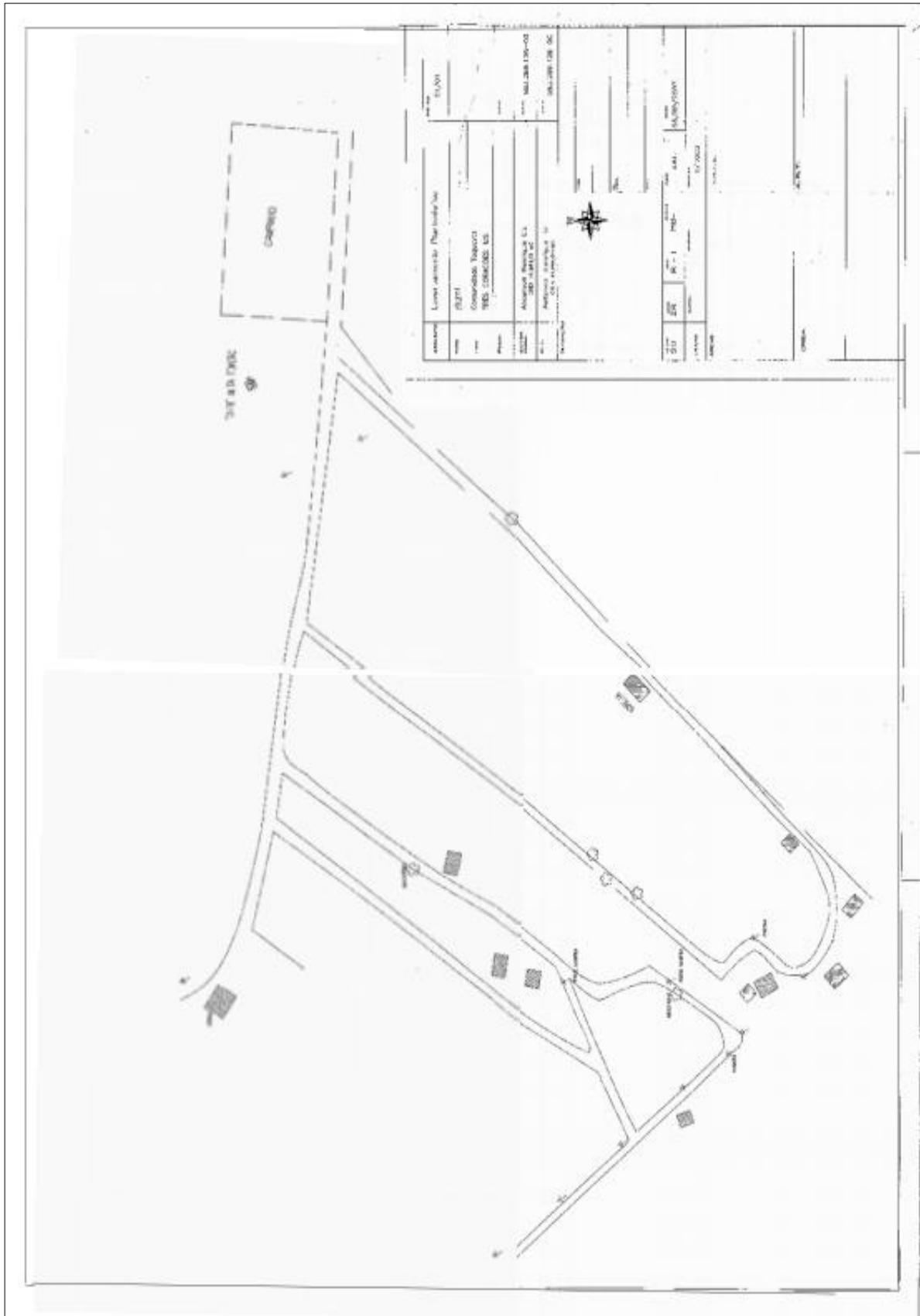
Loc 1. -Aham... que eles moravam...

L. – já não tinha aquela rigidez da senZAla... [...] Tinha... tinha aquela obediência cega, eles não recebiam... etc... mas a medida que o tempo foi passando eles foram... foram se libertando, né... e... e com isso alguns foram saindo dali... da sede da fazenda... e foram prá esses dois lugares (BARBOSA, 2011).

No dia 18 de novembro de 2011, realizou-se a comunidade do Taquaral pela manhã na companhia de duas alunas do 6º Período do curso de Serviço Social da UninCor, a saber, Amanda Monteiro de Paula e Maria Luiza Mesquita Santos. Lá conhecemos o Sr. Tomézinho, morador desde o nascimento da comunidade que nos emprestou o mapa do território da comunidade, desenhado pelo topógrafo Anderson da Prefeitura de Três Corações – MG.

Nessa data também conversamos informalmente com a Sr.^a Maria, também residente no Taquaral desde o nascimento. Tendo observado que a mesma estava preparando o terreno para plantar novas ramas de mandioca, aproveitamos para nos aproximar e conversar sobre sua família, filhos, netos. E, considerando o enfoque da pesquisa em letramentos que se desenvolveria; questionamos a idosa sobre sua condição de escolaridade. Ela se expressou da seguinte forma, [Oh fia, estudei não... a minha caneta é a enxada]. Podemos destacar que esta afirmação foi o fio condutor de nossa pesquisa, nos direcionando à pesquisa bibliográfica sobre letramento, analfabetismo e, conforme a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Marques, aos estudos sobre a História Oral. Esse trabalho, embora parte do escopo de Serviço Social, se situa na perspectiva linguística.

Figura 13 - Levantamento Planimétrico da Comunidade do Taquaral (MAPA)



Fonte: LIZ, 2007.

Nosso corpus de pesquisa compõe-se de relatos orais. Para tanto, no mês de Fevereiro de 2012, foi adquirido um gravador digital, imprescindível para a realização desta pesquisa, uma vez que o recurso de áudio pode ser trabalhado de forma mais aprofundada posteriormente e, assim, evitar que sejam perdidos depoimentos relevantes para o trabalho, como o que fomentou nossa abordagem teórica na linguística.

Realizamos, em março de 2012, uma visita à Sr.^a Márcia Fonseca que nos concedeu por empréstimo dois mapas elaborados pela historiadora sobre a distribuição das famílias nas comunidades do Taquaral e Cotta. Os mapas foram digitalizados e devolvidos para a proprietária que se comprometeu a procurar cartas de alforria da fazenda e outros documentos guardados para pesquisa.

Considerando a relevância da luta da comunidade do Taquaral por reconhecimento de sua condição quilombola e do seu território, a pesquisa agregou a participação de Débora Figueiredo, publicitária e especialista em Mídia Eletrônica: rádio e TV, que nos acompanhou na pesquisa para captar imagens para a produção de documentário sobre a comunidade.

Firmamos uma parceria com o Museu da Oralidade que nos emprestou equipamentos como câmera e tripé, além de nos fornecer um Manual de História Oral, no qual é especificada a forma de trabalho com este tipo de atividade.

Neste período, cursávamos a disciplina de Interação e Letramento que subsidiou a construção teórica do capítulo relativo a esta temática, bem como construímos repertório teórico sobre a pesquisa em História Oral.

Figura 14 – Imagens da missa na Igreja São Pedro no Taquaral, registradas no dia 29/04/2012 extraídas do documentário “Taquaral Raízes”.



Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

Retornamos à comunidade do Taquaral em 29 de abril de 2012, municiadas de equipamentos de gravação de som e audiovisual. Nos encaminhamos à Igreja de São Pedro localizada na comunidade, ponto de encontro com os moradores, na qual acompanhamos a missa dominical celebrada pelo líder comunitário Roberto e que, com o suporte dos equipamentos levados, registramos a missa e as conversas no local.

Na ocasião, coletamos novos depoimentos com os líderes comunitários presentes, que nos informaram quais etapas foram realizadas na busca da fundação da Associação de Moradores local, as dificuldades enfrentadas e o extravio dos documentos. Conforme relato destes, a legalização da comunidade através da associação de moradores é o passo fundamental para que outras ações possam ser encaminhadas, tais como: a abertura de processo de titulação, a busca de recursos com apoio de parcerias e projetos junto a comunidade e a própria UninCor, a mobilização para o resgate da raízes históricas através da cultura e a geração de trabalho e renda.

Figura 15 – Imagem extraída do documentário Taquaral Raízes, no trecho em que é registrada a reunião com a liderança comunitária e as pesquisadoras no dia 29/12/2012.



Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

Ao final desta reunião, os líderes comunitários nos indicaram uma nova moradora para contribuir com a nossa pesquisa, a Sr.^a Inácia Matias, uma das pessoas mais idosas, com forte ligação com a comunidade por ter constituído família e descendentes na própria comunidade.

Antes de nos encaminharmos à residência da Sr.^a Inácia, em conversamos com o Sr. Roberto e o Sr. Luciano Ferreira, atuais líderes da comunidade. Esses explicaram a situação do Taquaral e nos informaram que chegaram a fazer reuniões para formar a associação de moradores, mas que os documentos foram todos extraviados, podendo estar na sede da UTAM.

Os líderes informaram ainda sobre trabalho realizado pelo Sr. Rubens .⁸ No entanto, o mesmo teve que se mudar para longe da comunidade, de forma que os novos líderes passaram a responder pela comunidade, mas perderam parte da referência das ações a serem encaminhadas.

Logo após a conversa e o gravação para registro, ainda neste dia 29 de abril de 2012, fomos encaminhadas a casa da nova depoente, Sr.^a Inácia, que nos recebeu e autorizou a gravação de entrevista para o documentário e para as pesquisas do mestrado. A depoente relatou que suas ligações com a comunidade foram na adolescência quando passou a morar com a família vinda de Carrancas – MG, e depois se estabelecendo definitivamente com o casamento e constituição de família na comunidade.

Em junho de 2012, realizamos duas visitas, uma no Taquaral onde entrevistamos novamente a Sr.^a Ana, principal depoente desde o início da pesquisa dentro da comunidade. Na Fazenda Goiabeira visitamos a Sr.^a Márcia Fonseca. Os depoimentos foram gravados com autorização das depoentes e compilados com os demais em um documentário realizado por Débora Figueiredo e transcritos para a pesquisa pela pesquisadora Ana Paula Campos conforme as regras do Projeto NURC/SP⁹.

Devido à grande quantidade de gravações foram priorizadas as transcrições dos depoimentos mais pertinentes à história da comunidade, de forma que selecionamos as gravações das depoentes mais idosas seguindo a linha de história oral apresentada na obra de Ecléa Bosi.

⁸ Ruben Beccares Folgueiras.

⁹ Projeto NURC/SP - Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta (Projeto NURC) - da Cidade de São Paulo. O Projeto NURC teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. O Projeto NURC tem caráter conjunto e coordenado e se pauta pelos mesmos princípios metodológicos [em] cinco cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre]. Os informantes são dos dois gêneros, distribuídos por três faixas etárias — I-25 a 35, II-36 a 55 e III-de 56 em diante —, e nascidos na cidade objeto de estudo, na qual devem ter permanecido pelo menos três quartas partes de sua vida. O corpus constituído em cada cidade compreende três diferentes categorias de texto: elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). O corpus nacional constitui-se de um total de 1.870 inquéritos gravados, perfazendo, aproximadamente, 1.570 horas de gravação. Presentemente, esse número se tem ampliado, em algumas capitais entre as quais se insere Salvador, com a realização de novos inquéritos e pelo retorno a antigos informantes para nova documentação. (ALIB, 2012, p.§).

No dia 07 de novembro de 2012, realizamos nova visita a Sr.^a Márcia Fonseca na Fazenda Goiabeiras, para a gravação de novo depoimento tendo entregue um novo material sobre a comunidade para utilizarmos em nossa pesquisa. Trata-se do livro de ata de fundação da Associação de Moradores do Taquaral, livro-caixa de tesouraria, e cópias de cartas de alforria de antigos trabalhadores e primeiros moradores da comunidade do Taquaral e da Cotta.

Segue, em anexo, as cópias dos documentos que foram emprestados e posteriormente escaneados, para utilização nessa dissertação. Conforme o trabalho empreendido por Sito (2010) sobre as práticas de letramento em uma comunidade quilombola no Rio Grande do Sul, foram realizadas seleções de excertos de falas e de figuras (imagens e fotos) para análises do *corpus* para o desenvolvimento do presente trabalho.

1.3 COMUNIDADE DO TAQUARAL: A AUTO-AFIRMAÇÃO QUILOMBOLA

O conceito de quilombo e quilombola teve no decorrer da história vários significados. No Brasil, inicialmente, o termo quilombo e, conseqüentemente, suas derivações passou por valorações negativas, uma vez que significava a insurgência, a rebeldia e a deflagração dos negros e simpatizantes da Abolição da Escravatura.

Pelo exemplo de Palmares, temos não apenas o confronto pelo direito a liberdade mas principalmente a oposição ao sistema político, econômico e religioso vigente.

Intui-se que os negros escravizados na África trouxeram o vocábulo “quilombo” para as Américas, onde assumiu novos sentidos em diferentes épocas e nas diversas regiões. No Brasil, o termo foi originalmente utilizado para designar um espaço e um movimento de resistência ao sistema escravocrata, composto predominantemente por negros e negras que fugiram e formaram núcleos paralelos de poder, produção e organização social. Agregando indígenas e brancos desertores, o quilombo [...] foi a expressão mais radical de ruptura com o sistema brasileiro latifundiário e escravista. [Neste sentido se] a instituição legal da escravidão marcou o início da organização quilombola no país, não se pode, entretanto, imaginar que a sua proibição pôs fim aos quilombos. Mesmo quando escravizar tornou-se ilegal, as práticas opressoras continuaram se reproduzindo contra a população negra e daí a manutenção da sua resistência (CALHEIROS; STADTLER, 2010, p.135-136).

A “história oficial”, que podemos relacionar ao letramento autônomo, sempre privilegiou a ideologia hegemônica imposta inicialmente pelas elites eurocêntricas e com o desenvolvimento da sociedade brasileira, das elites nacionais, ora representada pelas Capitânicas Hereditárias, ora pelos grandes Coronéis, ora pela elite cafeeira, e depois transmutada pela nova burguesia latifundiária.

Conforme o trabalho de Calheiros e Stadtler (2010) podemos inferir de que forma foi imposta aos negros a condição de marginalidade e exclusão no pós-abolicionismo através das legislações sobre terra e propriedade que demarcaram os obstáculos para a aquisição de territórios para o estabelecimento das comunidades negras no âmbito rural e consequentemente a sua sobrevivência futura, baseada na agricultura de subsistência como forma possível de reprodução para os ex-escravos, libertos e demais negros da época da abolição.

Quando, já em 1850, os donos dos meios de produção admitiam ser inevitável a abolição da escravidão, criou-se a Lei n. 601, que instituiu a **propriedade privada como única forma de acesso a terra, impedindo esse direito a negros e mulatos**. Esta Lei, em seu artigo 1º, determinava [que ficariam] proibidas as aquisições de terras devolutas por título que não seja o da compra [A Abolição da Escravatura trouxe ao] o negro [...] o direito de ir e vir, [mas] a maioria dos ex-escravos permaneceu trabalhando para seus antigos donos, na *plantation* monocultura, com a novidade da remuneração precária e sob a forte humilhação de sempre [E assim] como a opressão se manteve, as fugas para os rincões inabitados – para as terras de ninguém – continuaram a ocorrer, propiciando o surgimento de comunidades em ruptura com a sociedade oficial, o que indica que **o conceito de quilombo não pode estar estritamente associado às comunidades formadas por ex-escravos** resistência (CALHEIROS; STADTLER, 2010, p.136, grifos nossos).

A questão do território enquanto direito das comunidades tradicionais, negras principalmente, só ganhou status de direito com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Após o Brasil superar o regime totalitário da Ditadura, os movimentos sociais se consolidaram de forma a demarcar definitivamente por força da nova legislação o princípio da cidadania e democracia (ÁGERE, 2006).

A Constituição Federal de 1988 explicita em seu artigo 5º que [...] todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]. No campo dos direitos sociais, proíbe a Carta Magna a diferença de salários, de exercício de funções e de critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). Isto se deve à intensa mobilização e pressão dos movimentos sociais organizados, como o movimento negro no processo constituinte, em defesa da consagração dos direitos humanos na Carta Magna (ÁGERE, 2006, p.2).

Dentre outras bandeiras sociais importantes, o reconhecimento da questão quilombola, do racismo enquanto crime inafiançável, da igualdade e da liberdade não apenas de ir e vir, mas de participação, de livre culto religioso (Estado Laico) fomentou um novo parâmetro de cidadania aos negros e mais precisamente às comunidades negras quilombolas, jamais vivenciado na história do país (Idem, 2006).

A Lei Federal 7716/89 foi aprovada com a finalidade de conferir o cumprimento do artigo 5º, inciso XLII da Constituição e define ser a **prática do racismo** [como um] **crime inafiançável e imprescritível**, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei. Determina [dentre outras questões que] serão punidos [...] os crimes resultantes de **preconceitos de raça ou de cor** [com] pena de reclusão sendo a pena mínima de um ano e a pena máxima de cinco anos. As **condutas que implicam em preconceito** estão descritas dos artigos. 3º ao 14. Resumidamente, pode-se apontar que o crime de racismo hoje no Brasil consiste em **impedir alguém, por preconceito de raça ou cor, de exercer liberdade civil (aí compreendidos de religião, de expressão, de associação etc.), direito social ou qualquer direito fundamental** (ÁGERE, 2006, p.2-3).

Com o advento do governo Lula em 2003, a questão de raça¹⁰ e *gênero*¹¹ ganham status de política pública materializada com a criação da SEPPIR¹² e da SPM¹³, conferências são convocadas e a sociedade civil estabelece novos parâmetros e uma nova agenda política para os direitos dos negros e das mulheres no país.

Numa perspectiva de busca por promoção da igualdade racial no Brasil, o governo estabelece novos marcos legais que definem os critérios para o reconhecimento e titulação das comunidades quilombolas, sendo o maior avanço neste aspecto, o critério de autoafirmação dos quilombolas (BRASIL, 2010).

É considerada **quilombola** aquela **pessoa que se autodetermina pertencente a esse grupo**. A auto atribuição da identidade quilombola é um processo de reflexão da pessoa que pertence a um grupo historicamente constituído e que reivindica sua identidade como membro desse grupo. É ele o descendente daqueles que construíram, no passado, as comunidades de quilombos (BRASIL, 2010, p.10, grifos nosso).

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), as comunidades quilombolas são grupos de grande valor histórico, cultural e simbólico e a demarcação de seu território traz valores ligados à trajetória de lutas e resistência de seus antepassados. Ficam expressas na reprodução através do trabalho na terra, na preservação de cultos, ritos e costumes, na ligação cultural que a comunidade tem com o espaço territorial e, neste sentido, a posse da terra não pertence individualmente a cada membro quilombola, mas ela se faz de forma coletiva, através da titulação (BRASIL, 2010).

Garantir o direito à terra a esses grupos significa **garantir a existência das comunidades e de sua cultura**, uma vez que elas têm forte ligação com seu território. A posse do território é coletiva e isso quer dizer que qualquer título

¹⁰ Raça – O Estado brasileiro utiliza a expressão raça como conceito designar o posicionamento de luta contra a discriminação com base na cor da pele ou origem étnica, o conceito antes utilizado para discriminar na atualidade foi ressignificado e expressa o compromisso político com o combate ao racismo no país. (SEPPIR, 2005).

¹¹ *Gênero* – esta expressão está relacionada a questões e lutas políticas dos movimentos de mulheres.

¹² SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República.

¹³ SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.

de posse emitido por órgão competente é em nome da comunidade. [...] A emissão do título de propriedade do território quilombola acontece por meio de um procedimento denominado titulação (BRASIL, 2010, p.14, grifos do autor).

A Comunidade do Taquaral vem a alguns anos desenvolvendo ações para buscar a titulação de seu território, no entanto, existe um caminho burocrático a ser percorrido que conforme aferido pela pesquisa documental, está apenas se iniciando.

Figura 15 – Esquema do INCRA definindo os procedimentos de titulação de territórios quilombolas no Brasil.

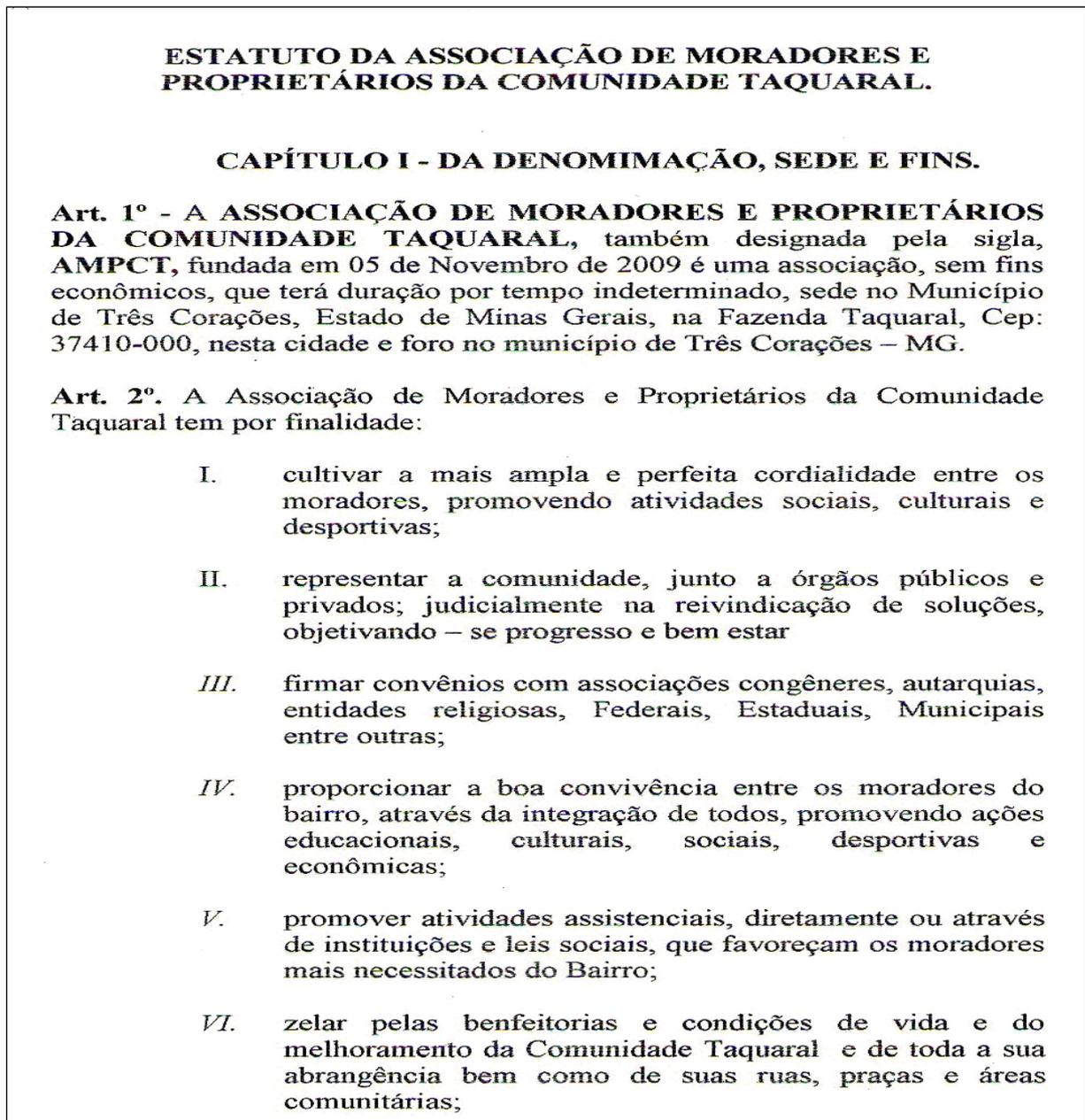


Fonte: BRASIL, 2010, p.55.

Segundo a legislação vigente, para a emissão do título de propriedade a Comunidade do Taquaral passará pelas seguintes etapas: a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e, finalmente, a titulação. No entanto:

Esse é um processo longo que pode durar vários meses. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão pertencente ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), tem a responsabilidade de organizar e fiscalizar os procedimentos para titulação do território quilombola (BRASIL, 2010, p.14).

Figura 16 – Primeira página do Estatuto da Associação de Moradores e Proprietários do Taquaral – AMPCT.



Fonte: BARBOSA, 2012.

Conforme podemos verificar no quadro anterior, duas importantes ações estão em curso no Taquaral, a constituição da Associação de Moradores e a mobilização pela autoafirmação da identidade quilombola feita pelos seus membros.

De posse do registro da associação, os moradores poderão iniciar o processo de titulação. Essa etapa exigirá o fomento de outros documentos e estudos a serem realizados conforme o processo for encaminhado, dentre esses estão os relatórios que identifique o território, a ocupação, o relatório antropológico, e ainda esse trâmite vai se estender a órgãos governamentais que trabalham em conjunto as questões agrária e do negro (quilombolas), como a Fundação Palmares e o Incra.

Dessa forma, podemos inferir que além das práticas de letramento ocorridas através da fundação da associação de moradores, o processo iniciado até a titulação definitiva demandará novas situações de contato com documentos, estudos e reuniões, ou seja, novos contextos e práticas de letramento (autônomo e ideológico) estarão em curso na Comunidade do Taquaral.

1.4 O RESGATE DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NEGRAS NO TAQUARAL

A Comunidade do Taquaral originou-se no passado exclusivamente de negros e negras, alforriados e libertos que trabalharam em terras da família Fonseca e das redondezas. A atividade principal era o cultivo de café que à época da abolição demandava muita mão-de-obra e o uso de utensílios artesanais como cestos e esteiras de taquara, além de carros de boi para o transporte e escoamento da safra.

As ferramentas para a produção e plantio do café eram importadas da Inglaterra, sendo adquiridas na cidade do Rio de Janeiro, “capital” do país, centro político e econômico naquele momento histórico. Através das companhias de tropeiros, as viagens eram realizadas para a entrega de mercadorias produzidas nas fazendas e o retorno com materiais manufaturados como tecidos, ferramentas e utensílios que não tinham como ser produzidos no interior do país.

Como o custo para a aquisição desses bens manufaturados era alto, a saída para os produtores da época foi a improvisação de materiais artesanais e o desenvolvimento de técnicas que substituíram o uso de bens importados.

Um exemplo dessa substituição está na produção de materiais feitos com bambu. Cestos, balaios, esteiras, móveis trançados que eram feitos pelos trabalhadores das fazendas que conheciam as técnicas para a produção e aproveitaram a grande quantidade de matéria prima disponível na região.

Segundo relatos, além da cultura do café, os alimentos para consumo das famílias e dos proprietários das terras eram cultivados nas próprias terras e, em alguns casos, os trabalhadores cultivavam as terras no sistema de arrendamento de porções de terras. A produção era dividida ficando parte para o trabalhador e outra para o dono da terra. Nesse

sistema durante muitos anos, o tipo de agricultura presente no Taquaral foi o de subsistência, já que poucos itens precisariam ser adquiridos externamente.

As famílias que iniciaram a comunidade realizavam suas manifestações de forma coletiva, sendo que as festas ocorriam na própria comunidade. Esses eventos de cunho religioso (católico) ou não, além de trazer acesso a cultura e lazer nos dias de festas, também traziam a oportunidade de reunião das famílias. Para os mais jovens que participavam dos bailes, tiveram nesses eventos ocorridos no passado, a oportunidade de conhecerem seus pares e, em seguida, constituírem novas famílias com os casamentos dentro da comunidade.

Devido à tradição da congada no município de Cambuquira, era comum que as famílias se encaminhassem até essa cidade para as festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. No entanto, com o passar dos anos, essa tradição de acompanhar os festejos foi se perdendo e, devido à idade e condições de saúde e mobilidade dos moradores mais antigos, tais atividades culturais foram perdendo espaço, e se tornando menos frequentes.

Na atualidade, as manifestações culturais que se extinguíram com os anos na comunidade do Taquaral começam a ser resgatadas. A parceria entre os educadores e a direção da Escola Municipal Nelson Rezende Fonseca, presente na comunidade, e o trabalho voluntário da historiadora Márcia Fonseca, tem desenvolvido o Projeto “Minha história minha vida” no qual oficinas de “contação” de histórias tem o objetivo de restaurar a autoestima das crianças das comunidades do Taquaral e Cotta, e ainda oferecer através da dança e da música a oportunidade de conhecer e valorizar a descendência e a história de suas famílias que no passado participavam de eventos como Folia de Reis, Congadas e outras manifestações afro-brasileiras.

1.4.1 O ENSINO DA CONGADA

A congada, conhecida também por congado ou congo, é uma manifestação cultural que agrega cultos católicos com africano de forma sincrética. Através da dança, seus membros realizam a coroação do rei do Congo que é acompanhado por sua corte. Em algumas regiões além do cortejo são feitas apresentações com cavalgadas. O cortejo se caracteriza pelas roupas, cantos e o carregamento de mastros nas cores do terno de congada (LEMES, 2011).

Figura 17 – Apresentação da Congada das crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca.



Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

A apresentação das crianças da Escola Nelson Rezende Fonseca acontece com o canto da música Congada de Minas Gerais de Martinho da Vila.

**Congada de Minas Gerais
Martinho da Vila**

Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o povo dessa terra
 Morador desse lugar
 Sua visita esteve boa
 Vai deixar muita saudade
 Vamos nós pedir a Deus
 A Senhora do Rosário
 E ao Senhor São Benedito
 Proteção pro seu trabalho
 Viva o Brasil...
 Quando eu vim lá de Machado
 No coração só bondade
 Rezo a Santa Efigênia
 Pras Almas Santas Beneditas
 Agradeço a Santo Onofre
 E à Senhora Aparecida (TERRALETRAS, 2012, p.§)

Geralmente, na congada se utiliza instrumentos musicais tais como: tarol, sanfona, cuíca, caixa, pandeiro, reco-reco, cavaquinho e o tamboril. No entanto, devido à disponibilidade de instrumentos e o fato de estar se trabalhando com crianças, a congada é

ensinada no Taquaral com um número menor de instrumentos e o aporte de outros recursos de áudio para o fundo musical (LEMES, 2011).

Numa transposição da ancestralidade africana, a Congada é organizada com a presença de uma corte com a representação, do rei, da rainha, dos generais, capitães e soldados, etc.

Para Lemes (2011), na congada o

[...] processo de coroação dos reis do Congo era a representação teatral e coreográfica do costume africano do envio de embaixadas tribais. [Na sua apresentação] a reação do povo africano com a dança [demonstrava que] Os povos africanos, de uma maneira geral, foram sempre amigos de danças coletivas simbólicas, que se revestiam quase sempre de intenção mágico-religiosa ou propiciatória, e algumas delas faziam parte do verdadeiro auto em que implicava a organização de suas embaixadas (LEMES, 2011, p.20).

1.4.2 O ENSINO DA FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é outra importante manifestação cultural presente no interior do Brasil. Muito popular no folclore brasileiro, tem como marcos comemorativos a descida do Divino Espírito Santo sobre os doze apóstolos, sendo comum de ocorrer sete semanas após a celebração da páscoa ou após o Natal, como lembrança da visita dos reis magos ao menino Jesus num período que vai do Natal até o dia de Reis em janeiro ano seguinte (CHAVES, 2011).

Figura 19 – Apresentação da Folia de Reis das crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca.



Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

A Folia do Reis é uma festa religiosa com origem portuguesa e foi popularizada no Brasil, principalmente pelas comunidades do interior e comunidades rurais. Ela é formada por cantadores que se mobilizam em grupos que saem pelas casas pedindo doações. Os foliões

carregam a Bandeira do Divino que apresenta o símbolo com a Pomba e a cor do estandarte vermelha (CHAVES, 2011; LEMES, 2011).

Figura 20 – Apresentação da Folia de Reis das crianças do Taquaral nas comemorações do aniversário de Três Corações em 2012.



Fonte: TRÊS CORAÇÕES, 2013.

Essa é uma manifestação presente nas oficinas realizadas com as crianças do Taquaral. Como tradição, a Folia de Reis é uma das festas mais prevalentes em cidades do interior de Minas Gerais, e por essa razão, nas comemorações do aniversário de Três Corações e a visita do Rei Pelé, as crianças foram convidadas realizar apresentação cultural da Folia de Reis. (CHAVES, 2011) (TRÊS CORAÇÕES, 2013)

Durante adas apresentações as crianças cantam a música Folia do Divino:

FOLIA DO DIVINO

EU VENHO AQUI TE PEDIR LICENÇA
PRA ESTA BANDEIRA EM TUA CASA ENTRAR
É SÓ O DIVINO ESPÍRITO SANTO
COM SUAS GRAÇAS ABENÇOAR

VENHO DE LONGE POR ESTA ESTRADA
TRAZENDO AMOR PRO TEU CORAÇÃO
COM ESTA BANDEIRA ABENÇOADA
VOU SEGUINDO EM ORAÇÃO

SE DE BOM GRADO ACEITO UMA ESMOLA
SE DE BOM GRADO ACEITO O PÃO
QUE NUNCA FALTE EM TUA MORADA
PAZ E AMOR NO CORAÇÃO

COM TUA LICENÇA JÁ VOU ME EMBORA
NESTA TOADA CORTO O SERTÃO
PROMETO EU VOLTO NO OUTRO ANO
SALVE O DIVINO ESPÍRITO SANTO

SALVE O DIVINO ESPÍRITO SANTO (TRÊS CORAÇÕES, 2013, p.§).

1.4.3 FAZENDA VELHA: O ENSINO DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

A canção Fazenda Velha é uma composição que retrata a condição dos negros no cativeiro e sua ascensão à liberdade com a Abolição da escravatura. O ensino desta apresentação é ao mesmo tempo cultural, ao lembrar as raízes da comunidade que foi formada por escravos e seus descendentes, também é educativa no sentido de valorizar a história e demonstrar a diferença entre o passado e o presente da população negra no Brasil.

FAZENDA VELHA

Fazenda velha, cumieira arriou (2x)
 Levanta negro, cativeiro acabou (2x)
 Se negro soubesse o talento que ele tem (2x)
 Não aturava desaforo de ninguém (4X)

Levando Pedro, Casa grande tá chamando
 Oi que o sino tá badalando, já é hora do jantar

Troca seus panos mas não passa na cozinha
 Oi não me acorde sinhazinha que ela parou de chorar (2x)

Dona Teresa quando entra na senzala
 Oi corre atrás de rezadeira com criança pra benzer

A carne é fraca, o santo é forte na ribeira
 Oi vira santo a noite inteira, quero ver agradecer (2x) (TERRALETRAS, 2012, p.§).

A condução dessas oficinas supracitadas fica a cargo da historiadora Márcia Fonseca que conta com o apoio das professoras e da diretora da escola. Essas atividades além de resgatar a história e a autoestima dos alunos que são prevalentemente negros e pardos, vem atender a regulamentação¹⁴ da educação brasileira que determina a inclusão de conteúdos sobre a história e a contribuição do negro e do afrodescendente para a formação do país.

¹⁴ Lei n.º 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Figura 21 – Apresentação de Fazenda Velha pelas crianças do Taquaral na escola Nelson Rezende Fonseca.



Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

A condução dessas oficinas supracitadas fica a cargo da historiadora Márcia Fonseca que conta com o apoio das professoras e da diretora da escola. Essas atividades além de resgatar a história e a autoestima dos alunos, que são prevalentemente negros e pardos, vêm atender a regulamentação¹⁵ da educação brasileira que determina a inclusão de conteúdos sobre a história e a contribuição do negro e do afrodescendente para a formação do país.

1.4.4 *KULA BEBE*: A CANTIGA E A LIGAÇÃO COM A DESCENDÊNCIA AFRICANA

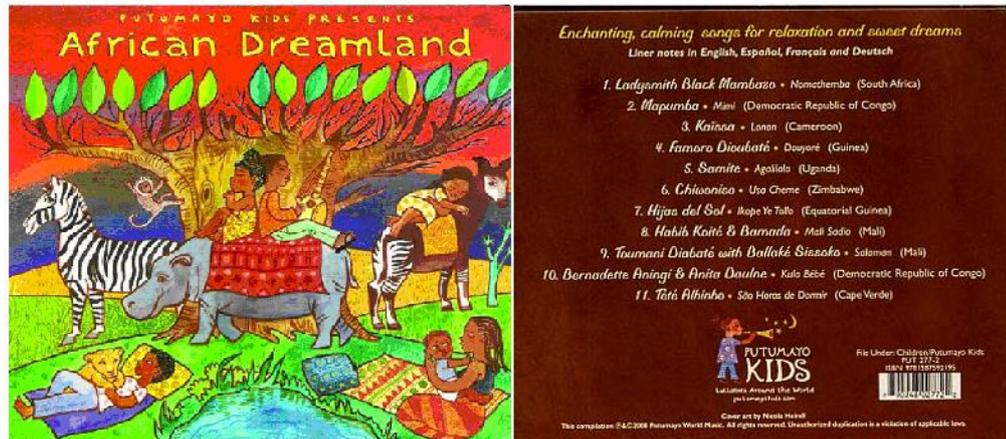
A canção *Kula Bebe*, transcrita e ensinada às crianças do Taquaral por Márcia Fonseca é uma tradicional cantiga de ninar cantada na língua Suáli (Kiswahili). Uma língua africana com origem no Banto, muito falada nas regiões da África Subsaariana. Segundo o site do Curso de Introdução à língua e cultura Suáli (Kiswahili) da USP, “a língua veicula na maior parte da África do Leste e região com mais de 50 milhões de falantes” (USP, 2013, p.§).

A canção foi escrita e gravada pelas pedagogas africanas Bernadette Aningi e Anita Daulne e incluída no CD *African DreamLand*, uma coletânea de músicas de ninar produzido

¹⁵ Lei n.º 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

pela PUTMAYO KIDS, uma gravadora especializada em produzir discos com enfoque regional de música e canções tradicionais principalmente para atender o público infantil mundial.

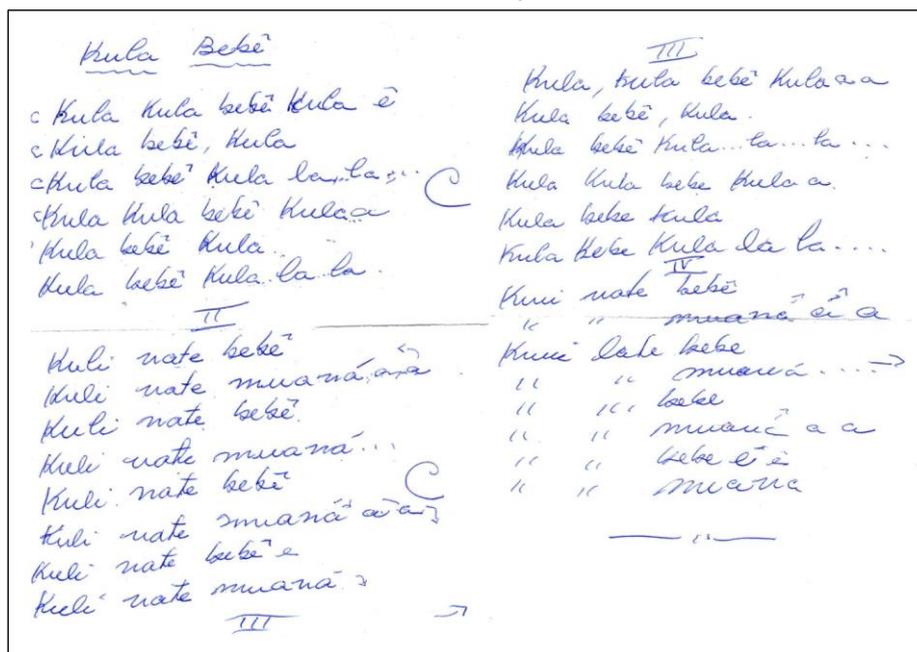
Figura 22 – Capa do CD African DreamLand.



Fonte: BARBOSA, 2012

Após pesquisas na rede mundial de computadores, tivemos acesso a canção no site YouTube e no ambiente da própria gravadora, no entanto, os CDs são produzidos sem o encarte com a letra das músicas de forma que não há oficialmente uma letra transcrita pelas autoras e intérpretes da cantiga.

Figura 23 – Letra da música “Kula Bebe” transcrição manual de Márcia Fonseca.



Fonte: BARBOSA, 2012.

Kula Bebê

Kula, kula bebê kula ê
 Kula bebê, kula
 Kula bebê, kula lá... lá...
 Kula kula bebê kula... a
 Kula bebê, kula
 Kula bebê, kula lá... lá.

II

Kuli nate bebê
 Kuli nate muaná... a... a...
 Kuli nate bebê
 Kuli nate muaná...
 Kuli nate bebê e
 Kuli nate muaná

III

Kula , kula bebê kula ê
 Kula bebê, kula
 Kula bebê, kula... lá... lá...
 Kula kula bebê kula... a
 Kula bebê, kula
 Kula bebê, kula lá... lá...

IV

Kuli late bebê
 // // muaná... á... a...
 // // bebê
 // // muaná... a a
 // // bebê é é
 // // muaná

_____, _____
 (BARBOSA, 2012)

Pesquisando os termos *kula* e *kulala* na língua suaíli (swahili¹⁶) foi aferido que os significados dos termos respectivamente são “comer (*to eat*)” e “dormir (*to sleep*)”. (ALI & MAZRUI, 2004).

Dentre os aspectos mais relevantes da música é que, apesar de estar em dialeto africano, as crianças do Taquaral se identificaram com a canção e a interpretam quando apresentam a visita ao menino Jesus, durante a Folia de Reis.

¹⁶ *Swahili* – A língua suaíli de origem baseada no Banto (Africano), como a maioria das línguas tomou emprestado palavras de outras línguas, como árabe (pelo uso do Alcorão), sofreu a influência em seu vocabulário dos povos árabes e persas que se mudaram para a costa Leste do Continente africano. O mais antigo documento conhecido narrando a situação passada na costa Leste Africana escrita no Século II (em língua grega por autor anônimo em Alexandria, no Egito, e é chamado o Périplo do Mar de Erythra), este documento diz que os comerciantes da época que visitaram a costa Leste Africano, vindos do sul da Arábia, tiveram contato com os nativos que utilizavam uma língua local, com tradições locais e vieram a formar novas famílias ao casarem com eles. (ALI & MAZRUI, 2013)

Figura 24 – Apresentação da canção *Kula bebe* pelas crianças do Taquaral na escola



Nelson Rezende Fonseca.

Fonte: FIGUEIREDO, 2012.

Apesar de ser parte da apresentação da Folia de Reis (de tradição portuguesa), a inclusão do elemento originalmente africano, a canção, o boneco representando o bebê recém nascido, Jesus negro, traz toda a identificação com a memória e a ancestralidade das crianças com suas raízes africanas.

2. A HISTÓRIA ORAL

2.1 - A PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL COMO PANO DE FUNDO PARA RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

Ao sermos inseridos nos estudos da Oralidade X Escrita e da Interação e Letramento, fomos desbravando novas formas de enxergar a língua e o seu uso, bem como de que forma cada um vivencia de modos diferenciados o contato com ela.

Na fase de pesquisa, fez-se necessário buscar um método que se encaixasse ao nosso objeto e, a partir desta, levantar elementos para encaminhar um estudo aprofundado sobre a vida das pessoas da comunidade quilombola do Taquaral em Três Corações – MG e, a partir desse ponto, demonstrar como o letramento se apresenta nos depoimentos dessas pessoas.

Nesse sentido, contextualizamos a História Oral como área de conhecimento e instrumento de coleta de informações. Para trazer ao leitor um panorama desta área de conhecimento, recorreremos inicialmente a Freitas (2002), em sua interpretação sobre o tema no Brasil na contemporaneidade. Nosso país tem se referenciado nas pesquisas em História Oral, com participação expressiva nos mais importantes fóruns de discussão na temática. Temos autores brasileiros como Bosi (1994), Freitas (2002), Meihy (2000) que seguiram e ampliaram o trabalho de Paul Thompson (2002), a maior referência mundial nessa área de estudos.

Foi exatamente a apresentação, no Brasil, do Professor Paul Thompson em 1991, que demarcou a História Oral Moderna brasileira, em evento que catalisou todas as experiências e metodologias em andamento no país e credenciou com o *know-how* nossos teóricos, subsidiando trabalhos que se tornaram referência e que procuram discutir e teorizar sobre o tema da História Oral (moderna), mas numa perspectiva brasileira (FREITAS, 2000).

Ao encerrar sua apresentação no Brasil, Thompson não apenas direcionou os estudos de História Oral brasileira para a vertente mais moderna, como contribuiu para, a partir de então, quantificar e qualificar a produção desses estudos em todo o país, viabilizando uma mobilização em torno de uma associação em nível nacional. Temos então, a partir desse ponto, a delimitação e qualificação dos trabalhos já desenvolvidos para uma ciência específica e não apenas como suporte de documentação e acervo histórico (FREITAS, 2000).

Pode-se afirmar que os autores brasileiros que se destacam nesse campo apresentam trabalhos que conversam entre si, mas que também trazem características individuais, conforme o enfoque de cada teórico. Esses autores estabelecem metodologias específicas para

o produto que se procura obter através da pesquisa em História Oral, mas sem deixar os fundamentos estabelecidos por Thompson (FREITAS, 2000).

Tendo em vista o desenho de como se encontra a História Oral no país, voltemos à sua análise, na perspectiva de sua própria história.

A História Oral é um modo de produção de conhecimento. A oralidade é o meio que se utiliza para a busca por registro de fatos passados. A metodologia da História Oral, portanto, baseia-se na coleta de informações através dos depoimentos orais que deverão receber o tratamento científico através da transcrição e catalogação para posterior análise por parte dos pesquisadores (THOMPSON, 2002).

Conforme os trabalhos de Thompson (2002) e Gnerre (1985) pode-se afirmar que, informações foram coletadas oralmente vieram a se tornar documentação escrita (via transcrição), e que essa produção de documentos escritos conseqüentemente relegaram à oralidade um papel inferior em relação à escrita.

A História Oral, antes do século XX, tinha um enfoque totalmente político. Segundo Thompson (2002), dependendo do objetivo para o qual ela é usada, pode vir a se tornar um instrumento de mudança. Potencialmente pode mudar tanto no conteúdo quanto na finalidade.

Sem dúvida, a “Nova História” foi um importante movimento que contribuiu para a mudança dos procedimentos na pesquisa de fontes para se reconstruir a História.

Segundo Freitas (2002),

[...] em meados do século [XX] por uma 'Nova História', livre de cânones rígidos, onde a história do presente, do cotidiano e da experiência individual adquiriram significativa importância. Muito contribuiu para esta inovação o pensamento dos intelectuais da chamada 'Escola de Frankfurt'. O tema da Memória, juntamente com o da Cultura, passou a ser para os historiadores um desafio e motivo de renovada criação, como atestam [seus] trabalhos. (FREITAS, 2002, p. 43)

Nessa linha de pesquisa, temos o trabalho de Bosi (1994), que apesar de buscar o tratamento do tema memória e velhice sem aprofundamentos específicos em uma área ou outra, constitui um trabalho de interface entre os dois temas.

A memória é uma faculdade analisada pela autora (Idem, 1994, p. 68) como “conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”. Ou seja, aquele que lembra os fatos do passado, o faz da forma que lhe cabe mais apropriada. O exercício da rememoração (dos idosos) faz com que seja revelado apenas o material relevante para o depoente, algumas vezes aspectos que seriam considerados banais

são elevados a uma pertinência para explicar o acontecido com os olhos do presente. Essa ação não tem a intenção de falseamento das informações, mas faz parte dos processos mentais de associação, assimilação e reelaboração das lembranças.

Nesse sentido, para Bosi (1994)

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal a cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. [...] A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ele ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (BOSI, 1994, p.15).

Neste sentido, a utilização da História Oral pode construir pontes entre o sujeito e a sua história, professores e alunos, entre gerações, instituições acadêmicas e sua comunidade externa e conforme aplicado em nossa pesquisa, entre áreas do conhecimento, de forma que os sujeitos participantes da pesquisa, através de suas palavras, recebam um lugar de destaque na história, ao contar e ao reconhecer-se nela (THOMPSON, 2002).

Segundo Meihy (2000), pode-se afirmar que:

HISTÓRIA oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. [...] Como expressão de contemporâneos, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática e imediata. [...] Mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras. (MEIHY, 2000, p.25)

Logo após a Segunda Guerra Mundial, a História Oral como conhecemos começou a ganhar novos contornos em sua essência e, a partir daquele momento, se muniu de critérios que a diferenciou dos demais tipos de entrevista (MEIHY, 2000).

O reconhecimento da História Oral moderna se deve ao fato de a mesma obrigatoriamente estar vinculada a um projeto¹⁷, não se tratando de entrevistas aleatórias, mas

¹⁷ Segundo Meihy (2000, p. 81), “existência de um projeto elaborado é essencial para o bom desenvolvimento da história oral. Para se fazer um trabalho de história oral não basta alguém munido de gravador ou filmadora e a existência de um ou mais depoentes dispostos a dar entrevistas. É preciso um projeto que guie as escolhas que especifique as condutas e qualifique os procedimentos desde o começo até o fim. É o projeto que oferece as linhas gerais que o trabalho de campo deve ter. Ele também é o principal diferenciador entre história oral e demais áreas que trabalham com entrevistas.”

da coleta de depoimentos orais que, em conformidade com um projeto, esteja de acordo com a intenção e os procedimentos definidos por este (MEIHY, 2000).

Para o projeto de coleta de história oral que orienta esse trabalho foram definidos dois aspectos determinantes: na seleção dos informantes, a prioridade para os mais idosos e na definição da linha da pesquisa, a história oral temática sobre a fundação da comunidade do Taquaral. No entanto, na execução, foi necessário seguir a orientação dos trabalhos de Bosi (1994; 2003), em construir um relacionamento de confiança com os depoentes, para que houvesse naturalidade nas entrevistas. Por esse motivo, a condução das entrevistas foi totalmente flexível, fato que corroborou para que as linhas de história oral temática e história de vidas estivessem sobrepostas.

Segundo Freitas,

Denominamos de moderna História Oral [...] àquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método. (FREITAS, 2002, p.27)

A autora considera que, para a tradição oral, temos na obra “A voz do passado – História Oral” de Thompson (2002) uma obra emblemática para o estudo da História Oral (FREITAS, 2002).

Analisando a obra, percebe-se que originalmente as primeiras escolas de estudos específicos da tradição oral trazem diferenças pontuais entre as escolas americana e inglesa em relação à gênese da História Oral moderna. Temos nos anos de 1960, nos Estados Unidos da América, uma preocupação com o registro dos depoimentos de *greats men*, ou seja, das personalidades da época. Enquanto que, na Grã-Bretanha, nesta mesma época, a pesquisa tem como base a busca de conhecer o outro lado da história, ou seja, os depoimentos que eram baseados nas falas das pessoas comuns (*ordinary people*), que são os sujeitos à margem do poder (FREITAS, 2002).

Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p.137)

Conforme o extrato acima, percebemos o motivo pelo qual Paul Thompson (1992) se tornou autoridade no tema. Ele sistematizou, a partir de um método de registro dos depoimentos orais – não apenas a coleta – bem como pelo posicionamento político, de trazer a

voz dos que eram oriundos das camadas marginalizadas da sociedade, os trabalhadores, os escravos e seus descendentes, e os idosos. Seu trabalho acabou demarcando uma nova reflexão sobre a História, compilado em sua obra supracitada.

Para Thompson (2002),

considerando a história oral [como] uma manifestação ligada àqueles “que não têm história oficializada” (aos grupos que ainda não ganharam reconhecimento, registro, análise nas histórias escritas), muitos autores a reconhecem como a via de compromisso para saldar tal dívida.[...] Há alguns autores mais radicais que preferem pensar a história oral como expressão exclusiva das minorias silenciadas [...] as situações de grupos que não geraram documentos ou circunstâncias em que se apresentam impedimentos de registros, há aqueles que apenas a consideram quando ela representa “outra história”, uma “história vista de baixo”. Os mais extremistas chegam a negar algum papel da história oral ligada às elites que, além de dominantes, geraram documentos e ostentam as diretrizes da própria análise. (MEIHY, 2000, p.15-16)

Nesse sentido, observando a existência de idosos que eram considerados relevantes para a comunidade por ter suas raízes familiares ligadas à origem da localidade e, sintonizando a pesquisa com a forma de trabalho empreendida por Ecléia Bosi em Memória de Velhos, buscou-se conhecer os possíveis depoentes e através de visitas à comunidade estreitar os laços de confiança para oportunizar a coleta de relatos por meio de gravação em recursos de áudio e/ou audiovisual. As informações sobre a vida e a família dos depoentes no passado tiveram o enfoque temático sobre a origem da comunidade quilombola.

A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam. Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. Isso significa que os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade. (SCHOBER, 2004, P.§)

Por mais que se busque sistematizar a pesquisa em história oral a um planejamento, sua execução requer habilidade para extrair dentro de uma entrevista as informações necessárias, ainda mais em se tratando de informantes idosos que apresentam variações em relação a capacidade de lembrar e relatar os fatos do passado. Muitas vezes aquilo que vai sendo contado sobre elaborações que o depoente inconscientemente faz, uma vez que conforme os estudos de Thompson, essa é uma atividade comum a esse grupo (PRETI, 1991).

Portanto, estabelecido o vínculo com o seu depoente, é necessário que se permita que ele fale, e se sinta a vontade para formular sua fala. O mecanismo de registro das informações

não deve constranger o relato e nem devem ser feitas correções que poderão inibir o modo de linguagem natural desse (TARALLO, 1990).

Utilizando-se da História Oral como procedimento e os estudos sobre letramentos ideológicos que interagem dentro de comunidades orais, podemos constituir o *corpus* de pesquisa na área de sociolinguística. O fato do uso da língua faz com que os sujeitos falantes que compartilham de uma mesma comunidade linguística, com os usos, regras, marcas de oralidade, expressões comuns como gírias e formas de expressão típicas, enfim, os conhecimentos sobre sua história individual que se encontra imbricada com a história da coletividade, e nesse sentido, através de uma amostragem pequena, é possível identificar elementos constitutivos de uma comunidade linguística.

A Grã-Bretanha se destaca na linha de produção de História Oral com o viés político, característico dos trabalhos de Thompsom, e por agregar, na atualidade, “profissionais de diversas áreas” através da *National Life History Collection* e do *British Library National Sound Archive*, que se integram aos “meios de comunicação, universidades, museus, centros de reminiscências”, etc. sendo responsável também pela publicação do *Jornal Sociedade de História Oral* (FREITAS, 2002, p.30-31).

Analisando o contexto brasileiro, percebe-se que a entrada dos estudos de História Oral no Brasil ocorreu de forma tardia, ou seja, enquanto nos anos de 1960 na Europa e Estados Unidos, os grandes círculos acadêmicos se estabeleciam com institutos específicos desta disciplina, apenas no final dos anos de 1970 e início da década de 1980 esse movimento começa a ganhar maior espaço no país.

Tal situação se deve à conjuntura histórica brasileira, de abertura política nos anos de 1980, e, à desconstrução do ideário positivista imposto pelo regime militar (FREITAS, 2002).

Paradoxalmente, o desdobramento do golpe militar de 64, no Brasil, bem como em vários outros países da América Latina na década de 60, coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos. Em consequência disso, enquanto em muitos lugares do mundo proliferavam projetos de história oral, retraíamos-nos, deixando para o futuro algo que seria inevitável. Em compensação, o germe da repressão militar acabou por favorecer o aparecimento da história oral, que se mostrou potente, sendo, até mesmo, uma das alternativas para a afirmação da democracia. (MEIHY, 2000, p. 46).

Em Meihy (2000), podemos avaliar que pelo contexto de cessação imposto pela ditadura no Brasil, muitas vozes¹⁸ que destoavam da versão oficial (governamental) eram

¹⁸ Entenda-se: movimentos sociais, sindicatos, estudantes, intelectuais e artistas, grupos de pessoas que combateram de forma crítica todas as manifestações do sistema ditatorial em voga.

silenciadas pelo sistema. Portanto, a produção de depoimentos orais e de documentos escritos foi alvo de forte censura. Nesse período tivemos no país, a partir dessa situação, uma importante mobilização intelectual com produção subversiva, atividades paramilitares, fomento de movimentos culturais e musicais antagônicos – Jovem Guarda de um lado e a Tropicália e nova MPB de outro – mas, ao mesmo tempo, grande segmentos populacionais eram anestesiados através dos veículos de comunicação da época, pela doutrinação moral e cívica no sistema escolar, e pela repressão político militar (BETTO, 1987; MEIHY, 2000).

A ditadura militar figura, na história recente do Brasil, como um período sangrento e vergonhoso, marcado por perseguições políticas, pelo cerceamento das liberdades individuais e pela presença marcante da censura, que tolheu liberdades de expressão individuais, intelectuais e artísticas. [...] A liberdade de expressão, que já era controlada de forma discreta e dissimulada desde 1964, foi oficialmente suprimida a partir do Ato Institucional nº 5 (AI-5), decretado pelo então presidente, General Costa e Silva, em 1968, que suspendeu a possibilidade de qualquer reunião de cunho político e aumentou a censura prévia já existente, que se estendia à música, ao teatro e ao cinema de assuntos de caráter político, suspendendo, também, o habeas corpus para os chamados crimes políticos [Os brasileiros viveram] sobre a égide da pressão político-militar dos governantes e a imprensa sofreu dura censura, sendo que seus dissidentes foram presos, torturados, exilados, ou, pior, muitos foram mortos (HOFFMAN; GONÇALVES, 2009, p.1-2, grifos das autoras).

Se refletirmos sobre o contexto brasileiro supracitado e as produções textuais nas mais variadas modalidades, perceberemos que, na medida em que foi necessário colher apenas por via de fontes documentais, os relatos orais da época, os pesquisadores tiveram enormes dificuldades. Desta forma, correriam o risco de perder o objeto de suas pesquisas por não poder recorrer, precisamente, à história oral, considerando-a secundária e complementar às pesquisas.

Segundo a visão e práticas de [...] historiadores, que vêem no documento escrito a condição *sine qua non* da história, [por exemplo:] a África não tem história, pois esse continente é constituído de sociedades organizadas a partir da tradição oral, portanto, sem escrita. [...] (FREITAS, 2002, p. 44-45).

A imposição da censura e a presença dos órgãos de repressão do Estado brasileiro, determinaram fortes restrições à produção de pesquisas na área de Ciências Humanas, cujos relatos orais têm forte contribuição, considerando os fatores qualitativos e subjetivos desse campo (MEIHY, 2000).

Muito do que foi produzido nos anos da ditadura militar, em termos de oposição, não pôde mostrar explicitamente o seu caráter denunciador. As denúncias eram feitas sutilmente pelos meios de comunicação, pelas artes e pela literatura através de metáforas e da linguagem figurada. Além de os

censores impedirem a atuação de autores e artistas, pretendiam também manter o povo alienado, sem acesso à real informação, evitando o aprimoramento intelectual da população e interrompendo o processo de formação de opinião do público. Ironicamente, nessa época, aconteceu o grande boom dos filmes pornográficos e a propaganda estatal do “Este é um país que vai pra frente” ou “Brasil: ame-o ou deixe-o”, sem esquecer, é claro, da repercussão da Copa de 70 (HOFFMAN & GONÇALVES, 2009, p.2, grifos das autoras).

Nesse sentido, o controle da produção e do registro de informações foi influenciado pelos alinhamentos ideológicos de cunho positivista. Nos quais, aos estudarmos aspectos de letramento, percebemos a valorização da escrita sobre a oralidade¹⁹ e o preconceito em relação às pesquisas ligadas à História Oral (FREITAS, 2002).

Fora da universidade, o número de pequenos, médios e grandes museus e arquivos, preocupados com o registro da história local ou de comunidades, também tem proposto comunicação entre o saber acadêmico e as necessidades regionais ao promover o registro e o exame social de realidades específicas. (MEIHY, 2000, p. 46-47)

Cabe ressaltar que tanto Meihy (2000) quanto Freitas (2002) convergem em suas reflexões acerca de que maneira a comunidade científica, neste caso, os cientistas sociais, se posicionam em relação ao uso e aplicação da história oral enquanto metodologia. Para os cientistas sociais, apesar de ter em muitos casos, seres humanos e suas relações sociais como objeto de pesquisa, os mesmos colocam as fontes escritas como meio exclusivo para a construção e o aprofundamento de novos saberes. De forma que se pode compará-los aos linguistas grafocêntricos²⁰ que, por muito tempo, dicotomizaram a linguagem, imprimindo a oralidade posição inferior a escrita.

No Brasil, a maioria dos cientistas sociais ainda vê a fotografia, a caricatura, a carta, o diário, assim como o depoimento oral, como fontes subsidiárias, possuidoras de baixo valor histórico, embora essas fontes sejam frequentemente utilizadas para ilustrar ou comprovar alguma idéia. Há aqueles que acreditam na História Oral, porém assumindo uma postura de que o documento oral deve ser cruzado com outras fontes, de preferência escritas e oficiais. Nessa perspectiva, os documentos orais visam a complementaridade e veracidade das informações, portanto, o cotejo das fontes. (FREITAS, 2002, p. 44-45)

Em nosso país, a utilização da História Oral como método de coleta de informações por fontes orais sempre esteve relacionada a uma técnica, um procedimento de suporte de

¹⁹ Esta relação entre a escrita e a oralidade, bem como sua implicação para os estudos sobre o letramento será mais bem desenvolvida no Capítulo 2 deste trabalho.

²⁰ Este posicionamento será mais bem desenvolvido no Capítulo 2 deste trabalho através da análise das contribuições de autores como Kleiman (1995), Gnerre (2000) e Soares (2002).

pesquisa científica. Depois, em outras áreas, passou a ser ferramenta para levantamento de informações que, ao serem manipuladas, nem sempre conservavam a voz do depoente, mas apenas serviam para reforçar a ideia do pesquisador ou autor do relatório escrito (FREITAS, 2002).

Há também aqueles que, em suas dissertações, teses e ensaios, utilizam entrevistas como fonte de informação para preencher lacunas em suas pesquisas. Todavia, esses trabalhos não fazem nenhuma menção à História Oral e à vasta produção acerca dessa metodologia disponível no país e, muito menos, indicam as metodologias de pesquisa utilizadas. (FREITAS, 2002, p. 44)

Segundo Freitas (2002), existem outras aplicações para o uso da História Oral. Podemos exemplificar, por meio da esfera jornalística, o uso de depoimentos orais para a produção de reportagens, biografias, investigações, etc. Também temos como prática de história oral programas de televisão conhecidos como *talk-shows*, em que, embora de uma forma mais restritiva pelo conteúdo e tempo de entrevista (direcionada), há o uso do depoimento oral. E destacando, de forma mais explícita, a produção de documentários temáticos, com entrevistas reais ou fictícias²¹ (FREITAS, 2002).

Conforme vemos em Freitas (2002) e Meihy (2000), a História Oral se estabelece em três linhas²²: a Tradição Oral, a História de Vidas e a História Temática.

2.2 – AS TRÊS LINHAS DE HISTÓRIA ORAL

O estudo da História Oral, tendo como perspectiva suas respectivas modalidades, contribui em primeiro lugar para a construção do projeto de pesquisa oral. Durante a coleta de dados orais, é possível que essas linhas estejam imbricadas, ou seja, que numa pesquisa de História de Vida o pesquisador acabe por construir através dos relatos uma História Temática. É possível ainda que na pesquisa de Tradição Oral o mesmo ocorra. O alinhamento pode ocorrer de forma flexível. Durante a sua aplicação, no entanto, o objetivo do projeto é que definirá o viés ou a linha de destaque para a pesquisa em História Oral (FREITAS, 2002) (MEIHY, 2000).

2.2.1 – TRADIÇÃO ORAL

²¹ Segundo Freitas (2002), o cineasta brasileiro Eduardo Coutinho é uma referência no país, neste tipo de produção.

²² Autores como Freitas (2002) e Meihy (2000) utilizam o termo “gênero”, no entanto, por se tratar de um conceito aplicado de forma diferenciado nas pesquisas linguísticas, optamos por alterar para as expressões “linha”, “alinhamento”, “viés” para manter o sentido aproximado, dentro da concepção teórica em História Oral.

Em muitas situações, a tradição oral é relegada a sociedades de estrutura tribal ou ágrafas. No entanto, embora seja considerada o melhor meio para se obter subsídios relacionados às práticas e aos costumes de uma dada comunidade, a tradição oral tem sido observada tanto em comunidades rurais e urbanas como presente na vida de sujeitos considerados *letrados* ou *iletrados* (FREITAS, 2002).

Segundo Meihy, pode-se afirmar que:

Sociedades ágrafas são ricos depósitos de tradições orais. [...] Uma manifestação freqüente na tradição oral é a reconstrução histórica de grupos ágrafos, ou sem história escrita. Nesse caso, busca-se, em primeiro lugar, enquadrar a situação da inexistência de registros escritos em um propósito de estudos que justifique a história oral feita com base em levantamento dos mitos fundadores. Em segundo lugar, deve-se aplicar as técnicas da reconstrução do passado a fim de se produzir documentos capazes de possibilitar um acervo útil à instrução de análises devotadas tanto às explicações internas do grupo quanto às relações externas. (MEIHY, 2000, p.71)

Freitas (2002, p.19) recorre aos estudos do especialista em tradição oral africana Jan Vansina (2010, p.140). O autor afirma que na sociedade, “a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”.

Como acontece nos letramentos vernaculares, em casa junto à família é que ocorre a educação tradicional, no dia a dia das comunidades, os conhecimentos são passados através das gerações por meio de histórias faladas, lendas, ritos, cantos, mitos, provérbios, etc. Por se tratar de sociedades orais, temos na palavra uma força para além do signo, uma aura sagrada que une os homens aos seres de divindade e/ou forças ocultas. A palavra é o meio de reprodução da vida material e espiritual e por ela que acontece também “os ritos de iniciação e a evocação de ancestrais”. (AQUINO et al., 2012, p.3)

Corroborando ao trabalho de Vansina (2010), temos em Freitas (2002) a seguinte descrição sobre a Tradição Oral: a coleta e o estudo de depoimentos que abrangem a transmissão do conhecimento e das tradições passadas de uma geração a outra, perpetuando o modo de reprodução social, hábitos através de “elocuições-chaves”, o “testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”. Nesse sentido, vemos que

[...] a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como "iletradas" ou tribais. Ela pode também ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral. Por exemplo: [os causos,] as cantigas de rodas, brincadeiras e histórias infantis são transmitidas oralmente, de geração para geração. (FREITAS, 2002, p.20)

Partindo desses pressupostos em Meihy (2000), Vansina (2002) e Freitas (2002), é possível antecipar que o estudo por hora empreendido se habilita não somente a registrar os depoimentos orais, mas fazer desse material coletado fonte para elucidar questionamentos sobre as tradições da comunidade quilombola, suas formas de reprodução social, cultural, econômica, os saberes e as referências desses modos de vida para a atualidade. Tendo em vista que:

Uma das mais complexas e raras expressões da história oral é a tradição oral. Porque trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, a tradição oral percebe o indivíduo e o grupo diferentemente da história oral de vida e da história oral temática. Variam também os procedimentos de apreensão dos testemunhos. (MEIHY, 2000, p.71)

Uma característica importante sobre o uso da tradição oral está na explicitação de dados subjetivos de certa comunidade, grupo social, reinado, dinastia, etc. Trata-se de justificativa mítica para os processos organizativos, nos campos religioso, jurídico, administrativo, familiar e grupal. Esses procedimentos são reguladores de práticas culturais que moldam uma dada sociedade, mas que não são descritos em documentos escritos, e que, por esta razão, necessitam de maior apreensão por parte do pesquisador. Esse tipo de pesquisa deve ser municiado de outros conhecimentos para designar características comuns e documentá-las para futuros estudos (MEIHY, 2000).

Segundo Meihy (2000) ainda que se faça registro de entrevistas individuais, a grande característica da tradição oral está em resgatar a história no âmbito coletivo prezando a carga de uma tradição comunitária.

Os resultados de trabalhos de tradição oral, geralmente, são ainda menos imediatos que os demais. Porque requer participação constante e observações intensas, além de acompanhamento atento que sempre extrapola o nível da entrevista, a tradição oral é de execução mais lenta e exige conhecimentos profundos tanto da situação específica investigada quanto do conjunto mitológico no qual a comunidade organiza sua visão de mundo (MEIHY, 2000, p.72).

Dentre esses conhecimentos, pode-se focar a pesquisa dentro de uma agenda comum à da comunidade pesquisada, partindo para a análise dos tipos de festas, celebrações, ritmos típicos, de cerimônias de passagem (MEIHY, 2000).

Apesar de se observar as características citadas em comunidades rurais, isso não impede que a pesquisa possa ser realizada dentro do espaço urbano, com grupos específicos como, por exemplo: trabalhadores, idosos, ex-combatentes, grupos culturais, ex-escravos e

seus descendentes, anarquistas, etc. A tradição oral, enquanto pesquisa, se coloca como melhor método de registro de segmentos menos prestigiados da sociedade (THOMPSON, 2002).

Ainda que seja comum o uso da tradição oral em grupos fechados, como tribos ou clãs que resistem à modernização, é possível fazer trabalhos de tradição oral em sociedades urbanas, industriais nas quais a resistência aos padrões dominantes exigem ritualizações de práticas ancestrais. (MEIHY, 2000, p. 72)

Segundo Meihy (2000), a tradição oral é, dentre os três alinhamentos de História Oral, o menos desenvolvido no Brasil. No entanto, pode-se considerá-lo tão importante quanto os demais, pois trabalha preferencialmente com idosos, considerados depositários da tradição e instrumentos de transmissão e perpetuação da mesma.

No caso da tradição oral, obrigatoriamente, o convívio demorado com o colaborador ou com a comunidade de entrevistados é importante. Deve-se salientar que não é o acúmulo de horas que caracteriza uma boa entrevista. Mais vale um clima sincero e fraterno que a repetição de perguntas ou a retomada exaustiva de temas que sempre voltam com conteúdo diferente. (MEIHY, 2000, P.87)

2.2.2 – HISTÓRIA DE VIDAS

Segundo Freitas (2002, p.21), a História Oral não é sinônima de história de vida. Se analisarmos as contribuições de Paul Thompson (2002) observar-se-á que elas se assemelham à antiga coleta de relatos autobiográficos *ordinary people*, uma vez que “a história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico” mesmo sem o uso da escrita que caracteriza este tipo de relato.

Por se tratar de autobiografia, o indivíduo depoente conta sua própria história revisitando e reconstituindo seu passado, de forma que o pesquisador pode fazer com que a abrangência do depoimento seja o transcorrer de toda a vida do entrevistado. Para tanto, faz-se necessárias muitas horas de gravação e, posteriormente, de transcrição²³ (FREITAS, 2002).

Bastante desenvolvida nas culturas anglo-saxônicas, as *histórias de vida se mostraram correlatas à popularidade das biografias*, também comuns naqueles círculos. Entre nós, graças à dependência da corrente inglesa

²³ Sobre a transcrição, autores como Meihy (2000) defendem uma **transcrição literária**, ou seja, a produção de um texto no qual os aspectos mais relevantes dos depoimentos sejam trabalhados em um texto mais condensado. No entanto, autores como Thompson (2002) e Freitas (2002) já trabalham com o método de **transcrição literal** das entrevistas, de forma a não perder os aspectos mais relevantes e que caracterizam a voz do depoente. Ecléia Bosi (1994) demonstra uma forma híbrida dessas posições em sua obra *História e Sociedade: Memória de Velhos*.

liderada por Paul Thompson, a história oral de vida tem se insinuado como uma tendência forte [...]. (MEIHY, 2000, p.61, grifos nossos)

Meihy (2000, p.84) afirma que os depoimentos na linha de História de Vida podem se subdividir em duas categorias conforme a “captação da moral vivenciada pelo narrador ou [se a entrevista é] em profundidade”.

Segundo o autor, o tempo de quarenta e cinco minutos e uma hora de entrevista são suficientes para se obter informações necessárias para construir uma história de vida de captação moral (MEIHY, 2000).

Diferentemente da entrevista em profundidade cuja aplicação exige mais tempo do entrevistador, que pode estabelecer marcos histórico para o relato do depoente, trabalhando de forma cronológica, a história vai sendo registrada conforme cada fase da vida, não perdendo o foco sobre o tema que motivou a pesquisa em história de vida (MEIHY, 2000).

Freitas (2002) exemplifica o uso da história de vida através do trabalho de Ken Plummer (1983), citando a obra *Documents of Life*, na qual o autor trata do uso dessa modalidade e também o uso de outros tipos de documentos pessoais, pelas Ciências Sociais.

Conforme análise de Freitas, os documentos produzidos na modalidade história de vidas “resultam em memória de uma experiência social do ponto de vista dos participantes”. A autora ainda descreve que para o uso desses “documentos [em Plummer (1983)] destaca-se a história de vida, o diário, a carta, a História Oral, a fotografia, o filme, etc.” (FREITAS, 2002, p.48).

Neste sentido, Meihy (2000, p.61) enfatiza que a história de vida é o meio mais utilizado. Confirmando com o posicionamento supracitado de Freitas (2002), o autor ressalta que, não apenas o uso de gravador caracteriza a forma de registro e compilação dos relatos, mas também a busca por acervos de documentos, cartas, fotos e outros meios que corroboram para a construção “narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”.

Se analisarmos pela perspectiva original da História Oral, a história de vida em Meihy (2000) sofre uma transgressão da metodologia prevista por Thompson (2002) inicialmente.

Desde há muito, as histórias de vida têm chamado a atenção de pessoas preocupadas em entender a sociedade em seus efeitos íntimos e pessoais. Antes do uso dos gravadores, a história de vida obedecia a uma formulação que já se desviava dos procedimentos tradicionais. Valendo-se de cartas, diários, fotografias, ela se posicionava como algo paralelo ao reconhecimento das fontes históricas tradicionais. (MEIHY, 2000, p.61)

No Brasil, ao analisarmos os trabalhos de E. Bosi (1994), Freitas (2002) e Meihy (2000), percebemos que o alinhamento da História Oral – considerando a modalidade história

de vida – tem forte ligação com a corrente inglesa. Tal posicionamento se deve a forte influência de Thompson (2002) como teórico principal, além da popularidade que textos biográficos ou autobiográficos obtiveram nos círculos comuns (MEIHY, 2000).

A regionalização da história oral é outra das virtudes propostas ao oralismo brasileiro, pois pontua situações que, em geral, são vistas amplamente. Contra as determinações dadas pelas grandes estruturas, a história oral se insurge como o avesso de tendências massificantes que “expulsaram” os seres humanos das reflexões sociais. (MEIHY, 2000, p.47)

2.2.3 – HISTÓRIA TEMÁTICA

A linha de História Temática é tratada não apenas como um viés de investigação da História Oral, mas como uma técnica de investigação, em que o objeto de pesquisa está presente na fala dos colaboradores da pesquisa, ou seja, nos testemunhos orais (THOMPSON, 2002).

Segundo Meihy (2000, p.67), o uso dessa “técnica” neste tipo de pesquisa, acaba por trazer ao embasamento teórico documental, o uso da “documentação oral” com o mesmo peso e importância que é dado ao uso das “fontes escritas” (MEIHY, 2000, p.67).

A história oral temática é quase sempre usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos. Valendo-se do produto da entrevista como se fosse mais um outro documento, compatível com a necessidade de busca de esclarecimentos, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica muito mais explícito. Mesmo assim, seria equivocado considerar o colaborador um informante no sentido superado do termo. (MEIHY, 2000, p.67)

Um aspecto que caracteriza a História Oral Temática, é que por se tratar de um assunto específico, as entrevistas não tendem a ser aprofundadas, sendo por vezes delimitadas pelo tempo e uso de questionários semiestruturados. Dessa forma, o entrevistador tem maior interferência na condução dos testemunhos, bem como, pode fazer uso de um número maior de registros como base de dados para suas análises (FREITAS, 2000).

Essa entrevista - que tem característica de depoimento - não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (FREITAS, 2002, p.21-22)

Meihy (2000) concorda com esta posição ao afirmar sobre os cuidados que devem ser tomados ao se realizar entrevistas temáticas. O autor afirma que estas necessitam de uma

brevidade, de forma a não se perder o foco no que já vem sendo colocado como objeto específico, do tema da pesquisa (MEIHY, 2000).

Para a pesquisa na modalidade temática, o autor ainda recomenda que seja realizada uma pesquisa prévia sobre o assunto. Esta fundamentação fará com que o entrevistador tenha maior habilidade em trazer o depoente ao assunto e aprofundá-lo dentro das necessidades da pesquisa. Também contribuirá para que, o entrevistador, ao lidar com um número grande de participantes, tenha uma abordagem seja a mais homogênea possível, de forma que as contribuições narradas pelos depoentes possam ser submetidas a comparações e análises mais específicas (MEIHY, 2000).

Por basear-se em um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. A objetividade, portanto, é direta. A hipótese de trabalho nesse ramo da história oral é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar de tal maneira explícito que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador. Pretende-se, mesmo considerando que ela seja a narrativa de uma versão do fato, que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão que seja discutível ou contestatória. Como a verdade no caso é um elemento externo, o entrevistador pode e deve apresentar outras opiniões contrárias e discuti-las com o narrador. Tudo com a finalidade de elucidar uma versão que é contestada. (MEIHY, 2000, p.67-68)

Neste sentido, podemos ponderar que, dado seu caráter específico, a história oral temática se caracteriza de forma muito diferente da história oral de vida, uma vez que, somente se for conveniente à pesquisa e/ou contribuir para a sustentação da temática o relato mais íntimo na narrativa pessoal será de utilidade para o pesquisador. Por este motivo, percebe-se que o uso de questionário é fundamental para que o pesquisador se atenha aos elementos necessários à pesquisa (MEIHY, 2000).

A história oral temática não só admite o uso do questionário, mas, mais do que isso, este se torna peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados. Há casos em que o depoente solicita com antecedência o questionário, ocorrendo também situações em que isso não acontece. Não há problemas em fornecer a lista de perguntas ao narrador. Deve-se, na medida do possível, proceder da mesma forma com todos os envolvidos no projeto. (MEIHY, 2000, p.68)

Segundo Meihy (2000, p.68), “os questionários [de pesquisa] podem ser diretos e indutivos ou indiretos e dedutivos”. Por isso é tão importante o planejamento da pesquisa em História Oral e, nesse caso, da modalidade temática.

O fato de encontrar pessoas dispostas a contribuir com a pesquisa, mesmo que de forma direcionada, não garante o sucesso desta. É preciso trabalhar com a hipótese de recusa

ou retirada do depoimento, de esquecimentos intempestivos, de questões outras que, por se tratar de pessoas e, muitas vezes, idosas, estariam sujeitas a condicionantes externos à vontade e ao empenho do pesquisador (MEIHY, 2000).

2.3 INQUÉRITOS DO TAQUARAL: EXCERTOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Seguindo a orientação do Projeto NURC/SP, definimos cada entrevista como um inquérito, de forma que para preservar a identidade dos participantes, os colaboradores são descritos como “Loc.” (locutor(a)) e as entrevistadoras estão demarcadas como “Doc.” (1, 2 e 3).

O Projeto NURC tem como uma de suas principais características a utilização do acervo de entrevistas coletadas nas principais cidades do Brasil. Os sujeitos pesquisados são falantes da norma culta nos mais variados níveis de escolaridade, faixa etária e atividade profissional. Todos os inquéritos foram construídos seguindo a uma convenção comum a todos os núcleos do projeto de forma que o acervo constituído é o *corpus* em que diversos pesquisadores sobre se debruçam para a aplicação e desenvolvimento de novos conhecimentos teóricos na área de linguística.

O Projeto NURC, como passou a ser chamado, no Brasil, teve, desde o seu início, em 1970, o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada nesses centros urbanos [Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, e Porto Alegre], adotando-se, para isso, critérios rigorosos que assegurassem o controle de variáveis e permitissem o confronto de dados, critérios esses já estabelecidas para o espanhol. Este Projeto visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. Procurou-se, desde o início, deixar claro que não se tratava de estudar uma norma imposta segundo critérios externos de correção e de valoração subjetiva, mas sim de estudar uma pluralidade de normas objetivamente comprovadas no uso oral - entendendo-se norma no sentido coseriano, o que se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada, admitindo variações externas, sociais ou regionais, e internas, combinatórias e distribucionais (UFRJ, 2013, p.§).

Nesse sentido, a utilização da convenção para a manipulação dos registros orais (transcrição), buscou-se seguir a orientação do Projeto NURC para qualificar da melhor maneira os registros orais levantados durante a pesquisa.

Embora existam três inquéritos diferentes as mesmas entrevistadoras estão definidas na mesma ordem, excetuando-se o Locutor(a) que sofre variação de pessoa e de número.

2.3.1 EXCERTO 1

Inquérito Taquaral 01 – Data 12/06/2012

Comunidade Quilombola do Taquaral – Três Corações - MG

Participantes:

Doc 1 – (entrevistadora 1)

Doc 2 – (entrevistadora 2)

Doc 3 – (entrevistadora 3)

L – Locutor(a) (Fonte principal)

[...]

Doc. 2¹ - ah... que bacana...L¹ – meu marido era padrinho de um fio dela... até era o marido:: dela... que ele era padrinho...Doc. 2² – aham...L² – de crisma... né... ah... nós somos cumadre até hoje...Doc. 2³ – vocês visita uma a outra... assim de vez em quando... vai na casa da outra...?L³ – ah:: de vez em quando... mas é muito difícil...Doc. 2⁴ – eh::?L⁴ – muito difícil...Doc. 2⁵ – tem que ir andando...L⁵ – eh::... muito difícil... mas sempre... encontra né... às vezes vamo na igreja... né... vamo na missa ... aí nós encontra no caminho lá e ficamo conversando... mas uma ir na casa da outra é difícil...Doc. 2⁶ – eh difícil...L⁶ – parece que não dá tempo... ...parece que não dá tempo... mas graças a Deus todo mundo aqui combina bem... né... muito bem... graças a Deus... tem BOA amizade... ((riso))Doc. 2⁷ – dona A.... conta prá nós um pouquinho da história aqui... docês aqui... como é que foi que surgiu a comunidade do Taquaral... como é que era antes... a senhora ouvia os pais da senhora contar... os avós... como é que é...Doc. 3¹ – o que aconteceu aqui...Doc. 2⁸ – como é que era aqui ... antes...L⁷ – ah:: eles num contava... quando eu era...((riso)) a eles num contava não... né... eles conversavam assim... uns com os outro... um com o outro ... aí a gente escutava mas prá gente mesmo eles não contava...Doc. 2⁹ – e o que... que eles contavam...L⁸ – só... daqui... aqui chama Taquaral porque ... os povo mais véio daqui... eles traba... eles trabalhavam com taquara... né... taquara:: bambu... eles faziam ansim... esteira de carro de boi... fazia... balaio... peneira... como uns tem... tem uns mais novo aí... que ainda faiz... uns mais novo aí... faz balaio... peneira... ainda faiz... mas... os mais véio mesmo fazia esteira... de carro de boi... aquela esteirona... né...Doc. 2¹⁰ – ah::oL⁹ – que fica ((riso)) assim prá carregar milho né... carro cheinho de milho... então... nos pusemo o nome daqui de Taquaral... de Taquara... aí ficou Taquaral... a gente ia busca... a... o taquara... longe:: trazia na cacunda:: ia longe... e precisa do taquara... porque a taquara não dá em qualquer lugar... né...

Doc. 2¹¹ – aham...

L¹⁰ – agora os bambu eles plantava... né...

Doc. 2¹² – aham...

L¹¹ – o bambu eis tem até hoje né... tem até hoje as moita de bambu... é... e a taquara,... só dá no mato...

Doc. 2¹³ – aham... mais fininha... né...

L¹² - busca no mato... mais fininha...

Doc. 2¹⁴ – aham...

L¹³ – eh::: aí que veio o nome de Taquaral...

Doc. 2¹⁵ – e as terra... como é que era antes... de vocês ficarem morando aqui...

L¹⁴ – ah:::

Doc. 2¹⁶ – essas terra era daonde?... Como é que foi a história delas...

L¹⁵ – as terra... a história dela... é uns povo mais velho... né... que era os pai... os avô do nosso... do meu marido mais o da Dona Inácia... ((ex-escravos)) e que era... era eisi.. era dêisi.. e aí depois já nos fio... né... aí foi tomando conta... né... tomando conta das terra.

Doc. 2¹⁷ – aham...

L¹⁶ – ((risos)) isso vem até hoje...

Doc. 2¹⁸ – oh Dona A. e umas história... que parece que não sei... que o avô... ou o bisavô da Dona Márcia era os dono das terra... depois ele doou prôs antepassado da senhora... a senhora sabe disso... alguma coisa...

L¹⁷ – ah::: disse eu não me...

Doc. 2¹⁹ – se era fazenda de onde o pessoal trabalhava... a senhora sabe se o pessoal que trabalhou aqui antes... tinha uns que eram filho de escravo...

L¹⁸ – e... ele era avô de quem... do...

Doc. 2²⁰ – da Dona Márcia Fonseca...

L¹⁹ – ah::: da Dona Márcia...

Doc. 2²¹ – eh::: a senhora sabe alguma coisa disso...

L²⁰ – ah::: ...que ei doo eu não sei... não tô sabendo...

Doc. 2²² – ahm:::

L²¹ – ele era avô dela...

Doc. 2²³ – e a senhora sabe se tinha alguém aqui que era descendente de escravo... que era da época de quilombo... povo antigo... mesmo... a senhora ouviu falar alguma coisa...

L²² – ((risos)) o negócio... do escravo.. eu já vi contá sim...

Doc. 2²⁴ – aham:::

L²³ – mais eu num... eu já... já vi contá assim... negócio de escravo... né...

Doc. 2²⁶ – e a senhora não se... lembra assim... do pai... da mãe da senhora contar...

[...]

3.2.2. EXCERTO 2

Inquérito Taquaral 02 - 29/04/2012

Comunidade Quilombola do Taquaral – Três Corações - MG

Participantes:

Doc 1 – (entrevistadora 1)

Doc 2 – (entrevistadora 2)

Doc 3 – (entrevistadora 3)

L – Locutor(a) (Fonte principal)

L 2 – Locutor(a) (Fonte secundária)

L 3 – Locutor(a) (Fonte secundária)

Doc. 2¹ - nós vamos conversar com a Dona A. que é tia do Roberto... prá poder assim... conhecer como que é a história do povo que mora aqui no Taquaral... né... aí nós fomos conhecer... preferimos conversar com quem é mais velho... porque sabe mais coisa, né... Então a gente veio... prá poder perguntar como é que é... quanto tempo que vocês moram aqui... conversar um pouquinho... o que a senhora quiser contar prá nós... né... só prá gente...

L¹ – eu... desde quando casei ... que eu não nasci por aqui não... eu sou de Carrancas... DOC.

2² – a senhora é de Carrancas... Ahã:::

L² – nasci e criei lá...

Doc. 2³ – ahã:::

L³ – eh:: vim prá cá... já tava mocinha já... uns quinze... dezesseis ano... eu vim prá cá...

Doc. 2⁴ – e a senhora veio prá cá por que? ... Veio alguém da família...

L⁴ – veio a família intêra...

Doc. 2⁵ – mudou todo mundo prá cá...

L⁵ – eh::: tem um fazendeiro aí... que gostava muito de camarada que tinha bastante homi.. né... sempre ele gostou de muito homem na fazenda... aí... ele... foi lá buscar a gente... a gente veio prá cá... minha mãe... todo mundo veio prá cá... é o fim da família... que continua na roça e tá vivo até hoje... sou eu...

Doc. 2⁶ – aí a senhora casou com alguém que já morava aqui...

L⁶ – morava aqui...

Doc. 2⁷ ah:: que já era daqui... da... da...

L⁷ – nascido e criado...

Doc. 2⁸ – nascido e criado aqui o marido da senhora... como era o nome dele?

L⁸ – Osvaldo... o nome dele era Osvaldo Matias...

Doc. 2⁹ – Osvaldo Matias?... e aí... como ((inaudível))

Doc. 2¹⁰ – então Dona I. ...a senhora... o marido da senhora é da família dos Matias...

L⁹ – eh::: ...dos Matias...

Doc. 2¹¹ – eh::: e a senhora sabe alguma coisa da história família dele... prá falar prá gente... a senhora falou que ele nasceu e também criou aqui... né ...

L¹⁰ – nasceu e criou aqui...

Doc. 2¹² - a senhora veio de fora... como que era a história da dele... os pais dele... o que que a senhora sabe?

L¹¹ – eles são... a família dêiz... eu não sei contar... direito não... porque o pai dele era separado da mãe... e tinha outra mulher...

Doc. 2¹³ – mas a mãe morava aqui com a senhora... a mãe que morava... porque os filho morava...

L¹² – morava...

Doc. 2¹⁴ – e a senhora sabe se eles nasceram por aqui também...

L¹³ – nascero tudo aqui... nasceu tudo...

Doc. 2¹⁵ – e como que é a história daqui... de como que eles pegaram... como é ... da terra... aqui... como ficou prá cada um... a senhora sabe alguma coisa

L¹⁴ – ah::: um pouco é compra né... que eu num entendo muito bem não... um pouco é compra... e um pouco é herança... esse pedaço onde é que eu tô ... aqui... é herança...

Doc. 2¹⁶ - mas a senhora sabe alguma coisa assim... se foi dada por alguém... pelos patrões:: dos prá trás que trás que trabalhou... alguma história da época dos escravos... a senhora sabe alguma coisa...

L¹⁵ - não... eu acho que é compra dos mais véio... foi... os mais velho foi deixando pros mais novo... ... acho que é isso...

Doc. 2¹⁷ aí a senhora mora aqui... tem quantos anos?... mais ou menos...

L¹⁶ - ah:: faiz... ih::: num sei guardar na cabeça não... minha cabeça não tá governando mais nada... ((risos))

Doc. 2¹⁸ - a senhora tá com que idade... dona Inácia?

L¹⁷ - com setenta e oito...

Doc. 2¹⁹ - setenta e oito... e a senhora casou com quinze? ... não a senhora veio prá cá com quinze...

L¹⁸ - não... casei com vinte e um anos...

Doc. 2²⁰ - vinte e um... né... vinte e um... e a senhora teve muitos filhos?...

L¹⁹ - ah::: tive bastante...

Doc. 2²¹ - eh::: e eles moram por aqui...

L²⁰ - seis home e uma muié... eu tive... mora tudo por aqui... aquele barzinho que tem em cima ali... é do filho daqui... a casa aí é...

Doc. 2²² - os outros mora...

L²¹ - um mora lá prá tráiz... e um... dois morreu... e um mora lá perto de Cambuquira...

Doc. 2²³ - ah::: um não ficou aqui... foi embora... perto de Cambuquira...

L²² - ele mora perto...

Doc. 2²⁴ - e a senhora tem parentesco... também com o Roberto... não...

L²³ - não... nós somos conhecido...

Doc. 2²⁵ - ah:::

L²⁴ - como diz a... a parte de Deus... ... eles são irmão da arma... né...

Doc. 2²⁶ - isso::: irmão da alma...

L²⁵ - irmão da arma... ...que sei contar... é isso aí...

Doc. 2²⁷ - e a família da senhora então voltou... não ficou aqui... a senhora tem parente pro lado de Carrancas... então...né... o resto ficou prá lá...

L²⁶ - ah::: você sabe que eu nem sei... se eles é vivo ainda... que... quando eu vim prá cá... nunca mais eu vortei prá lá... quando vim prá cá... eu tinha quinze ano...

Doc. 2²⁸ - aham...

L²⁷ - nunca mais eu voltei... ... mas acho que ainda deve ter alguma sementinha lá... ainda... ((risos))

L²⁸ - ah::: ...deve de ter...

Doc. 2²⁹ - e o pessoal não adaptou aqui... a senhora falou que veio com a família prá cá... veio os pais... veio a mãe...

L²⁹ - meu pai já tinha morrido quando eu vim prá cá... e a minha mãe... eu vim com a minha mãe e os meus irmãos... ou morava em Varginha... já morreu também... já cabô tudo... minha família acabo tudo...

Doc. 2³⁰ - foi gente morar em Varginha também... e a mãe da senhora ficou aqui até morrer ou voltou também...

L³⁰ - morou aqui também até morrer... morando aqui... ... ficou tudo aqui...

Doc. 2³¹ - e a senhora gosta de morar aqui... Dona Inácia...

L³¹ - moro aqui desde de quando casei... num gosto de cidade, não... ... morar na cidade... oh: eu acho a cidade muito ruim... ((risos)) ruim mesmo... só ía de fazer um negócio... ou ir comprar qualquer coisa... antes eu ia... quando o meu marido morreu... longe... um temporão... eu ia pegar meus trocado... comprar as coisas que eu precisava de comprá... agora com a idade minha... o povo não quer que eu vou mais...

Doc. 2³² – não deixaram a senhora ir prá cidade... mais não...

L³² – não deixam ir... de jeito nenhum... às vezes vou no médico... tem que ir gente junto comigo...

Doc. 2³³ – mas é bom ter um mais novo de companhia... né...

L³³ – companhia não é a neta... que vai comigo é o fio... as vezes trabaia... e não pode tá faiando... aí ele põe a menina neta prá ir comigo...

Doc. 2³⁴ – prá ir junto né... a senhora consulta onde... vai ao médico em Três Corações...

L³⁴ – Três Corações... doutora::... doutora Graça... ...mas... eu consulto com ela...

L³⁵ – a vida vai tocando... meu pai... morreu... eu tinha onze ano... ... depois a minha mãe ficô doente... ... mudo tudo... que nós fomo cuidar dela... ... se tava empregado... saía do emprego prá ajudar a cuidá dela... ... e... aí ela melhorou... os patrão foi lá por causa dos menino... meus irmão era quase tudo home... aí foi prá lá buscá nós lá... e nós viemo prá cá... aí morei muito tempo... lá na fazenda do Seu Mulato... não sei se você ouviu falar do Seu Mulato...

Doc. 2³⁵ – qual era a fazenda dele... da Cotta...

L³⁶ – não... prá lá do Grotão...

Doc. 2³⁶ – a senhora morou lá... já casada...

L³⁷ – não... eu era soltêra...

Doc. 2³⁷ – solteira... ainda... ah:::

L³⁸ – soltêra...

Doc. 2³⁸ – e como a senhora conheceu o Seu Osvaldo...? ...Foi aqui...

L³⁹ – ah:: no baile... ((risos))

Doc. 2³⁹ – no baile?... ahn...

L⁴⁰ – no baile... ((risos))

Doc. 2⁴⁰ – eh:::

L⁴¹ – a gente ía no baile... no tempo que trabaiava na fazenda... o povo dêiz lá... na fazenda... aí ele... nós ía no baile... ele saía ali... aí nos conhecemos...

Doc. 2⁴¹ – aí... aí... logo casou... aí não tinha jeito... de voltar prá Carrancas... não...

L⁴² – ah não... de jeito nenhum... não tinha...

Doc. 2⁴² – ele também gostava daqui... de ficar aqui no... morar aqui na... no Taquaral...

L⁴³ – ah: ele gostava... ele gostava... ele bebia bem um golo... ((riso))

Doc. 2⁴³ – eh:: han... ((risos)) ele trabalhava com o que... com a lavoura...

L⁴⁴ – trabaiava...

Doc. 2⁴⁴ – na lavoura...

L⁴⁵ – na fazenda do... povo dos Cotta... mesmo...

Doc. 2⁴⁵ – ah: do povo dos Cotta...

L⁴⁶ – eh:::

Doc. 2⁴⁶ – Dona Márcia...

L⁴⁷ – eh... junto com o pai dela...

Doc. 2⁴⁷ – com o pai dela...

L⁴⁸ – PAI dela...

Doc. 2⁴⁸ – ele trabaio com o pai da Dona Márcia...

Doc. 1¹ – olha os netinhos...

[...]

Doc. 2⁴⁹ – Alisson e ... Alice... bonitos nomes... ((risos)) ...nós estamos conversando aqui com a vovó... ((risos))

L⁴⁹ – fala bom dia prá moça...

L 2¹ – bom dia:::

Doc. 2⁵⁰ – bom dia... aham...

L 3¹ – bom dia...

Doc. 2⁵¹ – bom dia... Alice...

Doc. 1² – e aí... vocês gostam de morar aqui...
 L 2² – eu gosto...
 Doc. 1³ – você vai na escola ali... lá em cima...
 L⁵⁰ – vai... passava na creche... agora já tá na escola... tá com seis anos... vai na escola...
 Doc. 2⁵² – tá com seis anos...
 Doc. 1⁴ – você tá com seis anos... nossa... você é grande...
 Doc. 2⁵³ – eh::: grande...
 L⁵¹ – artêra...
 Doc. 2⁵⁴ – e vocês estão... participando do projeto da Dona Márcia... lá... na sexta feira...
 L⁵² – ih::: todos... aquele troço deiles lá... que a Márcia lá... que a Márcia é amiga da gente...
 Doc. 2⁵⁵ – ah::: gracinha... ela né... muito bacana...
 L⁵³ – então... é esses dia eles fôro numa festa lá na cidade... lá ... aí a... Márcia pôs eiz como
 cativo... como do cativo
 L 2³ – eh::: de... fazenda velha...
 L⁵⁴ – Fazenda Velha...
 Doc. 2⁵⁶ – Fazenda velha... E como é que é... vocês gostam lá... vocês aprendem congada...
 capoeira...
 L 2⁴ – eh::: ...capoêra lá num teve não...
 Doc. 1⁵ – mas tem o... eh...
 Doc. 2⁵⁷ – e na sexta-feira... quando você vai lá na escolinha... não tem uma aula sexta-feira...
 você participa com ela...
 L 2⁵ – aham:::
 Doc. 2⁵⁸ – o que... que vocês fazem...
 L⁵⁵ – ontem ele não... ele tava com... com... caxumba...
 Doc. 2⁵⁹ – tava com caxumbá...
 L⁵⁶ – caxumbá...
 Doc. 2⁶⁰ – hum::: ...
 L⁵⁷ – anteonte... quinta-feira... ele não foi... sexta ele o foi...
 Doc. 2⁶¹ – afinou aqui... né... coitado...
 L⁵⁸ –eh::: ...a professora trouxe ele de volta... é menino novo...
 Doc. 2⁶² – prá não pegar friagem... né...
 L⁵⁹ – eh::: ...prêle não pega friagem... num tomá chuva... por que tava chuvisco... o tempo
 tava chuvoso...
 Doc. 2⁶³ – eh:::... não pode mesmo não... né... Alisson... não pode correr muito... tem que ficar
 mais quietinho...
 L⁶⁰ – ele não pode ver as coisas... ele é doido prá trepa... ((risos))... então aí a profêssora
 trouxe ele de volta... ((risos))
 [...]

2.3.3 EXCERTO 3

Inquérito Taquaral 03 – 08/06/2012

Fazenda Goiabeiras – Três Corações - MG

Participantes:

Doc 1 – (entrevistadora 1)

Doc 2 – (entrevistadora 2)

Doc 3 – (entrevistadora 3)

L – Locutor(a) (Fonte principal)

L 2 – Locutor (a) 2 (Fonte secundária)

[...]

L¹ – e... assim, então o que que ele fez... ele já foi adiantando... ele já foi... os escravos já foram mais ou menos, ::sabe, quando surgiu a libertação mesmo dos escravos... em mil oitocentos e oitenta e oito, né?... eles já estavam mais ou menos acomodados aqui... eh:: de uma forma mais saudável... vamos falar assim...porque o vovô doou prá.. prá eles... pros escravos dois... dois caminhos na beira de dois córregos... o córrego da... do lado de cá:: que eh o córrego da besta... né... uma... um pedaço de terra longo...(assim) e... do lado de lá da rodovia... onde é o Taquaral... outro pedaço... ao longo do ribeirão da abadia... mas muitos... ficaram... eles não saíram aqui da fazenda... continuaram morando mesmo... porque já não era... na época do vovô Chico Antônio... já não era aquela senzala...

Doc 2¹ – aham...

L² – já eram casas...

Doc 2² – aham... que eles moravam...

L³ – já não tinha aquela rigidez da senZAla...

Doc 2³ – ... na casa grande...né?

L⁴ – aham:::

Doc 2⁴ – embaixo ... aham...

L⁵ – tinha... tinha aquela obediência cega, eles não recebiam... etc... mas a medida que o tempo foi passando eles foram... foram se libertando, né... e... e com isso alguns foram saindo dali... da sede da fazenda... e foram prá esses dois lugares

Doc 1¹ – aham...

Doc. 2⁵ ... essas duas faixas de terra... E foi passado um... um assim... foi uma coisa verbal

DOC. 1² – testamento?

L⁶ – .- .SÓ DOAdo...

DOC. 2⁶ – de boca né... num...

L⁷ – então... por exemplo... foi regis... vamos dizer assim... ia registrar a terra... como é que é teu nome... eu chamo João... João do que... não tinha (João)... então era João Moçambique... era Jo.. ão.. Congo, sabé... .. só o nome de João...

Doc. 2⁷ – então é por isso que eles não sabem iDoc. 2ormar prá gente... eles falam... não... era do meu pai... eles não sabem falarr essa história... a gente pergunta...

L⁸ – ... então... meu nome é... eu sou... vamos dizer... Zeh::: da faz.. da fazendo Fonseca... dos Fonseca... então Zé Fonseca, tem até hoje tem uma moça que ela trabalhou aqui que tem o sobrenome Fonseca...

Doc. 1³ – Fonseca...

L⁹ – porque ela foi empregada...tudo... acho que foi a família dela... é tudo...

DOC. 1⁴ - ... até a gente pergunta se isso aqui é...

L¹⁰ – acho que é que nem cigano... precisa de ver... o Pedro prendeu uma vez... não foi Pedro? Ele prendeu uma... uma tropa de cigano... eles mataram... andaram Doc. Irontando... um... como é que é seu nome... é Zé... Zé o que?... Zé da Silva... e o seu... João da Silva... tudo da Silva... ((falas sobrepostas... inaudível))

L¹¹ – então... aí ... aí é que tá... a dificuldade... aí é que tá a dificuldade... nas pesquisas que vocês forem fazendo...

Doc. 1⁵ – eh::: porque a gente quer... eh:: assim... você construiu... e agente quer te devolver... que a gente escaneou... a gente já tirou cópia daquele mapa que você emprestou prá gente...

L¹² – Sim...

Doc 1⁶ – até assim... às vezes a gente anda pelo Taquaral e começa a conversar com as peSSOAS... e já vê a cas... a casinha... que você fez lá no mapa... organizou...

Doc. 2⁸ – e a gente conversa com eles...

L¹³ – E a Débora... E a Débora já viu...

Doc. 1⁷ – já viu...

L¹⁴ – e eu até tinha deixado separado...

Doc 2⁹ – e eles... engraçado... a gente fala...aí a gen... Ah::: Dona Márcia... oh que isso então era verdade... então eles vieram... ah não Dona Márcia...

Doc 1⁸ – tem uma ligação forte, né... E aí... assim... ah::: a questão deles... né... foi a doação...

L¹⁵ – foi...

Doc 1⁹ – mas a doação foi... foi uma doação apalavrada...

L¹⁶ – apalavrada!

Doc 1¹⁰ - né...

L¹⁷ – eh::: ...porque... e o povo... dava confiança prá negro?...

Doc. 1¹¹ Doc. 2⁹ – } Então... pois é...

L¹⁸ – deu... tá dado...

Doc 2¹¹ - mas eu acho que... mas eu acho que essa história.. igual... como quando você conta isso, acho que é mais fácil... tem que registrar porque quando uma descendente de quem foi essa pessoa que fez isso... prá eles no futuro até isso... eles se quiserem utilizar ... né... por isso que a gente perguntou... se você poderia falar prá gente... prá gravar... porque...

L¹⁹ – isso é o que eu ouvia...

Doc 2¹² – então ...

L²⁰ – do meu pai... e...

Doc. 2¹³ – ...porque é história oral... eh::: o que acontece... é mas eles tem um argumento... olha... mas tem parente que falou... de repente para eles ter a titularidade... porque a titularidade... né... é muito complicado prá eles conseguirem...

L²¹ – É... muito::: complicado.

Doc 1¹² – e... assim... ((Silêncio))

Doc 1¹³ – a gente conversou, a gente tem pesquisado né... eles tem que se mobilizar... e se organizarem em Associação... porque se sair, ...se sair ah::: ah::: a propriedade o que acontece... ela não sai um pedacinho no nome do seu Zé... um pedacinho no nome da Dona Maria... ela é coletiva...

L²² – e ...

Doc. 1¹³ – então... aquele pedaço de usufruto... continua do mesmo jeito como eles usam... mas no papel... ela é de todo mundo...

L²³ – mas eu vou te falar... até esse povo entender...

Doc 1¹⁴ – eh::: difícil...

Doc 2¹⁴ – então, é por isso que a gente quer fazer este trabalho assim... ir devagar com eles... até prá gente poder depois... conseguir trabalhar com eles a organização deles mesmos... porque eles já vivem dessa forma... ... que aí o filho casa... e mora ali naquele pedaço... aí ... é comunitário já... só que assim... a hora que fala assim... vai ter uma escritura comum prá todos pode até assustar... tem que ir trabalhando... sabe... a gente tem até uma intenção, eu e a Ana Paula... nós descobrimos um filme recente que fala da organização de uma comunidade, não sei se você já assistiu... chama “Narradores de Javé” assiste prá você ver que interessante... conta a situação de uma cidade que ia ser inundada por uma represa... que eles tinham que se organizar para evitar que ela fosse inundada... e acabar com a cidade...

Doc 1¹⁵ – registrar a história dessa comunidade mostrar que tinha importância histórica, né?

L²⁴ – aham:::...

Doc 2¹⁵ – e aí a gente quer ver se faz um trabalho com eles... mostrando prá eles entenderem como é importante eles estarem junto... organizar para eles... aquilo ficar registrado como uma comunidade quilombola... mas apartir deles entenderem e quererem... né?

L²⁵ – certo... porque... então... foram ... foi... foram criadas né... essas duas comunidades... então pros que foram prá cidade... tinha não só daqui dessa região como de lá da própria cidade por que lá tinha várias minas de... extração de ouro... com a libertação eles aglomeraram ali... sabe onde é o colégio Maria Laura... descendo o Maria Laura,

Doc 1¹⁶ – sei... sei... sei sim

L²⁶ – descendo o Maria Laura... cê vai,... tem um córrego, ... ao longo daquele córrego ... o córrego, acho que é o corrego da Cotia que chama... tem uma comunidade negra ali...

Doc. 1¹⁷ Doc 2¹⁶ - } nossa...

L²⁷ – chama Espraiado...

Doc 1¹⁸ eu ouvi falar mesmo... ((tosse))

L²⁸ – era só negro, e muitos casaram com o pessoal aqui da Cotta

Doc 2¹⁷ – aham::

L²⁹ – tá... E tem uma família que tem um tipo muito característico... eles fazem... eles trabalham com o bambu...

Doc 2¹⁸ – eles fazem...

L²⁹ – eles fazem cesta deve ser a Celeste...

Doc 2¹⁹ - tem o Zé Lúcio...

L³⁰ – Zé Lucio, a Celeste era casada com o Zé Lúcio...

Doc 2²⁰ – eh:::

L³¹ – ela é descendente do pessoal de lá... eu lembro que tinha uma negra chamada Jacinta... e a Jacinta tinha uma filha que é a cara da Celeste... eu não sei se a Celeste é filha da Jacinta e ela mexia com isso também e vendia peneira prá mamãe... ... lá na cidade... essa comunidade de negro... tá?

Doc 1¹⁹ - ela falou assim a questão do... do trabalho com o bambu né... que na época antiga usava muitos balaios, muitos cestos...((inaudível)) na panha do café

Doc 2²¹ - a Dona Ana que contou prá nós do bambu ((inaudível))

Doc 3¹ - nós vimos um quadro lá...

Doc 2²² - a Dona Ana lá do Taquaral

L³² – ah:::... Ana:: tá...

Doc 2²³ – eh::: ...

L³³ – tá...

Doc 2²⁴ - aí nós falamos... vamos registrar os mais velhos...

Doc 3² - Taquaral vem de taquara... por isso que ficou o nome da Comunidade de Taquaral

L³⁴ – eh:::

Doc 2²⁵ – e ela falou assim.. a taquara a gente buscava no mato... mas o bambu é plantado... e tal... e é verdade a taquara é mais fininha...

L³⁵ – mais fininha...

Doc 2²⁶ – eh::: ...

L³⁶ – eh::: mais fácil de trabalhar...

Doc 2²⁷ - ela contou...

L³⁷ – a palha é mais delicado de trabalhar...

Doc 2²⁸ eh:::... né...

L³⁸ – aham::: Bambu era mais usado prá fazer forro... teto... fazê::: prá fazer... como é que fala... prá botar em carro de boi...

Doc 2²⁹ /Doc 1²⁰ / Doc 3³ }– aham:::

L³⁹ – prá Doc. Ianhar café... carregar café e tal... prá fazer aquelas esteiras enormes...

Doc 2³⁰ – ela falou desse serviço de café... ela falou mesmo...

L⁴⁰ – e quando eles viajavam também a família ficava ali deitada dentro... botava... colchão de... de palha

Doc 2³¹ – aham::: ...

L⁴¹ – e botava a esteira... colocava outra esteira em cima ... era uma casa...

Doc 2³² – aham:::.... aham:::....

L⁴² – e era assim que a vovó ia prá cidade... que ela ia visitar o povo dela lá da Flora... ((inaudível))

[...]

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

A pesquisa com depoimentos orais coletados *in lócus* (Comunidade do Taquaral) com um público que comumente está apartado da comunidade científica traz para a pesquisa o *corpus* diferenciado do projeto NURC que trabalha com a norma culta, hoje definida por Bagno como variante prestigiada do Português. Nesse sentido, podemos inferir, que as pessoas falantes dessa variante prestigiada (registro padrão) da língua portuguesa tem maior domínio dessa, devido ao letramento autônomo (PRETI, 2003) (MARCUSCHI, 2004).

Nesse sentido, o *corpus* levantado nos direciona para a língua vernacular, ou como diria Bagno (2009), a variedade desprestigiada da língua portuguesa falada no Brasil. De forma que fica explícito, do ponto de vista da sociolinguística, que a língua além de demarcar a espontaneidade e a naturalidade da fala, também demonstra o lugar dos sujeitos falantes.

Sabemos que a diferença entre essas variedades do português falado no país serve para hierarquizar indivíduos e grupos sociais, tanto quanto outros aspectos como condição social, econômica, cor da pele, região de origem, etc. (BAGNO, 2007)

No entanto, corroboramos com o pensamento dos sociolinguístas e não buscamos traçar as marcas da fala dos nossos depoentes para diferenciá-los e estabelecer valor para a comunidade linguística presente no Taquaral, mas para, de fato, levantar indícios de que, possivelmente, exista uma variedade específica falada pelos moradores da comunidade e principalmente pelos sujeitos mais idosos (BAGNO, 2007) (PRETI, 2003).

Consideramos, ainda, o trabalho com história oral um evento de letramento, na medida em que os relatos produzidos foram geradores de documentos escritos e nos direcionou para a aquisição de outras fontes documentais. (THOMPSON, 2002) (MARCUSCHI, 2004)

O conhecimento de vida dos depoentes – história de vidas - também é transpassado por práticas de letramentos vernaculares e por multiletramentos, pois apesar do isolamento geográfico do espaço urbano, o acesso a meios de comunicação como rádio e televisão e o constante acesso dos moradores aos equipamentos públicos como escola (rural e urbana), e

“na cidade” a serviços de saúde, comércio, trabalho e demais práticas burocráticas corroboram para a pesquisa em linguística empreendida na sequência desse trabalho.

3 LETRAMENTOS: OBSERVAÇÕES TEÓRICAS

3.1 ESTUDOS DE LETRAMENTO

Ao sermos inseridos nos estudos sobre letramento, a primeira impressão que nos é passada é a de que o letramento em si está relacionado à alfabetização e à escrita e, conseqüentemente, à leitura. No entanto, para se construir a questão do letramento ou letramentos é necessário que, inicialmente, façamos uma abordagem dos significados da relação entre Oralidade X Escrita.

Buscando compreender a influência da escrita na atualidade, não apenas como tecnologia, mas como mecanismo de poder e de alcance sócio histórico, nossa fundamentação teórica, neste aspecto, se dará com as contribuições de Gnerre (1985), Havelock (1995), Marcuschi (2004) e Freire (2012). Enquanto que, na seqüência, nosso trabalho versará especificamente sobre o letramento com as contribuições de Soares (2006), Kleiman (1995), Marcuschi (2004) e Rojo (2007).

3.1.1 – ESTUDOS DO LETRAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A ORALIDADE X ESCRITA

Segundo Havelock (1995), os estudos sobre a oralidade tiveram um começo incipiente pelos anos de 1920-1930, ou seja, antes da Segunda Guerra Mundial com os trabalhos predecessores de Milman Parry (1971) e Harold Innis (1951).

Entre 1962 e 1963, ocorre uma ruptura dentro do campo das pesquisas sobre a linguagem e, a partir de então, um conjunto de publicações começam de fato a desenvolver estudos sobre o oralismo ou oralidade. Havelock (1995) observa que simultaneamente, em diferentes partes do mundo, o tema da oralidade ganha força e pesquisadores começam a tratar o assunto, sendo que os trabalhos, embora fossem independentes, em alguns casos, complementavam os estudos que surgiram. Para Havelock (1995), estes trabalhos foram relevantes para o desenvolvimento de estudos mais avançados sobre a oralidade, disponíveis para as análises nos dias atuais (HAVELOCK, 1995).

Atualmente, as expressões oralidade e oralismo têm sentido diferente, expressando conceitos que já se estenderam para além de Homero e dos gregos. Caracterizam sociedades inteiras que se têm valido da comunicação oral, dispensando o uso da escrita. E, por fim, são usadas para identificar certo tipo de consciência, que se supõe ser criada pela oralidade ou que pode se expressar por meio dela. (HAVELOCK, 1995, p.17)

Havelock (1995), ao mencionar os estudos da oralidade na moderna ciência linguística, relata que:

Na verdade, a palavra escrita pode mascarar o fonema, que deve ser buscado por trás da representação alfabética e exigirá seu próprio tipo de representação. A palavra oral está sendo buscada por trás de sua representação escrita, embora, no campo da linguística, uma tentação muito comum seja a reconstrução de um simbolismo dos signos escritos em detrimento do signo oral. Pode-se detectar uma tendência a se trabalhar e pensar com base na visibilidade do texto e não na sua audição. [...] As raízes da oralidade como identificadora de comunicação social e talvez de conhecimento social são tão óbvias em nosso presente quanto em nosso passado. A dimensão histórica é básica, embora se possam destacar, até os dias de hoje, a contínua presença e a validade daquilo que está sendo chamado, em nosso meio, de consciência oral. (HAVELOCK, 1995, p. 23)

A oralidade, anteriormente, era tratada de forma teórica, como expressão do pensamento selvagem. Lévi-Strauss defendia essa tese na publicação da obra *La pensée sauvage* (1962), buscando descartar a herança que a escrita recebeu da oralidade (HAVELOCK, 1995).

O ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte. [...] A cultura escrita em qualquer estágio do seu desenvolvimento e em termos do tempo evolutivo, é mera "presunção", um exercício artificial, um produto da cultura, não da natureza, imposto ao homem natural. [...] Por incontáveis milênios, [os homens] conseguiram gerir seus assuntos - os acordos comuns, os costumes e a propriedade que tornam operante uma sociedade por meio apenas da linguagem oral. Comportavam-se, pensavam e reagem oralmente. (HAVELOCK, 1995, p.27).

Na antiguidade a escrita era basicamente praticada pela elite comercial ou pelo clero, deixando aos demais segmentos relegados ao oralismo. Conforme Havelock (1995, p.28), “as atividades ligadas à justiça, ao governo e à vida cotidiana ainda eram comandadas pela comunicação oral.

Um aspecto levantado por Gnerre (1985), acerca da comunicação oral é que a mesma por se tratar de comunicação verbal ocorre presencialmente, face a face, ou seja, há interação, o que implica, em um só tempo, uma comunicação verbal, gestual e presencial – portanto, viva (dinâmica) e tridimensional²⁴.

Podemos inferir que tanto Havelock (1995) quanto Gnerre (1985) tem posturas contrárias ao grafocentrismo e, desta forma, em seus posicionamentos - especialmente o segundo autor - negam as teses de que as culturas de Tradição Oral são consideradas inferiores e menores em relação às culturas de Tradição Escrita.

²⁴ A **trimensionalidade** trata do fato de que a comunicação se processa por mecanismos verbais, gestuais e presenciais (GNERRE, 1985, grifo nosso).

Havelock (1995) descreve a experiência pessoal de Harold Innis que observa o início da revolução gráfica, ou seja, o desenvolvimento voraz da indústria do papel que proporcionou o avanço das comunicações tipográficas, e a sua influência naquele momento para a sociedade ocidental, com a forte presença da imprensa escrita, seja através de jornais e de publicações de livros. As formas como as pessoas se comunicavam e, principalmente, buscavam informações se limitou drasticamente ao meio impresso, o que, segundo Innis e Havelock, fez com que se perdessem características presentes na cultura oral como a forma de comunicação pessoal, sem pressa e reflexiva:

[...] os meios de comunicação de massa atuais não deixam ao homem tempo para pensar. Notícias instantâneas roubam-lhe o sentido histórico, impedem-no de olhar para o passado e tiram-lhe a capacidade de ver o futuro, de enxergar as prováveis consequências das decisões do presente. (HAVELOCK, 1995, p. 20)

As sociedades de Tradição Escrita impedem que o indivíduo participe plenamente da tradição cultural, ao contrário do que acontece nas sociedades ágrafas em que há ausência de um “sistema de eliminação”, em que haveria certa supressão de palavras/termos e/ou de uma “amnésia cultural”, espécie de esquecimento do uso de palavras/termos. Contudo, Gnerre postula que os grupos sociais dominantes controlam as manifestações culturais conforme sua ideologia e seus interesses (GNERRE, 1985).

Para Marcuschi (2004), podemos definir a escrita como uma modalidade de uso da língua. Neste sentido:

A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. (MARCUSCHI, 2004, p. 26, grifo do autor)

Segundo Havelock (1995), na educação moderna, o sistema é condicionado para o aprendizado da escrita e da leitura (visão grafocêntrica), e da preparação para o ensino em níveis mais complexos. Para tanto, a oralidade é descartada pela imposição da escrita como forma privilegiada de comunicação.

Essa visão grafocêntrica e redutora da oralidade é apontada por Marcuschi (2004) ao relatar os trabalhos de Walter Ong (1982) e Jack Goody (1977) responsáveis pela tese da “grande virada” cognitiva, que seria representada pela introdução da escrita. As obras de

ambos nos indicam que, sem a escrita, não haveria desenvolvimento tecnológico e capacidade de raciocínio formal (abstração cognitiva), uma vez que a oralidade era tratada como produto de pensamento selvagem²⁵.

Segundo Marcuschi (2004),

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária, como se expressou Ong [1982], ao caracterizar a distinção entre povos com ou sem escrita. Considerando-se essa posição, nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país. (MARCUSCHI, 2004, p. 25, grifo do autor)

Podemos inferir que tal posicionamento radical que ressalta os aspectos positivos da escrita em detrimento da oralidade encontra-se em desuso, atualmente abandonado pelos seus percussores. Uma característica que reforça esta nova postura está no crescimento de estudos de oralidade, pelo viés linguístico nas questões do letramento, seja pelos estudos relacionados à história oral, que, conforme explanado no capítulo anterior, demonstramos a pertinência da oralidade e sua complementação à escrita, como meio de produção de conhecimento (MARCUSCHI, 2004) (THOMPSON, 2002).

Ao prosseguirmos nossos estudos para o tema do letramento, devemos ter em mente que a oralidade e a escrita não podem ser compreendidas como habilidades autônomas, ou seja, a aquisição da leitura e da escrita como um fim em si mesmo e suficiente para instrumentalizar o indivíduo para sua reprodução social e desenvolvimento sócio cultural e econômico. O predomínio da visão grafocêntrica - desenvolvidas no centro das sociedades ocidentais tendo a escrita como tecnologia e marco de progresso - fez com que dentro de uma perspectiva etnocêntrica sociedades ágrafas e/ou predominantemente de tradição oral fossem consideradas inferiores e “iletradas”. (STREET, 1993) (GNERRE, 1984).

A dicotomia estabelecida entre fala e à escrita imprimiu um valor distinto a cada modalidade e influenciou a relação sócio cultural dessas com os usos da língua.

Numa perspectiva dicotômica, [temos] à visão culturalista [que] adota uma tendência de valorização da escrita, mas de forma mais abrangente, já que se situa em outras ciências sociais humanas [e não na observação dos fatos linguísticos]. Assim, a escrita representaria um estágio mais avançado da raça humana, o que certamente a colocaria em lugar de destaque frente à fala (NEGREIROS, 2009, p.55).

²⁵ As obras **Oralidade e Cultura Escrita. A Tecnologização da Palavra (1988)** de Ong e **Domesticação do Pensamento Selvagem (1977)** de Goody são exemplares da visão reducionista sobre a oralidade. (Marcuschi, 2005)

Segundo Gnerre (1998), como herança temos ainda na atualidade um posicionamento etnocentrista das sociedades ocidentais que, de uso da visão culturalista sobre a escrita, define parâmetros de valor para as nações industrializadas que possuem o desenvolvimento considerado racional, cultural, antropológico e social, em detrimento de outras sociedades (orais) que são comparadas a “sistemas rudimentares da existência humana” (NEGREIROS, 2009, p.56)

3.1.2 LETRAMENTO(S): UM TERMO EM CONSTRUÇÃO

Os estudos de letramento têm se solidificado no Brasil, principalmente, pela voz de autoras como Kleiman (1995), Soares (2006), Rojo (1995), Matêncio (1994) e Terzi (1995).

No entanto, antes de tratar especificamente do uso do termo “letramento” ou letramentos, consideramos interessante trazer inicialmente a voz de Paulo Freire (2012). O autor trata das questões do letramento mesmo antes da expressão ter sido estabelecida pelos teóricos brasileiros.

Freire (2012) trouxe das suas experiências de vida uma nova didática e uma nova forma de conceber educação.

Sendo autor de metodologia própria de alfabetização, Freire demonstra em sua obra “A importância do Ato de Ler” que a sua proposta de ensino busca inserir o indivíduo no mundo das palavras com o viés do letramento ideológico, ou seja, sua alfabetização neste sentido deve considerar o contexto dos sujeitos envolvidos, de forma que o aprendizado da escrita e da leitura fosse realizado de forma crítica (FREIRE, 2012)

Podemos observar que Kleiman (1995), em suas palavras, é quem exime o autor do conservadorismo do letramento autônomo, embora o objeto de trabalho do mesmo seja a alfabetização:

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o "impacto social da escrita" (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Eximem-se dessas conotações os sentidos que Paulo Freire atribui à alfabetização, que a vê como capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e de libertação. (KLEIMAN, 1995, p.15-16)

Sobre a questão do letramento, ainda dentro dessa concepção freireana, podemos relacionar uma reflexão feita por Matêncio (1995, p. 242), quando a autora relata que: “a concepção de letramento que adotamos pressupõe ser a construção de sentidos pelo sujeito

permeada por suas práticas sociais, culturais e discursivas, constituindo-o como tal no momento mesmo da enunciação”.

Vale destacar um trecho do trabalho de Freire em que, nas palavras do autor, podemos sintetizar sua compreensão da importância da alfabetização crítica/reflexiva, ou o que podemos chamar de letramento ideológico, nos traz à ideia: “o ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2012, p.19).

Para o autor, portanto, a alfabetização deveria considerar o contexto de vida dos aprendizes, uma vez que o conhecimento é relacional e deve ser crítico.

[...] do pequeno mundo em que me movia; depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. [...] Os “textos”, as “palavras” as “letras” daquele contexto - em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com os meus pais. (FREIRE, 2012, p.20-21)

Embora Freire (2012) seja “o pai da alfabetização crítica” no Brasil e no mundo, a separação conceitual dos termos alfabetização e letramento ocorreu inicialmente pelos estudos de Kato²⁶ (1986), e evidenciado pela primeira vez por Tfouni²⁷ (1988).

Segundo Soares (2006), a inscrição do termo “letramento” foi um marco teórico para a linguística, uma vez que o termo ganhou estatuto nos campos das Ciências Linguísticas e da Educação. Conforme análise de Kleiman (1995), o termo “letramento(s)” tornou-se parte do discurso de especialistas da área, que passaram a utilizá-lo explicitamente, bem como aprofundaram as pesquisas nesse ramo.

A primeira obra com tratamento específico do tema foi o livro “Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita” organizado por Kleiman (1995).

É importante destacar primeiramente que, o termo analfabetismo²⁸ é vago por não se estabelecer um único tipo ou conceito de analfabetismo. A simples descrição de sujeito que

²⁶ KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

²⁷ TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes, 1988.

²⁸ Até o final dos anos 1980, as palavras alfabetização e seus correlatos (alfabetizado, analfabeto, semi-analfabeto, semi-alfabetizado, alfabetismo), leitura e escrita eram as principais palavras do nosso repertório para falar da relação das pessoas, da escola ou da sociedade com a escrita. As atividades de escrita eram práticas (de alfabetização, de leitura, de escrita, de produção de textos): práticas sociais, práticas escolares, práticas não-escolares (MARINHO-COLE, 2007, p.1).

não sabe ler e escrever ou pessoa que não foi alfabetizada torna-se inócua diante da problemática levantada, no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, sobre o uso e a classificação do que seria analfabeto, e, em contraposição, o que seria o sujeito letrado (KLEIMAN, 1995) (RATTO, 1995).

Neste sentido, vale indicar o trabalho produzido por Matêncio (1995) sobre a discussão a respeito do tema do analfabetismo pela mídia, que tratou do assunto com uma produção significativa de textos e imagens (peças publicitárias) que, mais do que colocar o tema em pauta de discussão no Brasil e no mundo, também, implicitamente, demarcou uma ideologia do letramento autônomo. Durante a “Era Collor”, foi difundido como discurso oficial ideais de cunho neoliberais - bem próximos dos conceitos disseminados durante a revolução industrial – na ocasião os investimentos em alfabetização e principalmente leiturização foram realizados com objetivos primários de qualificação de mão-de-obra para o desenvolvimento das atividades produtivas. (MATÊNCIO, 1995)

Conforme análise realizada por Matêncio sobre a produção discursiva da época, “as falas de educadores amplamente conhecidos como Paulo Freire, Magda Soares ou Emília Ferreiro”, quando apareceram na mídia, foi de forma manipulada por jornalistas para reforçar o discurso governamental, sem, no entanto, discutir as questões políticas que condicionavam, até aquele momento, a situação da educação no país e, principalmente, os altos índices de analfabetismo ou alfabetismo funcional de grande parte da população brasileira. (MATÊNCIO, 1995, p. 244) (ROJO, 1995)

Voltando um pouco no tempo, é interessante ressaltar que, já no final da década de 1960, a Organizações das Nações Unidas (ONU), através da UNESCO²⁹, buscava determinar parâmetros para classificar os indivíduos entre *letrado* e *iletrado*. Essa classificação, segundo Soares (2006, p.71), primeiro demonstrava a dificuldade de se estabelecer um conceito absoluto para os resultados sobre a taxa de analfabetismo, principalmente, porque tinha como premissa “essa linha divisória entre letrados e iletrados”. (SOARES, 2006) (GNERRE, 1985)

Gnerre (2006) afirma ainda que:

Existe [...] um verdadeiro “mito” da alfabetização, compartilhado pela maioria (ou a totalidade) dos governos, tanto de países em desenvolvimento como de países industrializados, e pela própria UNESCO. Trata-se de uma perspectiva de extrema valorização dos aspectos positivos da alfabetização, vista como um passo central num processo de “modernização” dos cidadãos. A alfabetização seria um passo decisivo para que grandes massas mergulhadas nas culturas orais abandonassem os valores e formas de

²⁹ UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

comportamento “pré-industrial, e se tornassem mais disponíveis para processos de industrialização e cooperassem de forma mais ativa no processo de expansão do poder do Estado (GNERRE, 1985, p.44-45)

Segundo o relatório da UNESCO, a agência reconhece que “o conceito de letramento é muito flexível e pode cobrir todos os níveis de habilidade, de um mínimo absoluto a um máximo indeterminado” considerando desta forma, a impossibilidade de se estabelecer esta relação em duas categorias tão limitadas (SOARES, 2006, p.71).

Genericamente, foi designado um conceito pela UNESCO para estas categorias. No entanto, sua aplicabilidade era de difícil compreensão, na medida em que o letramento não se estabelece de uma maneira exclusiva nem homogênea, de forma que, conforme cada indivíduo, seu contexto social, político, econômico, geográfico etc., tem variações incontáveis, que interferem na definição estatística de um resultado, para uma ou outra variável, um ou outro conceito (SOARES, 2006).

É **letrada** a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana.

[...]

É **iletrada** a pessoa que não consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. (UNESCO, 1958 apud SOARES, p.71, grifos nossos).

No Brasil, no final dos anos de 1980, a Fundação Roberto Marinho, que levantava a bandeira da educação e, no caso, do alfabetismo como meio para o desenvolvimento humano e econômico, utilizou-se de diferentes formas de propaganda institucional em seus veículos de informação, de forma a disseminar no país o ideário da superioridade da escrita, ou seja, de forma muito explícita, uma de suas peças publicitárias chegou a exemplificar o analfabetismo ao “pensamento selvagem” de Lévi Strauss, comparando uma pessoa analfabeta a um símio. Essa campanha não apenas reforçava a ideologia da tecnologização da sociedade ocidental através da escrita, como infligia ao sujeito analfabeto a culpa por seu fracasso socioeconômico, por não ser letrado, dentro dos padrões da época (o que veremos mais adiante no estudo do letramento autônomo) (RATTO, 1995; SOARES, 2006).

Segundo Marcuschi (2004), o letramento:

Envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e

Matemática ou escreve romances. **Letrado** é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2004, p. 25, grifo nosso)

Um trabalho que corrobora a definição dada por Marcuschi (2004) é o de Ratto (1995). Segundo a autora, sujeitos analfabetos tinham práticas de letramento dentro da ação política em sindicatos de sua categoria. Esses tinham maior contato com estruturas textuais elaboradas, como, por exemplo, a edição de atas de reunião, ofícios, memorandos, discursos panfletários, que eram textos ligados à prática burocrata da vida sindical. Esse acesso e contato contínuo com este tipo de documentação demonstrava, conforme relatado por Ratto (1995), que os indivíduos analfabetos – sujeitos da pesquisa – tinham maior repertório textual formal do que outros sujeitos que alfabetizados e até com nível de escolaridade de ensino médio não possuíam, devido à falta de aplicação e uso dos conhecimentos e, da escrita em gêneros mais elaborados.

Ratto (1995, p.268) afirma também que a fala ou “a linguagem também é lugar de constituição do sujeito” e, na nossa sociedade, o sujeito analfabeto adulto está inserido nas atividades de produção mais relacionadas ao trabalho braçal e, portanto,

O letramento é raras vezes a primeira prioridade para aqueles que são iletrados. Quando eles têm a oportunidade de definir suas próprias necessidades, é provável que primeiro enfatizem seus problemas econômicos, seguidos por tais preocupações pessoais como a vida familiar, o cuidado dos filhos, a saúde e a nutrição. (STREET, 1984 apud RATTO, 1995, p.268)

Neste sentido, não se pode afirmar que um indivíduo, por não ser alfabetizado, seja iletrado, ou que o mesmo não convive com práticas de letramento por não frequentar agências de letramento³⁰ tradicionais como a escola, pois, conforme o exemplo acima se percebe que existem vários tipos de letramento, e as suas práticas são “um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional” (MARCUSCHI, 2004, p.19).

Marcuschi (2004) enfatiza as orientações de Street (1995) em relação à análise sobre o letramento:

[...] deve-se ter imenso cuidado diante da tendência à escolarização do letramento, que sofre de um mal crônico ao supor que só existe um letramento. O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem “letramentos sociais” que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados. (MARCUSCHI, 2004, p.19, grifos do autor)

³⁰ Segundo Kleiman (1998), caracteriza-se como agências de letramento primordialmente a escola, mas também a família, instituições políticas, e todas as instituições que lidam com a escrita para o seu funcionamento, ex. bancos, tribunais de justiça, universidades, comércio, meios de comunicação, etc.

Para Kleiman (1995), o conceito de letramento foi cunhado inicialmente para separar os estudos sobre o impacto da escrita na sociedade, de outros estudos vinculados a prática de alfabetização que focavam as competências individuais na aquisição da escrita e, de forma muito clara, defendiam uma posição conservadora do letramento autônomo.

No entanto,

Os estudos sobre letramento, por outro lado, examinam o desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI, tais como a emergência do Estado como unidade política, à formação de identidades nacionais não necessariamente baseadas em alianças étnicas e culturais, as mudanças socioeconômicas nas grandes massas que se incorporaram às forças de trabalho industriais, o desenvolvimento das ciências, a dominância e padronização de uma variante de linguagem, a emergência da escola, o aparecimento das burocracias letradas como grupos de poder nas cidades, enfim, as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas. (KLEIMAN, 1995, p. 16)

De forma concisa e pontual, Kleiman afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita”, mas a escrita, nesse sentido, é contrária ao conceito escolar, não divide os sujeitos entre escolarizados e não escolarizados, entre analfabetos e não analfabetos, mas avalia as condições de contato com a escrita nas diversas esferas sociais, de forma que, o que pode determinar o grau ou nível de letramento são as formas como se utiliza “o conhecimento sobre a escrita” (KLEIMAN, 1995, p.19).

Os letramentos se distinguem entre o modelo autônomo e o modelo ideológico sendo tratados logo a seguir.

3.1.2.1. Letramento Autônomo

O letramento autônomo se constitui inicialmente como a ideia de que, através da apreensão da escrita e conseqüentemente da leitura, o sujeito estaria dotado de certa "autonomia", uma vez que a escrita neste modelo é entendida como um produto completo em si, independente do contexto para ser interpretada (KLEIMAN, 1995).

Segundo Street, o letramento autônomo pressupõe que “há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social” sendo a concepção de “letramento dominante” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

A lógica estabelecida por este modelo de letramento considera que “a escrita representaria uma ordem diferente de comunicação, distinta da oral, pois a interpretação desta última estaria

ligada à função interpessoal da linguagem, às identidades e relações que interlocutores constroem, e reconstróem, durante a interação” (KLEIMAN, 1995, p. 22).

E enfatiza que as características principais do letramento autônomo são “1. a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo; 2. a dicotomização entre a oralidade e a escrita; 3. a atribuição de "poderes" e qualidades intrínsecas à escrita, e por extensão, aos povos ou grupos que a possuem.” (KLEIMAN, 1995, p. 22, grifos da autora).

Segundo Street (1995), a escrita isolada do contexto utilizada na escola em um processo por ele denominado pedagogização do letramento. Neste sentido, podemos aferir que o letramento autônomo é relacionado à prática escolar e, por conseguinte, que a escola é a principal agência de letramento neste modelo.

O modelo autônomo também postula, através dos trabalhos de Ong (1982) e Graff (1979), que a superioridade das sociedades tecnológicas - leia-se “com escrita” - advém da maior capacidade de abstração individual, ou seja, o sujeito “letrado” é dotado de “uma lógica abstrata, livre de considerações contextuais na realização de diversas operações cognitivas, ou seja, seu pensamento é transformado pela escrita” (KLEIMAN, 1995, p.34).

Considerando que não existe neutralidade no uso da linguagem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995), e que a prática de letramento seja autônoma seja ideológico traz no uso da língua a interação e jogo de forças que pela palavra tomam sentidos e vozes que podem demarcar o dialogismo dos discursos (textuais ou verbais).

O reconhecimento de outras práticas de letramento, inseridas dentro do conjunto de letramentos ideológicos, reforça que o uso da palavra nos mais variados contextos enunciativos, estabelece a constituição dos sujeitos em interação (interlocutores) que organizam seus discursos e suas identidades, uma vez que por meio da linguagem as relações sociais são possíveis de ocorrer. (BAKHTIN, 1992) (KLEIMAN, 1995)

Dessa forma, para entendermos como se processam os letramentos nas mais variadas práticas e eventos, é preciso ponderar que

a prática social é constitutiva da linguagem, a redução da dimensão interpessoal na escrita fica difícil de ser sustentada. A linguagem, seja qual for a sua modalidade de comunicação é, por natureza, polifônica incorporando o diálogo com vozes outras que as do enunciador. Estabelecendo o enunciado, ou o que nós chamaríamos de texto, como a unidade real da comunicação discursiva, Bakhtin insiste na necessidade de focalizar o linguístico como denominador comum dos mais diversos tipos de textos, apesar de suas grandes diferenças formais e da complexidade intrínseca dos gêneros a que eles possam pertencer (KLEIMAN, 1995, p.29).

Portanto, o posicionamento crítico de Bakhtin, dentro de um perspectiva sócio interacionista se enquadra de forma mais visível com o conceito de letramento ideológico considerando suas análises de práticas discursivas que ocorrem nas relações interpessoais, também postulado por Street (KLEIMAN, 1995).

3.1.2.2. Letramento Ideológico

De acordo com Street (1984), denomina-se “modelo alternativo de letramento ideológico” quando se procura dar ênfase para o fato de que “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 1995, p. 178).

Para Kleiman (1995), o modelo ideológico não se trata da negação do outro modelo, mas do reconhecimento de que o letramento não se explica singularmente, mas no plural, pois suas práticas não se limitam a uma única e exclusiva forma.

A autora considera a interdependência entre as modalidades, quando analisa que as estruturas presentes na sociedade interagem com a escrita, esta fomentada inicialmente pela escola (principal agência de letramento), mas que constitui práticas outras de letramento, variando conforme as práticas de cada instituição, de cada grupo social, onde os sujeitos estão inseridos (KLEIMAN, 1995).

Portanto, o modelo ideológico de letramento,

não deve ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento. Os correlatos cognitivos da aquisição da escrita na escola devem ser entendidos em relação às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita na escola representa. Por outro lado, [...] o questionamento dos efeitos universais do letramento alarga o campo de investigação consideravelmente, pois aspectos específicos do fenômeno podem ser examinados relativamente a questões outras que o marco divisor entre oralidade e escrita, e mesmo as consequências cognitivas podem ser estudadas enquanto fenômenos complexos cuja correlação simplista com a aquisição da escrita esconde a complexidade do fenômeno (KLEIMAN, 1995, p.39).

Podemos, portanto, inferir que o letramento ideológico trata-se de uma concepção ampla e alternativa de letramento, que aceita que os usos da escrita e da linguagem como práticas sociais que se desdobram para além do espaço escolar e principalmente da relação entre o sujeito e o código linguístico. As práticas de letramento ideológico não seguem um rigor metodológico. Considera que os contatos do sujeito com os mais variados acervos e

suportes de leitura e escrita podem ocorrer através de outros modos de interação para além da escrita (ALENCAR, 2010).

[D]entro do Modelo Ideológico de Letramento, [...] a escrita não tem significado por si, inerente a ela; mais sim é construída socialmente por convenções e crenças e é desenvolvida dentro de tradições sociais específicas. [Entendemos que, a] escrita como linguagem, é constituída em meio a valores sociais do grupo que a utiliza e está em diálogo com esses valores. Por isso, não [entendemos] que a escrita em si seja responsável pelas mudanças sociais, mas [analisamos] os usos que os atores realizam e desenvolvem por meio dela (SITO, 2010, p. 18).

3.1.2.1 Outros Letramentos

As práticas sociais de leitura e de escrita estão presentes na vida cotidiana de praticamente toda a sociedade. Ler um livro para a escola; pegar o ônibus correto para casa ou para ir a um determinado lugar; orientar-se pelas placas quando está dirigindo; ler a bula de um remédio; fazer de conta que lê uma história, mesmo que ainda não seja alfabetizado; compor uma música com os amigos; ler o resumo das novelas na revista; fazer uma lista de compras etc. Todas essas atividades constituem formas de utilização social da leitura e da escrita, sendo assim práticas de letramento (LEITE; BOTELHO, 2011, p.2)

Segundo Rojo (2009), as pesquisas sobre o letramento tem se debruçado sobre a desigualdade entre as práticas de letramento consideradas mais valorizadas na sociedade. Apesar de haver na prática escolar um letramento hegemônico, esta modalidade não é capaz de compreender todas as formas e variações em que se apresentam os modos de se “letrar” no Brasil. Esta concepção de letramentos no plural compreende também a complexidade de estabelecimento de conceitos e o reconhecimento de que os letramentos são múltiplos, estão em constante mudança, uma vez que a sociedade atual se utiliza as mais variadas formas de uso da escrita para se comunicar dentro do curso das relações sociais. (ROJO, 2009)

Se no letramento autônomo temos a imposição da norma culta (ou segundo Bagno do Português Padrão) e dos gêneros secundários tendo o suporte da escrita, vemos nas novas modalidades de interação mediada pelas novas tecnologias como TV, rádio, celular, internet (uso de mensagens de texto instantâneas, e-mails, bate papos, etc.), que trazem para a modalidade escrita às marcas da oralidade (ou gêneros primários). (BAGNO, 2007) (ROJO, 2007)

Neste sentido, o letramento não se limita a capacidade de ler e escrever dentro da perspectiva autônoma, mas sim a capacidade de adaptação e usos dos mais variados gêneros

textuais (oral e escrito) e a eficiência na comunicação face a face ou mediada por mecanismo tecnológico (ROJO, 2009) (BAKHTIN, 1995) (SCHENEWLY, 2004).

Na sociedade, as instituições regulam a produção, distribuição e o uso de textos escritos também exercem seu poder através de relações desiguais (GNERRE, 1985). O contexto político e cultural também contribui para determinar como se apresentam os letramentos dentro das relações sociais. (MARCUSCHI, 2004) (NEGREIROS, 2009)

- Letramentos hegemônicos ou dominantes: oficiais e valorizados socialmente, como o científico, jurídico ou literário;
- Letramentos vernaculares: locais e desprestigiados, vinculados a eventos populares como jogos de bicho, enredos de escolas de samba, criações de cordel, etc. (CAMPOS ALMEIDA, 2010, p.2).

Os letramentos, hegemônicos ou vernaculares, variam de acordo com as esferas ou domínios sócios culturais e institucionais, bem como, em que formatos os textos circulam. Vale destacar que a definição da esfera ou do suporte onde se tem contato com a escrita não são rígidas e fechadas em si mesmas, tais esferas e seus textos podem interpenetrar uma nas outras (CAMPOS ALMEIDA, 2010).

Segundo Alencar (2012) os letramentos vernaculares tem como característica o fato de serem constituídos de práticas cotidianas de letramento, ou seja, não dependem do contexto institucional para ocorrer os chamados eventos de letramento. Diferentemente do letramento autônomo que se materializa dentro da formalização das agências de letramento (escolas, igrejas, repartições burocráticas e judiciárias, etc.) onde o rigor do domínio da escrita padrão e dos gêneros secundários, temos uma maior liberdade na forma como ocorrem às práticas de letramento vernacular.

As práticas de **letramento vernacular** são aprendidas informalmente. Elas têm suas raízes nas casas das pessoas e na sua educação. Uma importante distinção entre a aprendizagem vernacular e a aprendizagem que ocorre no contexto escolar ou de formação, é [...] a aprendizagem não sistematizada por uma autoridade externa (BARTON; HAMILTON, 1998 *apud* ALENCAR, 2012, p. 72)

Segundo Campos Almeida (2010) os letramentos podem ocorrer nas seguintes situações:

Letramento familiar - no lar - textos como receitas, manuais, calendários, formulários, lista telefônica, textos de moda, fofoca, agendas, diários, textos de autoajuda, jornalísticos etc.

Letramento religioso - na igreja - hinos, bíblia, folhetos, orações, cartazes etc.

Letramento escolar - na escola - textos didáticos, pedagógicos, científicos, literários etc.

Letramento jurídico - fóruns, cartórios - textos constitucionais legais ou burocráticos, documentos etc.

Letramento científico - na academia - ensaios, teses, monografias etc.

Letramentos profissionais - no local de trabalho - variam dependendo das diversas profissões e dos diversos locais de trabalho cujas práticas envolvem contato com um conjunto de textos específicos: lojas, hospitais, empresas ou indústrias, restaurantes, escritórios oficinas, cartórios, bancos, repartições públicas ou etc. (CAMPOS ALMEIDA, 2010, p.2)

4. ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CORPUS

4.1 PRÁTICAS DE LETRAMENTO CONSTATADAS NA COMUNIDADE DO TAQUARAL

4.1.1 AS ENTREVISTAS NO TAQUARAL

Durante as visitas à comunidade, encontramos com as lideranças comunitárias para levantar os dados para o início da pesquisa e, principalmente, identificar os idosos que seriam os colaboradores para a pesquisa em história oral.

Foi necessário conhecer teoricamente a questão das sociedades orais africanas e nas entrevistas ressaltar o valor dessas memórias para a construção do histórico passado e testemunhado pelas mesmas.

As primeiras visitas não foram satisfatórias considerando o conteúdo da fala dos idosos. Havia insegurança e falta de intimidade para que os idosos pudessem se sentir confortáveis para registrar suas memórias.

O exercício contínuo de busca pelas lembranças, bem como o estímulo a fala, trouxe a autoestima e o incentivo para que o processo de recordação pudesse ser mais efetivo. Esse fato é nítido ao observar a transcrição das falas que foram registradas nas últimas visitas, a capacidade de lembrar e elaborar, de descrever detalhes, mesmo com alguns lapsos, demonstram que, tanto os idosos participantes da pesquisa quanto as pesquisadoras participassem de um evento de letramento mútuo. Onde os conhecimentos e visões de mundo se integram e se transformam enquanto as interações verbais iam se processando no contato face a face.

4.1.2 O SEMINÁRIO

A Comunidade do Taquaral recebeu, em setembro de 2009, o 1º Seminário de Formação do Grupo Tricordiano Cultural Negro Nagô. Realizado em dois dias, o evento contou com apresentação de palestras de estudiosos locais e internacionais. Também foram apresentadas manifestações culturais e religiosas de origem africana. E devido à organização do grupo Negro Nagô, o evento serviu para a conscientização da importância da mobilização e união dos movimentos negros de Três Corações, que devem conhecer e se orgulhar das origens.

Um aspecto ressaltado na fala dos professores africanos Muhamed da Guiné-Bissau e Antônio que vieram ao Brasil fugidos da guerra civil em seus países, foi a autoestima do negro brasileiro.

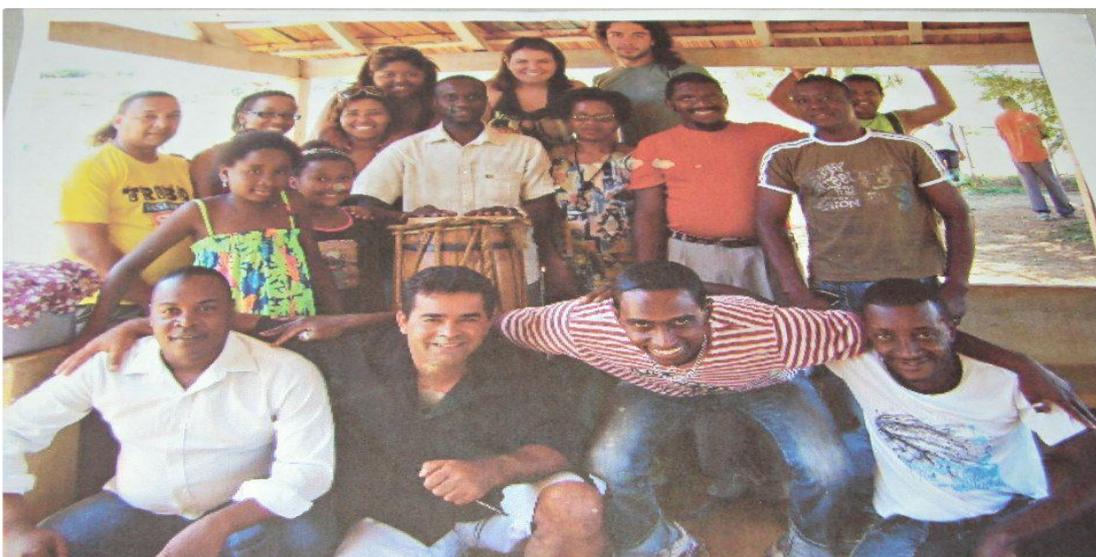
O negro precisa ter orgulho de sua cultura e origem. Precisa ter orgulho de ser negro. Quando um negro diz que é 'moreninho' está insultando a si próprio por não estar se valorizando. Muitas vezes o preconceito está no próprio negro. Enquanto o negro não se reconhecer como negro, o preconceito permanecerá. Precisamos nos valorizar e acreditar na força que temos (TERRA, 2009, p.8, grifos da autora)

O evento permitiu ao público conhecer de perto algumas manifestações da Cultura Afro-Brasileira, desvendando e valorizando a história e a importância da influência do povo negro em nosso país e, claro, de nossa cidade.

Por diferentes práticas de letramento, o seminário trabalhou com várias atividades culturais que proporcionou à população da região do Taquaral um encontro com sua raiz de matricialidade africana, nas falas dos professores africanos, bem como nas exposições feitas por Márcia Fonseca e pelo Professor Cosme do Sindicato dos Professores afiliado à CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Além do tratamento de temas culturais, foram levantadas as formas de organização dos povos africanos e ainda sugerida a mobilização dos moradores para a busca pelos direitos de reconhecimento e titulação quilombola, devido ao histórico da comunidade e a descendência de negros ex-cativos.

Figura 25 – Registro fotográfico do 1º Seminário de Formação do Grupo Negro Nagô.



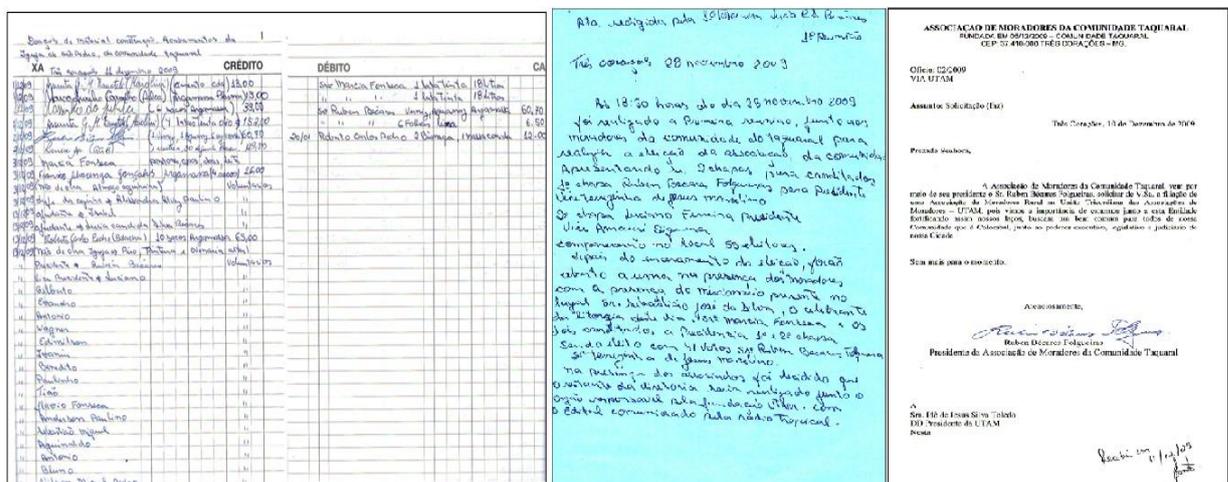
Fonte: (FACEBOOK, 2013)

A leitura de mundo trazida por professores de fora da comunidade foi acolhida pela comunidade que na sequência desse encontro, reuniu-se e fundou a AMPCT, realizou atividades conjuntas como a filiação à UTAM, construiu a Igreja São Pedro na comunidade, etc. Dessa forma, o contato com a militância na condução da formação da associação pode, junto com o trabalho cultural desenvolvido com as crianças da comunidade, fortalecer os vínculos e trazer a identificação necessária para formação política e demarcação de quilombolas.

4.1.3 A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

A constituição da Associação de Moradores e Proprietários do Taquaral colocou os moradores em contato direto com uma das práticas de letramento, a escrita de documentos como cartas de convocação para reuniões, redação de atas, elaboração do estatuto social e fundação da associação com registro em livro de ata e livro caixa.

Figura 26 – Documentos elaborados pelos moradores através da Associação de Moradores e Proprietários do Taquaral - AMPCT.



Fonte: (BARBOSA, 2012)

Mesmo que nem todos os moradores participem da redação desses documentos, a participação das reuniões e eventos dentro da comunidade, a simples comunicação dessa organização e mobilização constitui um evento de letramento.

A consciência dos moradores do Taquaral da importância da Associação de Moradores para a legitimação de seus requerimentos e queixas, independente da questão agrária de titulação quilombola é fruto de processos de conscientização política que vem sendo construído desde a democratização do Brasil, mas principalmente devido a vigência da

Constituição Federal de 1988, que amplia a participação dos brasileiros para além do processo eleitoral constituindo o controle social exercido pelo povo através de conselhos de direitos, conselhos de classe e associações da sociedade civil organizada.

A mobilização da comunidade além de gerar eventos de letramento crítico, com a criação do Estatuto Social e o levantamento de demandas da comunidade de forma coletiva.

4.1.4 RELAÇÃO PODER PÚBLICO E COMUNIDADE

Os moradores do Taquaral reconhecem o distanciamento geográfico e principalmente social da comunidade com o poder público. A presença da escola pública na comunidade não tem sido suficiente para contrapor essa constatação.

Em reunião na comunidade rural do Taquaral, ouvimos mais do que falamos e chegamos, mais uma vez, à triste constatação: lá também falta água potável. [...] Dentre os pedidos de melhorias na localidade, estão, além da água (já faz oito anos que existe promessa de poço artesiano), melhores condições da estrada, creche e fazer com que o ônibus que liga a zona urbana à zona rural chegue até a escola (PEREIRA, 2012, p.§).

Em visita à comunidade, Cláudio Pereira, eleito prefeito para o mandato 2013-2016 em Três Corações, conversou com os moradores visando colher as reclamações, bem como buscar apoio político para o pleito do qual foi vencedor.

Figura 27 - Reunião dos moradores da Comunidade do Taquaral com Dr. Cláudio Pereira (candidato à prefeito de Três Corações), no Bar do Luiz Antônio em 18 de abril de 2012



Fonte: (PEREIRA, 2012).

Essa reunião ocorrida em um bar localizado no início da comunidade do Taquaral, considerando o motivo (eleição) e o tema da discussão (as queixas da comunidade) foi um evento de letramento crítico, em que houve espaço para o contato direto com o prefeito que, na oportunidade, estabeleceu um relacionamento direto com os moradores e firmou o

compromisso de cumprir com queixas que são por muito tempo negligências pelos representantes do executivo municipal em gestões anteriores.

O exercício da democracia, que está inscrito na Constituição Federal, traz a oportunidade de eleger seus representantes de forma direta e participar da gestão através do controle social. Mesmo que não se tenha utilizado da publicação da lei naquele momento, o evento, as atividades desempenhadas e o gozo do direito a livre expressão, de votar de participar estavam sendo aplicados de forma concreta.

O único equipamento público presente na comunidade é a escola. Os demais equipamentos como o bar e a igreja são espaços de socialização e pontos de referência para os moradores do Taquaral.

A escola, além de ser a agência de letramento autônomo e ideológico dentro do Taquaral, é o local em que se concentram ações pontuais realizadas pela prefeitura em ocasiões especiais, como datas comemorativas, feriados de dias santos, etc.

4.1.5 A RELIGIÃO ENQUANTO PRÁTICA DE LETRAMENTO

Na entrada do Taquaral, as margens da rodovia MG-167, temos a Comunidade Evangelizadora Magnificat (CEM). Entidade ligada à Igreja Católica, tem na liderança do Sacerdote Pedro Paulo dos Santos – mais conhecido como Padre Pepê – um trabalho realizado tanto a nível local quanto regional. Segundo o site do CEM, a entidade trabalha “com EVANGELIZAÇÃO FUNDAMENTAL BÁSICA”, ou como eles nomeiam “Cristologia, Eclesiologia e Pneumatologia”. (MAGNIFICAT, 2013, p.§)

Figura 28 – Comunidade Evangelizadora Magnificat (Símbolo e foto da entrada)



Fonte: (MAGNIFICAT, 2013) (FIGUEIREDO, 2012)

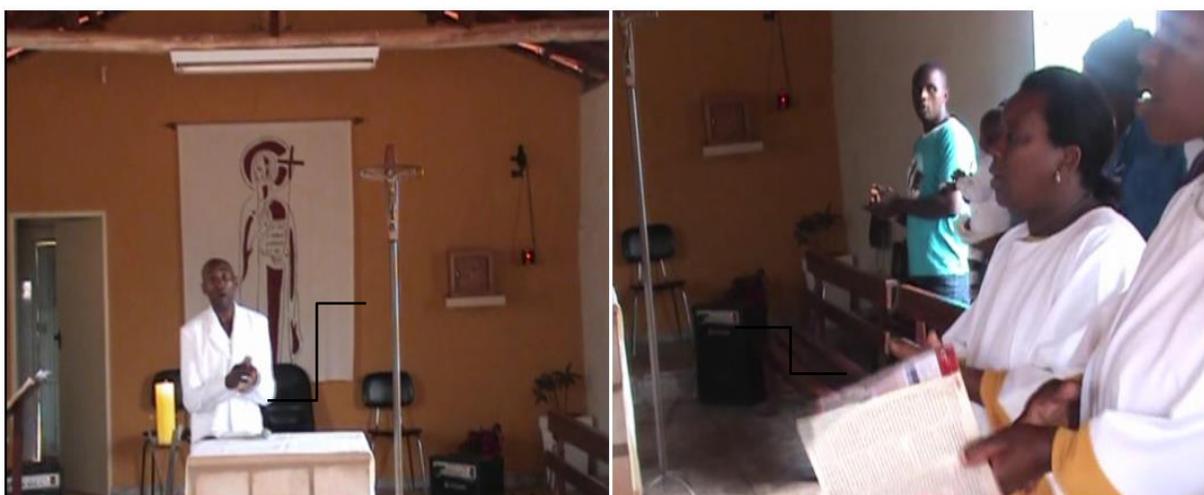
Animamos grupos de oração e ações evangelizadoras diversificadas. Trabalhamos com os jovens, famílias, pobres, nos meios de comunicação, nas artes, nas obras de misericórdia junto aos dependentes químicos, com grupos políticos, formação de vida espiritual, educação, promoção humana em geral e obras sociais (MAGNIFICAT, 2013, p.§)

Devido a sua proximidade com o Taquaral e a ligação com o catolicismo, podemos inferir que o trabalho de evangelização feito com moradores do Taquaral contribuiu para a construção da Igreja de São Pedro na comunidade logo após a fundação da Associação de Moradores, bem como a presença de muitos moradores jovens nas celebrações dominicais realizadas semanalmente. O culto é dirigido pelo líder comunitário Roberto, que é casado e morador da comunidade.

Segundo Bauru (2013, p.§), em comunidades onde não é possível a presença de um presbítero, procura-se designar uma pessoa para assumir a presidência da celebração. A figura do presidente é elevada ao mesmo nível de importância da assembleia (demais participantes) que se reúne com o objetivo de “partilhar a Palavra de Deus”, de forma que aquele que ocupa a presidência da celebração não é constituído de nenhum poder especial, mas realiza um serviço à comunidade.

A “presidência” ou coordenação da celebração dominical da Palavra fica por conta de um diácono, de um coordenador da comunidade, de um ministro da Palavra, MECE, de um catequista ou outra pessoa designada pelo padre ou pela comunidade para exercer tal função. A presidência também pode ser compartilhada, repartindo entre si as diversas funções (BAURU,2013, p.§).

Figura 29 - Letramento religioso com o uso de material escrito para realização e acompanhamento da celebração.



Fonte: (FIGUEIREDO, 2012)

O mesmo segue uma publicação fornecida por representantes do CEM e, além deste material impresso, também são utilizados cadernos com os hinos que são cantados durante as celebrações.

Jovens participam tocando os instrumentos musicais e auxiliando com a realização de outros procedimentos do culto. Também são responsáveis pelos ministérios de música e pelo trabalho de catequização das crianças. Podemos ilustrar esta prática através do trabalho de Figueiredo (2013), no qual é apresentado o perfil do jovem e adolescente quilombola da comunidade do Taquaral. As atividades relacionadas à Igreja se conformam tanto como letramento religioso, que é desenvolvido pelos adolescentes e jovens, quanto uma atividade de lazer.

A constituição de um campo religioso como um sistema de práticas e representações reflete [...] a necessidade de "moralização" e de "sistematização" das crenças e práticas religiosas [...] A prática de fidelização estabelece uma sequência canônica da ordem de difusão - fidelização e rito - cujo objetivo é estimular a fidelidade a uma determinada práxis religiosa. Temos um processo de sistematização e de moralização das práticas e das representações religiosas que vai das Sagradas Escrituras, tidas como discurso fundador, até a sua ritualização pelas práticas religiosas. Esse processo institui a constituição de instâncias especificamente organizadas, nas quais um corpo sacerdotal realiza a produção e difusão dos bens religiosos. Nele um patrimônio sagrado de símbolos de fé, deixados por Jesus, como quer essa mesma fé é ritualizado pela Igreja mediante a instituição de práticas litúrgicas. (RAMOS-SILVA, 2011, p.60).

Pode-se inferir que a Igreja é, depois da escola da comunidade, a principal agência de letramento no Taquaral e ponto de referência para a reprodução social dos moradores locais.

Dentro das práticas de letramento ideológico que ocorrem dentro da Escola Nelson Resende Fonseca no Taquaral, temos a expressão da religiosidade católica se reproduzindo através do ensino da Congada, da Folia de Reis e da Festa do Divino. Todas essas manifestações "culturais" se desenvolvem a partir do discurso religioso e se conformam por meio da transmissão entre gerações que passam os ritos, as músicas, as danças que remetem ao contexto da fé.

A religião católica não é unânime na comunidade do Taquaral, constatamos em visita a outros moradores, a existência de cultos protestantes (evangélicos) em outras casas da localidade. Nesses cultos são utilizadas as leituras da Bíblia e o canto de hinos ligados às igrejas localizadas na área urbana.

Podemos creditar tanto à prática religiosa católica quanto à protestante a indissociável ligação com a "Palavra de Deus", ou seja, o uso do texto bíblico como referência. A utilização das escrituras pode ocorrer diretamente por meio da reprodução de trechos e conceitos,

dispostos em folhetos e materiais elaborados pela Igreja Católica. A legitimidade dos textos bíblicos trazem si, instituída a autoridade da palavra escrita, que representa a voz de um locutor divino, uma autoridade inquestionável.

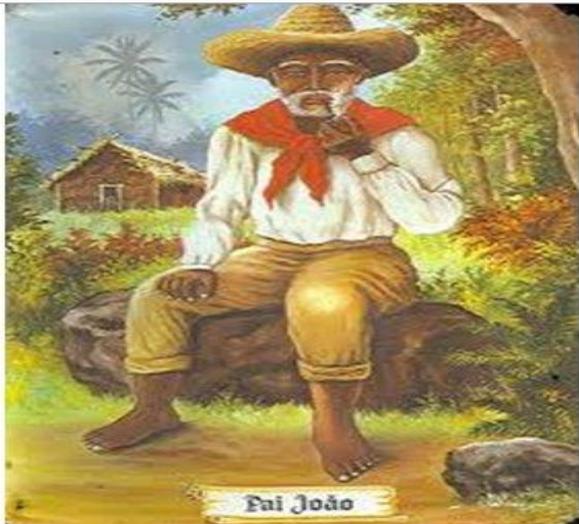
Para Ramos-Silva (2011)

mediante a utilização do argumento de autoridade expresso pela referência à palavra divina. Verificamos a projeção do *éthos* de um intelectual cristão, que modula sua voz por meio de um tom instrucional [e nesse sentido a] referência a Sagrada Escritura [a Bíblia] institui-se como verdade inquestionável. (RAMOS-SILVA, 2011, p. 134)

A presença preponderante da estrutura e prática religiosa católica tem influenciado sobremaneira as formas de representação dos moradores do Taquaral. Dentro e fora da estrutura da Igreja é possível detectar “práticas simbólicas ritualizadas pela instituição religiosa” e/ou construídas pelos seguidores da fé cristã através dos tempos (a congada, a folia de reis, o candomblé).

Não foram detectadas outras práticas religiosas no Taquaral, no entanto, durante a realização do Seminário do Grupo Negro Nagô, nas apresentações das palestras o tema das religiões de matriz africana foi abordado, inclusive a explicação para a escolha do nome do Grupo Cultural Negro Nagô se deu devido a origem dos nagôs em solo africano. Tratava-se uma etnia que possuía um status social elevado, considerada elite espiritual que dominava outras etnias.

Figura 30 - Cantiga do Pai João ensinada às crianças do Taquaral no Projeto Nossa história, nossa vida

<p><u>PAI JOÃO</u></p> <p>SE A PEDRA É DURA É DURA DE QUEBRAR CORAÇÃO QUE NÃO BAMBEIA HOJE TEM QUE BAMBEAR</p> <p>EU PISEI NA PEDRA E A PEDRA BALANCEOU O MUNDO ESTAVA TORTO PAI JOÃO ENDIREITOU</p> <p>É PAI JOÃO É QUEM ABRE CAMINHO É PAI JOÃO É QUEM ABRE O CONGÁ SEGURA SUA CANDIRA MEU PAI JOÃO NÃO DEIXA ESSE CONGÁ VIRÁ</p>	
--	--

Fonte: (TRÊS CORAÇÕES, 2013).

Conforme nosso estudo, as atividades religiosas estão imbuídas de práticas de letramento autônomas e vernaculares. O uso do suporte escrito, ou a transmissão das histórias orais relacionadas às divindades ou a própria história e parábolas de Jesus Cristo, possibilitam que o uso de estratégias que utilizem da escrita ou dos conhecimentos dessa ocorra também pelo viés religioso.

Outra atividade realizada na comunidade do Taquaral que trouxe uma referência para as religiões de matriz africana foi a inclusão do canto do Preto João, durante a execução do projeto “Nossa história, nossa vida” que podemos considerar uma alegoria da figura do Preto Velho.

4.1.6 A ESCOLA NO TAQUARAL

Conforme podemos aferir nos estudos sobre o letramento, a escola é a principal agência de letramento autônomo (KLEIMAN, 1995). No entanto, podemos ver os múltiplos letramentos ocorrer em uma perspectiva diferente na comunidade do Taquaral. A comunidade escolar reconhece que seus alunos são herdeiros de uma tradição cultural e que o distanciamento dessa poderia ser a causa da baixa autoestima e de outras questões presentes na vidas dessas crianças e de suas famílias. (ROJO, 2007)

Figura 31 - Atividades realizadas na E.M. Nelson Rezende Fonseca no Dia da Criança em 2012.



Fonte: (TRÊS CORAÇÕES, 2013).

O contexto histórico cultural e familiar foi o ponto de partida para que ao serem reconhecidos como relevantes para a construção da identidade dos alunos e posteriormente de suas famílias, tornou-se tema fecundo para o fomento de novas atividades pedagógicas que geraram novas práticas de letramento e a partir desse trabalho, as apresentações das crianças dentro e fora do Taquaral tornaram-se evento de letramento para o público expectador dessas danças, músicas e festejos tradicionais como a folia de reis e as congadas.

A E.M.Nelson Rezende Fonseca está localizada na Fazenda Taquaral, zona rural, município de Três Corações e atende comunidades próximas (alunos de 5 a 10 anos aproximadamente). A economia da região tem por base a atividade agropecuária que emprega a mão-de-obra da localidade. A maioria da população é negra e enfrenta vários problemas sociais, inclusive de aceitação racial. Todos os dias, a escola enfrenta os reflexos destes problemas sociais e, conseqüentemente, o desinteresse de muitos alunos pelos estudos. Diante desse, professores, direção e funcionários perceberam a necessidade de um trabalho diferenciado que desencadeasse a melhoria da autoestima dos alunos, o orgulho de pertencer à raça negra e a comunidade rural, ou seja, o “aprender a ser”. Os alunos precisam aprender a assumir a própria identidade e a integrar-se na comunidade de forma positiva (TRÊS CORAÇÕES, 2012, p.§)

O ensino das manifestações culturais na escola Nelson Rezende Fonseca no Taquaral colabora para ampliar as práticas de letramento presente na escola. Neste sentido, temos nas apresentações dentro e fora do ambiente escolar, os eventos de letramento que trabalham elementos culturais, ideológicos e políticos.

Através do projeto “Nossa história, nossa vida” a comunidade escolar do Taquaral traçou objetivos que, além de cumprir com a obrigatoriedade do ensino da história e contribuição do negro e afrodescendente para o desenvolvimento do Brasil, e ainda, resgatar a cultura original das famílias do Taquaral, também ampliou o leque de atividades pedagógicas, o que repercutiu na relação que as famílias tem com a cultura, a história e a identificação com a questão quilombola.

- Envolver comunidade escolar e local na discussão e abordagem do tema (questão racial e respeito às diferenças);
- Reconhecer a formação étnica e cultural do Brasil e, em especial, a influência africana na formação do povo brasileiro;
- Desenvolver o senso crítico do aluno, a fim de que ele se torne menos vulnerável à situação de preconceito;
- Promover o resgate da história e da cultura local pelo reconhecimento de suas origens e tradições, envolvendo a comunidade na produção do conhecimento histórico;
- Divulgar o conhecimento para a própria comunidade, a fim de que seus membros se reconheçam como sujeitos socioculturais, cujo cotidiano sofre as influências do passado;
- Produzir registro da história local e catalogar documentos históricos da comunidade;

- Favorecer a convivência entre todos os alunos;
- Desenvolver a leitura, interpretação e produção de textos (TRÊS CORAÇÕES, 2012, p.8).

Neste sentido, podemos destacar que os eventos de letramento decorrentes desse projeto aproximou a comunidade de seu passado e vem impactando tanto as crianças das comunidades quilombolas do Taquaral e da Cotta, mas principalmente a sociedade tricordiana tem recebido as apresentações culturais nos mais diversos eventos públicos o que quebra o isolamento em que as comunidades rurais estão sujeitas.

Figura 32 – Imagens do projeto “Nossa história, nossa vida”



Fonte: (TRÊS CORAÇÕES, 2013)

O resgate da autoestima ocorre internamente com as atividades dentro da escola e externamente, com a constante menção e exposição dos trabalhos realizados pelas crianças do Taquaral na imprensa local e regional.

Doc. 1³ – você vai na escola ali... lá em cima...

L⁵⁰ – vai... passava na creche... agora já tá na escola... tá com seis anos... vai na escola...

Doc. 2⁵² – tá com seis anos...

Doc. 1⁴ – você tá com seis anos... nossa... você é grande...

Doc. 2⁵³ – eh::: grande...

L⁵¹ – artêra...

Doc. 2⁵⁴ – e vocês estão... participando do projeto da Dona Márcia... lá... na sexta feira...

L⁵² – ih::: todos... aquele troço deles lá... que a Márcia lá... que a Márcia é amiga da gente...

Doc. 2⁵⁵ – ah::: gracinha... ela né... muito bacana...

L⁵³ – então... é esses dia eles fôro numa festa lá na cidade... lá ... aí a... Márcia pôs eiz como cativo... como do cativo

L 2³ – eh::: de... fazenda velha...

L⁵⁴ – Fazenda Velha... (TRECHO DO INQUÉRITO 02 – Linha 145-156, grifos nossos).

Segundo Rojo (2009, p.12), é papel da escola “potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica”.

Figura 33 - Capoeira, dança e músicas ensinada às crianças do Taquaral no Projeto Nossa história, nossa vida.



Fonte: (TRÊS CORAÇÕES, 2013).

Quando ocorre o ensino da dança da música e dos ritos do passado, a história do negro desde sua presença em solo africano, trazendo para as mazelas da escravidão e chegando ao processo de abolição, vemos que o objetivo é ensinar e resgatar a autoestima das crianças para sua identificação com as bandeiras de luta do segmento negro e em especial, com os quilombolas.

Para a direção da escola Nelson Rezende Fonseca o trabalho realizado com as crianças significa

Troca de Saberes [...] Oficinas de leitura e escrita [onde] são desenvolvidas a partir do interesse dos alunos, dentro de um contexto real e próximo. As questões relativas ao processo de aprendizagem são planejadas e enfocadas com vistas a promover espaços de discussão, debates, questionários, entrevistas, assembleias, vídeos, textos, palestras, excursões (TRÊS CORAÇÕES, 2013, p.§).

Desta forma, professores e voluntários fazem analogia com o que é dramatizado nas apresentações com a ligação desses fatos históricos a vida familiar e comunitária das crianças do Taquaral, constituindo dentro do âmbito escolar o letramento ideológico.

4.1.7 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A TV e o rádio são os mecanismos de comunicação (tecnológica) mais frequentemente utilizados pelos moradores do Taquaral. A distância da comunidade da zona urbana bem como o modo de reprodução social rural praticamente afasta os moradores de outras possibilidades de contato com as informações de fora do contexto local.

Figura 34 - Imagens dos meios tecnológicos presentes na Comunidade do Taquaral.



Fonte: (FIGUEIREDO, 2011; TRÊS CORAÇÕES, 2012).

Sabemos que os meios de comunicação são suporte para os gêneros textuais, e mesmo que no rádio e na TV tenhamos outros elementos como a voz e/ou a imagem, em sua maioria, as falas são elaboradas e organizadas através da escrita, levando-se em consideração os aspectos de cada gênero de cada veículo e dos objetivos presentes em cada esfera comunicacional (jornalística, jurídica, entretenimento, etc.).

Mesmo sem o contato direto com a escrita na condição de ouvintes ou telespectadores, os moradores do Taquaral vivenciam eventos de letramento ao utilizarem desses meios para obter informações e conhecer fatos externos à comunidade.

O uso de telefonia móvel através dos celulares também é uma forma de contato com as novas tecnologias e, principalmente, exige do usuário do aparelho celular um letramento multissemiótico, pois este “suporte” além de permitir o contato oral pela conversação falada também permite a utilização da escrita e do uso de outros elementos semióticos tais como caracteres especiais, figuras, fotos, etc.

Apenas na escola existem meios de acesso a computadores e a internet, esse acesso é monitorado pelas professoras e as crianças passam pelo processo conhecido como inclusão digital.

O uso das tecnologias na comunidade do Taquaral representa a ocorrência letramentos emergentes com o uso de outros meios para a comunicação e interação mediada por tecnologias da informação presente no cotidiano de seus moradores.

4.1.8 RELAÇÃO COMUNIDADE E ACADEMIA

A presente pesquisa empreendida na comunidade do Taquaral gerou através da coleta dos relatos orais, transcrição e coleta das autorizações de uso com a leitura e endosso dos termos de cessão. Além da pesquisa documental o acesso tanto dos moradores da comunidade quanto das pesquisadoras tornaram-se práticas de letramento vernaculares e multissemióticos com o registro fotográfico, escaneamento de documentos, mapas e outros registros.

Figura 35 - Fotos das pesquisadoras em visitas e contato com membros da Comunidade do Taquaral em 2011.



Fonte: (FIGUEIREDO, 2011)

O levantamento de informações e a contato constante com os colabores da pesquisa permitiram a troca de experiências e a atualização das informações do andamento dos trabalhos, além de oportunizar novos eventos de letramento

Se a comunidade contribui para a pesquisa acadêmica, a academia também traz para a comunidade outras oportunidades de letramento, com a abertura de espaço para outras pesquisas (além da presente pesquisa linguística), na área das Ciências Sociais, como a empreendida pelo curso de Serviço Social da Universidade Vale do Rio Verde que, com a aplicação de questionários, busca traçar um perfil socioeconômico e ambiental do Taquaral e, dessa forma, em parceria instituir projetos de extensão que viabilizará o acesso a direitos sociais e o fomento de maior controle social dos membros da comunidade na relação dos mesmos com o poder público local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho tem a intenção de iniciar um estudo linguístico dentro de uma comunidade tradicional no município de Três Corações – MG. As linhas de análise em letramentos e oralidade foram definidas a partir do levantamento do *corpus* e, ainda assim, não esgotamos todo o potencial de estudos que esse objeto nos traz.

Podemos através da contextualização do nosso objeto compreender o processo de desenvolvimento das práticas de letramento em uma comunidade rural e, mais do que isso, apesar da segregação em relação ao contexto urbano, observar vários eventos de letramento que são incentivados no espaço comunitário e o engajamento coletivo, em prol da representação através da associação de moradores, aproximou ainda mais os moradores do Taquaral com as práticas de letramento burocrático.

Enquanto a escola, agência privilegiada de letramento autônomo, deixa de ser apenas reprodutora do pensamento hegemônico do mito da escrita e possibilita multiletramentos e letramentos ideológicos, que transformam a realidade de seus alunos e da comunidade com o resgate da cultura das tradições rurais e de matriz africana.

A cultura original da comunidade está guardada na memória dos moradores mais idosos, e neste conjunto de elementos culturais, podemos também agregar às manifestações e a linguagem em dialeto rural, principalmente por ser uma variante desprestigiada do português brasileiro.

Outro aspecto interessante que podemos destacar é a junção entre duas áreas de conhecimento, a Linguística (Letras) e a História Oral. Enquanto os estudos de Dino Preti contemplam o segmento idoso da população e aprofunda a análise da linguagem desses de forma a romper com o preconceito tão em voga nas sociedades ocidentais e, dentre elas, a brasileira. Vemos os trabalhos de Thompson, Bosi, Meihy e Freitas investigando através da oralidade o passado e reconstruindo-o no presente.

E através das falas de moradores que nos foi desvendada a trama de inúmeras práticas de letramento, e mesmo com a presença mínima de equipamentos públicos, como a escola e a igreja, foi possível elencar dentro de vários aspectos as mais variadas práticas de letramento, seja vernacular, escolar, multisemiótico, midiático, político, burocrático, etc. Embora essas práticas não atinjam os moradores do Taquaral de forma homogenea, todas as práticas levantadas influenciam nas relações sociais dentro do território e fortalece os vínculos com sua história e seu passado.

Esse trabalho também em caráter inicial não se esgota com esta pesquisa, mas abre o caminho para que dentro da academia esses questionamentos possam ganhar força e com a adesão de novos pesquisadores definirem elementos que consolide a comunidade pesquisada dentro de um padrão linguístico, ou seja, como uma comunidade diferenciada linguisticamente.

6. REFERÊNCIAS

ÁGERE, Ágere Cooperação em Advocacy. **Aula 1 - O marco legal dos direitos da população negra que deu origem ao Conselho Nacional de Políticas de Igualdade Racial - CNPIR**. Brasília: SEDH/PR, 2006.

ALENCAR, Maria Cristina Macedo. **Práticas Sociais de Letramento em um Acampamento do MST no Sudeste do Pará: Contribuições à educação de jovens e adultos do campo**. Maringá: UEM, 2010. Anais do 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. ANAIS ISSN 2177-6350

ALI, Hassan O.; MAZRUI, Ali M. **Teach Yourself Swahili August 3, 2004**. Disponível em: http://www.glcom.com/hassan/lessons/teach_yourself_swahili_cd_content.pdf Acessado em 04/01/2013 às 15:23

ALI, Hassan O.; MAZRUI, Ali M. **A Brief History of the Swahili Language**. Disponível em: http://www.glcom.com/hassan/swahili_history.html Acessado em 12/02/2013 às 10:07

AMARAL, Amadeu. **O dialeto Caipira**. In: Biblio.com.br – A biblioteca virtual de literatura. Disponível em: <http://biblio.tempsite.ws/defaultz.asp?link=http://biblio.tempsite.ws/conteudo/AmadeuAmaral/odialetoaipira.htm> Acessado em: 15/02/2013 às 14:53

AQUINO, Rafael; CANTO, Rafael Antunes do; PEREIRA, Juliet Schuster; ZEPKA, Gabriela Ribeiro.. **A construção do herói na tradição oral da África Ocidental**. In: Revista Noctua, Brasília, Vol. 0, N. 5, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/noctua/article/view/5157/5629>>. Acesso em: 28 Jan. 2013 às 21:45

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2007. 240p.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009. 318p.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. [Volochinov]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Ed. 7. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, Camila Martins. **Fotografia E Memória: Uma análise semiótica de imagens do século XX**. Brasília: UniCEUB, 2007 (Monografia) Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2451/1/20413170.pdf> Acessado em: 04/01/2013 às 17:23.

BARBOSA, Márcia Fonseca Lemos. **Acervo de documentos pessoais sobre as origens da Comunidade do Taquaral**. Três Corações, 2012.

BARTON, David e HAMILTON, Mary. Local literacies: reading and writing in one community. London: Routledge, 1998. In: ALENCAR, Maria Cristina Macedo. **Práticas Sociais de Letramento em um Acampamento do MST no Sudeste do Pará: Contribuições à educação de jovens e adultos do campo**. Maringá: UEM, 2010.

BAURU, Diocese de. (Divino Espírito Santo). **Formação de novos ministros - Celebração da Palavra**. Disponível em: http://www.bispadobauru.org.br/nova/estudos.php?acao=ler&estudo_id=133 Acesso em: 18/05/2013 às 19:27.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 14ª Edição

_____. **O tempo vivo da memória; ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de cadastramento de famílias quilombolas**. Brasília: MDS, 2010.

CALHEIROS, Felipe Peres; STADTLER, Hilda Helena Coraciara. **Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras**. Rev. katálysis, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/16.pdf> Acessado em: 09/01/2013.

CAMPOS ALMEIDA, Ana Lúcia. **Letramentos – Curso de Extensão Mestrado em Letras**. Três Corações: UninCor, 2010. (no prelo).

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros**. Campinas, SP: Unicamp, 2006. (Tese Doutorado – Universidade Estadual de Campinas)

CHAVES, Danisa. **Folia de Reis na cidade de Três Corações: um estudo sobre cultura popular na Festa de Reis**. Três Corações, Unincor, 2011. (Dissertação- Mestrado em Letras - Universidade Vale do Rio Verde)

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. – 7.ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FIGUEIREDO, Débora Cristina Silva. **Documentário Taquaral Raízes**. Belo Horizonte: UniBH, 2012

FIGUEIREDO, Namar Oliveira Silva. **Acervo pessoal de fotos da Comunidade do Taquaral em Três Corações**. Varginha, 2011 68 fotos il color

FIGUEIREDO, Namar Oliveira Silva. **A Identidade Cultural sob a Influência da Mídia: Um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral.** (Dissertação em andamento). Três Corações: UninCor, 2013.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HAVELOCK, Eric. A Equação Oralidade – Cultura Escrita: Uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R., TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade.** São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMANN, Anita G.; GONÇALVES, Rosana. **Os Tempos de Ditadura no olhar ficcional de Frei Betto.** Guarapuava, UniCentro, 2009.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B.(Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. **Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação.** In: ROJO, Roxane (org.). Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LEITE, Josieli Almeida de Oliveira; BOTELHO, Laura Silveira. **Letramentos Múltiplos: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e de escrita.** In: Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery - Curso de Pedagogia - N. 10, JAN/JUN 2011 Disponível em: <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDMx> Acessado em: 08/02/2013 às 20:12.

LEMES, Rejany Carvalho. **O congado em Cambuquira: devocionais de música e dança.** Três Corações: Unincor, 2011. (Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Vale do Rio Verde)

LIZ, Anderson Henrique. Levantamento Planimétrico da Comunidade do Taquaral (MAPA). Três Corações: PMTC, 2007.

MAGNIFICAT, Comunidade Evangelizadora, **Site da Comunidade Evangelizadora Magnificat 2013.** Disponível em: <HTTP://www.comunidade magnificat.net.br> Acessado em: 19/03/2013 às 13:38

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARINHO-COLE, Marildes. **Letramento no Brasil: Um conceito em construção.** 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2000. 3ª Edição revista e ampliada.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. **Marcas da Oralidade na poesia de Manuel Bandeira.** São Paulo: Paulistana, 2009.

PEREIRA, Claudio (Blog). **Reunião na Comunidade rural do Taquaral; mais uma vez a**

falta de água... Disponível em:
<http://drclaudiopereira.blogspot.com.br/2012/04/reuniãonacomunidade-rural-do-taquaral.html> Acessado em: 18/03/2013 às 12:04.

PRETI, Dino. **A Linguagem dos Idosos – Um estudo de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

PRETI, Dino (Org.) **Análise de Textos Oraís - 6ª Ed** – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

PORTAL BRASIL. Pagina do governo federal. **Cidadania**. Brasília: PR, 2013. Disponível em:
<http://www.brasil.gov.br/> Acessado em: 25/01/2013 às 15:28.

RATTO, Ivani. Ação Política: Fator de construção do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, A. B.(Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramentos digitais – A Leitura como Réplica Ativa**. In: Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas, 46 (1): 63-78, Jan.Jun.2007. In:
<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/viewFile/1850/1445> Acessado em: 16/05/2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RUIZ, Eliana M. S. D.; **Manual para normalização de trabalhos acadêmicos**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas**, In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S., **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SCHOBER, Juliana. **Resenha Memória & Sociedade: Lembrança de Velhos – Ecléa Bosi**. Campinas: Unicamp/Labjor, 2004. Disponível em:
<http://www.comciencia.br/resenhas/memoria/velhos.htm> Acessado em: 16/10/2011

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. UFSC/PPGEP/LED: Florianópolis, 2001. In: CARVALHO, Leonora Guiné de Mello. **Estereótipo e identidade em piadas sobre o mineiro: uma perspectiva da análise do discurso**. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2011. (Dissertação).

SITO, Luanda Rejane Soares. **“Alí tá a palavra deles”:** um estudo sobre práticas de letramento em uma comunidade quilombola do litoral do estado do Rio Grande do Sul. Campinas: São Paulo, [s.n.] 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, Bryan. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sócio-Linguística**. São Paulo: Ática, 1990.

TERRA, Danielle. **Seminário discute cultura afro-brasileira em Três Corações**. In: <http://pontoporpono.org.br/paulodemorais/blog/seminario-discute-cultura-afro-brasileira-em-tres-coracoes> Acessado em: 25/10/2011 às 18:53.

TERRALETRAS, Portal Terra. Letras de Músicas - **Letras.mus.br** Disponível em: letras.mus.br Acessado em: 17/01/2013 às 18:45.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (Org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral. 2. edição**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 3ª Edição

TRÊS CORAÇÕES, Secretaria de Educação de. **E.M Nelson Rezende Fonseca - Homenagem ao Rei Pelé**. In: Portal da Educação Disponível em: <http://www.tricor.com.br/seduc/portal/noticia.asp?NOTCodigo=1260> acessado em 11/02/2013 às 10:29

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE. **Manual de normatização da pós-graduação, rev. e ampl.** Três Corações, 2005. 71 p.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: História Geral da África. Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.